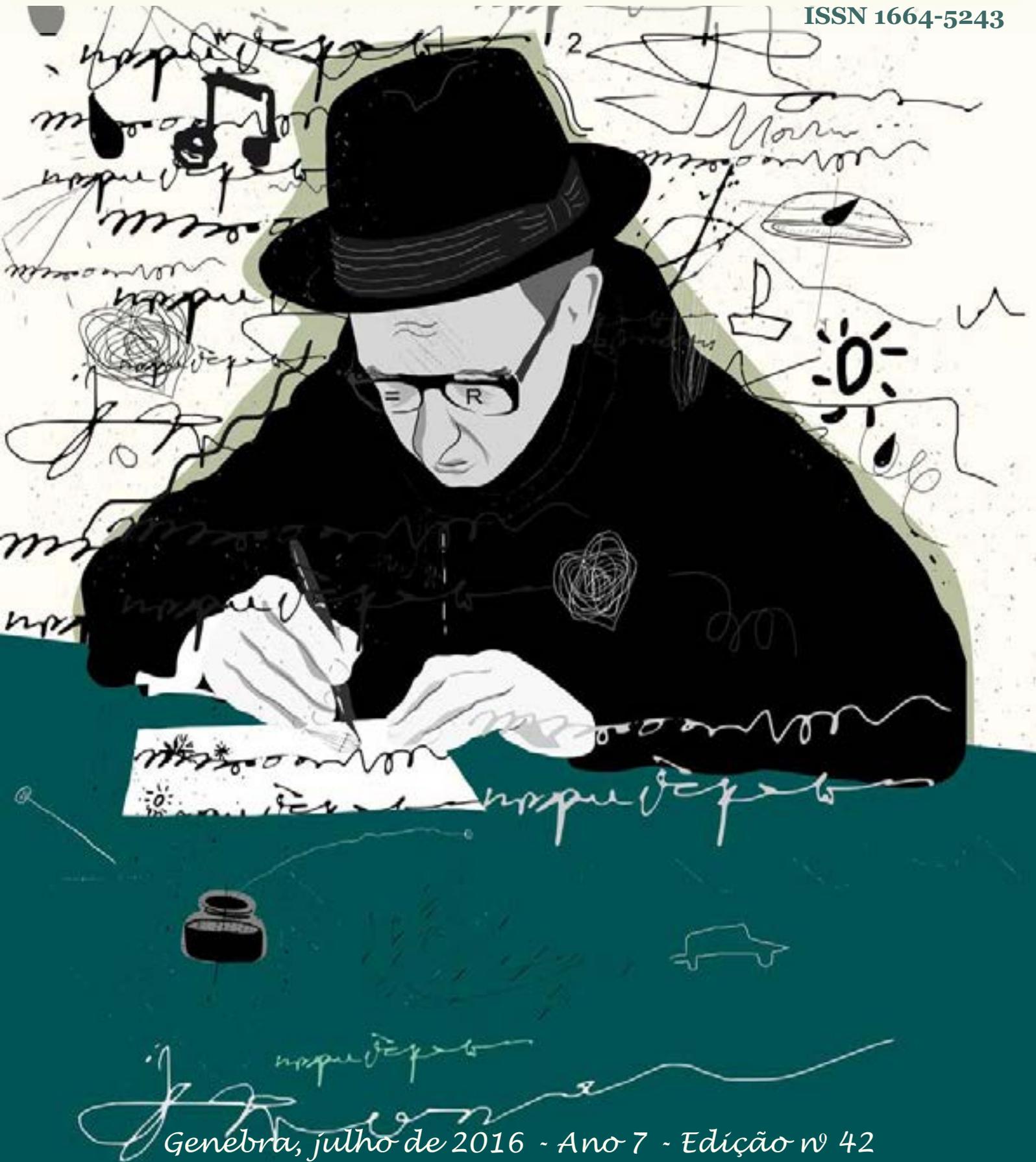


VARAL DO BRASIL

Literário, sem frescuras!

ISSN 1664-5243



Genebra, julho de 2016 - Ano 7 - Edição nº 42



VARAL DO BRASIL

Literário, sem frescuras!



ISSN: 1664-5243

Edição nº 42

Genebra, verão de 2016



EXPEDIENTE

Revista Literária/Caderno Literário

VARAL DO BRASIL

Literário, sem frescuras!

ISSN 1664-5243

Ano VII - N° 42

Publicação bimestral com distribuição eletrônica gratuita através das plataformas ISSUU e SCRIBD. São realizadas edições especiais que se intercalam entre as regulares.

Diretora-Proprietária: Jacqueline Aisenman

Edição e diagramação: Jacqueline Aisenman

Revisão parcial de cada autor

Revisão geral: Jacqueline Aisenman

Colaboradores: Escritores e colunistas enunciados na seção Pendurados no Varal.

Todos os textos publicados no Varal do Brasil foram enviados por seus autores ou por representantes dos mesmos.

A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto e dos textos das colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.

Copyright

© Cada autor detém o direito sobre o (s) seu (s) texto (s) aqui publicado (s).

© Os direitos da revista pertencem a Jacqueline Aisenman.

Redação: Genebra - Suíça / ISSN e marca VARAL DO BRASIL registrados em Berna, Suíça em nome de Jacqueline Aisenman. A utilização da marca sem consentimento prévio e escrito é passível de processo judicial.

Foto de capa: © moypapaboris - Fotolia

Foto da página 2: © vargaz - Pixabay

Foto da página 3: © magdal3na - Fotolia

Foto da contracapa: © laurette - Pixabay

As ilustrações são provenientes de diversos sites de imagens de domínio público (gratuitas) ou que possuem o direito de publicação cedido com ou sem autoria, entre eles: CC Search (Google), Wikimédia, Pixabay e Pexels. Algumas imagens foram adquiridas através de sites de compra de imagem.



Envio de mensagens e textos para publicação: varaldobrasil@gmail.com

Site do Varal:

www.varaldobrasil.com

Licença Creative Commons



Distribuição eletrônica e gratuita. Os textos aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que sejam preservados os nomes de seus respectivos autores, que seja citada a fonte e não seja para utilização com fins lucrativos.

Fica eleito o Foro da Cidade de Genebra (Suíça) para dirimir qualquer disputa jurídica a respeito desta edição e de qualquer outra edição da revista Varal do Brasil.



IMPORTANTE

O VARAL DO BRASIL não possui vínculos empregatícios com nenhuma pessoa física e/ou jurídica e não tem representantes da revista ou da marca em nenhum país. Os contatos devem ser feitos diretamente conosco em Genebra através do e-mail: varaldobrasil@gmail.com

VARAL ESTENDIDO!

Olá amigo, olá amiga!

O tema livre traz a diversidade e ela é tão colorida como o verão! Prosa e verso, o leitor poderá se deliciar com a variedade de tudo o que encontrará nas próximas páginas. A criatividade humana é algo admirável e percebe-se que, inspirados pelo cotidiano, enlevados por sonhos ou narrando histórias, os que se dedicam a escrever o fazem com muita emoção, não deixando de lado o humor ou a realidade mais dura.

Já nos perguntaram sobre a distribuição dos textos em nosso caderno literário, que poderia separar a prosa do verso, facilitando assim a leitura para os que são apreciadores de um gênero mais do que de outro, como o fazem tantos que editam. Nós preferimos manter nossa linha editorial de publicar os textos sem separação, para que, desta forma, todos possam ter a oportunidade de ser lidos. É o mesmo princípio do índice que não traz o número da página, onde objetivamos que o leitor, sem se preocupar apenas com a publicação de seu próprio texto ou do texto de um ou outro autor, possa ler, enquanto busca o objeto de seu interesse, outros autores que também são interessantes.

Falamos em nosso último boletim informativo de junho sobre a distribuição de livros e o assunto foi pauta de muitas discussões! Para começar, com os livros que fomos adquirindo ao longo dos anos e que estavam em nosso estoque, fizemos uma expressiva doação de cerca de 500 livros à associação “Don du Livre”, sediada aqui em Genebra. A associação recebeu com muita satisfação o material composto por livros em Português, todos novos. Eles armazenam, triam e coordenam a distribuição dos exemplares doados para depois enviar a mais de quarenta países. “Don du Livre” (Dom do Livro) é uma associação que tem o aval da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura).

Continuando a falar sobre a distribuição de livros, este assunto tão urgente, recebemos muitas mensagens contando que sim, é realmente difícil distribuir os próprios livros e cada escritor que publica um ou mais livros sofre com o dilema. Você encontrará neste número da revista as coordenadas da associação Don du Livre (para doadores de qualquer parte da Suíça) e, agradecendo as dicas de nossos leitores, também o endereço para acessar virtualmente as bibliotecas públicas no Brasil e desta forma saber como você poderá doar seus livros, alegrando leitores dos mais vários estados.

Mesmo se as festas juninas já passaram, e sabendo que certos sabores não saem de moda, não faltam em nossas páginas algumas receitas culinárias onde o milho é a grande estrela! Porque você que nos lê há tempos já sabe e você que está chegando agora logo perceberá: no Varal do Brasil a literatura é feita sem frescuras e pode incluir os prazeres que tanto alegam nossos olhos e paladar!



Agora, vamos falar de verão que, finalmente, os dias de grande sol e calor estão de volta ao hemisfério norte! Assim, a partir da distribuição da revista que você tem diante dos olhos, nós entramos em período de férias. São férias que chamamos de “parciais”, onde, com o intuito de melhor viver o curto verão europeu, reduzimos nossas atividades ao mínimo.

VARAL ESTENDIDO!

Nesta linha de pensamento, a edição especial Páginas de Sangue (Vozes Contra a Violência) foi adiada para final de setembro. Quanto aos e-mails, eles serão respondidos apenas uma vez por semana até final de agosto. Por este motivo, solicitamos que não envie a mesma mensagem mais de uma vez, pois ao fazer envios repetidos, seu e-mail poderá ser identificado como “spam” (lixo eletrônico) o que fará com que sua mensagem seja apagada sem nosso conhecimento. O ideal é aguardar a resposta, ou tentar se informar através de nosso site, onde temos toda uma gama de informações que poderão ser úteis para quem deseja participar da revista ou deseja conhecer melhor nosso trabalho literário em geral. Percorra o site com calma e você certamente encontrará o que precisa!

Quanto às mensagens que recebemos diariamente sobre o funcionamento e os objetivos do Varal do Brasil e justamente porque ficaremos um pouco afastados neste período estival, reproduzimos nesta edição o material informativo que se encontra no site do Varal. Se você já leu, agradecemos sua leitura e recomendamos que, caso tenha algum (a) amigo (a) que goste de escrever, repasse, pois poderá ser de interesse para essa pessoa. E, como todos os dias novos leitores e escritores chegam até nós trazendo com eles suas dúvidas, pensamos ser de grande importância não deixá-los esperando.

A divulgação cultural que fazemos nas redes sociais, onde temos página especial para este fim, será feita duas vezes por semana e não responderemos mensagens na página durante este mesmo período. O Grupo Literário Varal do Brasil no *Facebook* permanecerá ativo, todos poderão continuar postando seus escritos, mas não realizaremos oficinas ou trabalhos em grupo antes de setembro.

Em nossas Novas do Varal (boletim informativo que enviamos em formato PDF), temos incluído

textos que fazem reflexões literárias. A repercussão destes envios tem sido excelente, o retorno é grande, os leitores se manifestam e isto nos proporciona imensa alegria. Por isto, se você gostaria de ler um assunto específico (ligado à literatura) em nossas crônicas, envie suas sugestões, elas serão bem-vindas! Afinal, o mundo literário é bastante vasto e certamente há assuntos para todos os interesses. Temos visto muita gente passar por experiências difíceis, seja com o processo de edição de um livro, a agonia da “página branca”, a falta total de apoio e até mesmo a desonestidade de profissionais da área literária. Também temos tido a oportunidade de vibrar com alegria pelo sucesso de muitos escritores! Vamos então pensar juntos. Conte suas vivências, boas ou ruins, fale de suas dúvidas e medos, do que pensa e espera de uma carreira literária. Conte sobre seus êxitos, seu percurso para chegar lá nos interessa! Destas mensagens novas reflexões literárias surgirão que poderão ajudar você e outras pessoas. Detalhe importante: nunca citamos ou comentamos o nome de quem nos escreve suas experiências, a não ser que seja solicitado ou que tenhamos a autorização para tal.

Agradecemos poder contar com tanto talento e generosidade vindo de pessoas como você que é quem nos motiva. Você leitor que mora aqui na bela Suíça e você também, leitor que mora em continentes distantes, em tantos países que já nem contamos mais... Receba nossa gratidão!

Tenha uma excelente leitura e não esqueça: envie sugestões sobre o que gostaria de ler!

Até!

Jacqueline Aisenman
Editora-Chefe
Varal do Brasil





PENDURADOS NESTA EDIÇÃO

- ADENILZA ALMEIDA LIRA
- ALDO MORAES
- ANA ROSENROT
- NCHIETA ANTUNES
- ANTONIO MARCOS BANDEIRA
- ANTONIO VENDRAMINI NETO
- BRASILMAR NASCIMENTO ARAÚJO
- CAMILA GOMES
- CARLA DE SÀ MORAIS
- CARLOS MONTANARI
- CARLOS SILVA
- CARMEN LÚCIA HUSSEIN
- CARMO VASCONCELOS
- CERES MARYLISE REBOUÇAS
- CLARICE DA COSTA
- CLÉA PAIXÃO
- CLEVANE PESSOA DE ARAÚJO LOPES
- CRIS LUNA
- CRISTINA MARIA MATOS
- DANIEL DE CULLÁ
- DEBORA VILLELA PETRIN
- DIAS CAMPOS
- DIEGO BRAZ
- DINORA COUTO CANÇADO
- DIULINDA GARCIA DE MEDEIROS SILVA
- ELISA ALDERANI
- ELIZABETH A. C. M. FONTES
- ELOÍSA MACIEL
- EMANUEL MEDEIROS VIEIRA
- FELIPE CATTAPAN
- FERNANDO SHIAVINATO
- FILIPE MARINHEIRO
- FRANCISCO ROSEMIRO GUIAMARAES X. NETO
- GABRIEL JOERKE
- GEORGINA CAÇADOR
- GILBERTO NOGUEIRA DE OLIVEIRA
- GIOVANNI SILVEIRA
- GRAZIELLA TOGNETTI
- HAZEL DE SÃO FRANCISCO
- HEBE C. BOA-VIAGEM A. COSTA
- HUGO FEDERICO ALAZRAQUI
- HUMBERTO PINHO DA SILVA
- IOLANDA MARTHA BELTRAME
- ISABEL CRISTINA SILVA VARGAS
- IVANE LAURETE PEROTTI
- IVONITA DI CONCILIO
- JACKMICHEL
- JACOB GOLDEMBERG
- JACQUELINE AISENMAN
- JAIME CORREIA

PENDURADOS NESTA EDIÇÃO

- JANIA SOUZA
- JOEL DE ARRUDA
- JOSÉ CARLOS PAIVA BRUNO
- JOSÉ HILTON ROSA
- JÚLIA CRUZ
- JULIA FERNANDES HEIMANN
- KLEBER NUNES
- LENIVAL NUNES DE ANDRADE
- LIXA PALOSA
- LUCILENE ARAÚJO PÉRES
- LUIZ CARLOS AMORIM
- LY SABAS
- MARCELO ESCRITOR DE OLIVEIRA SOUZA
- MARCIA AGRAU
- MÁRCIA LIMA
- MARIA APARECIDA FELICORI (VÓ FIA)
- MARIA DE FÁTIMA JOAQUIM
- MARIA DELBONI
- MARIA LUÍZA VARGAS RAMOS
- MARIA MOREIRA
- MARIA SALETE COSTA MOREIRA
- MARILU F. QUEIRÓZ
- MARIO REZENDE
- MARLENE B. CEVIGLIERI
- MARLY RONDAN
- MAURICIO LIMA
- MORPHINE EPIPHANY
- NEF MAGAÑA
- NILZA AMARAL SOUZA
- NORÁLIA DE MELLO CASTRO
- ODENIR FERRO
- PAOLA RHODEN
- PAULA ALVES
- PEDRO AROSSA
- PERLA DE CASTRO
- RENATA CARONE SBORGIA
- RENATA DAL-BÓ
- RENATA IACOVINO
- RITA DE CÁSSIA SANTANA DOS SANTOS
- ROBERTO ARMORIZZI
- ROBERTO FERRARI
- ROGÉRIO ARAPUJO (ROFA)
- ROMUALDO VICENTE DE RAMOS
- ROSA IZABEL SPAGNUELO
- ROSALINDA PESSOA MILDNER
- ROVANA CHAVES
- ROZELENE FURTADO DE LIMA
- SANDRA VERONEZE
- SILVIO PARISE
- SONIA REGINA ROCHA RODRIGUES
- SUELY TRAVER
- SUZANA VILLAÇA
- TEODORA RAMOS URCINO
- TERESINKA PEREIRA
- TETÊ CRISPIM
- TOTONHA LOBO
- URDA ALICE KLUEGER
- VARENKA DE FÁTIMA ARAÚJO
- VERA DE SOUZA OLIVEIRA
- VERA RIBEIRO
- VERA SALBEGO
- VITÓRIO PEREIRA DOS SANTOS
- WALNÉLIA CORRÊA PEDERNEIRAS
- WELINGTON MARIANO
- YUNNI MARIA TUGORES TAJADA



POEMA DE MENINO

Por Adenilza Almeida Lira

Àquela hora eu já estava cansado. Eram três horas da tarde e eu não vendera nada ainda. Tinha que levar algum pra casa ou os pequenos não teriam o que comer. Mãe trabalhava, mas não dava conta de tudo.

Apesar desse desespero todo, tinha outro que rondava a minha cabeça. Não fiz o poema! Não fiz o poema que a professora pediu.

Olhava pra todos os lados procurando não só um comprador pras balas e pirulitos, salgadinhos e bombons, mas também uma ideia, nova, original como a professora Cida pedira. Tava difícil o negócio: nem saíam os doces, nem vinha a ideia.

Uma hora vi alguém conhecido se aproximando. Era o Zezinho.

Olhar atônito de quem nunca acredita em nada, menino magro, cabelo enrolado, roupas meio amarrotadas, passos largos de quem espera sempre algo ruim acontecer. Diziam que sofria bullying. É... A gente tinha aprendido essa palavra difícil na escola. Dona Lourdes, a diretora, explicou pros alunos que eram xingamentos, agressões psicológicas ou físicas praticadas todos os dias por alunos ou grupos de alunos... Minha mãe já não concordava com isso. Ela dizia que era coisa de gente fresca, de quem não tinha o que fazer. Eu acreditava era na dona Lourdes, mas nunca disse isso pra minha mãe.

Quando o Zezinho chegou, quis dar uma de solidário e perguntei:

- E aí, precisa de ajuda pra fazer o trabalho?
- Quê? — Assustou-se ele.
- É... Tô sem ideia. Queria saber se não quer fazer o poema comigo?
- Ah, agora saquei! O trabalho da Cida! Não,

não preciso de ajuda, porque já escrevi. É difícil, mas...

- Bom, então vou ter que fazer sozinho mesmo... Vai uma balinha aí pra adoçar a vida?
- Não, mano. Não posso comer muito doce. Tô de regime... Sabe, o pessoal me zoa mesmo eu sendo assim magrinho... Imagina se eu fico mais gordinho! — e foi saindo como quem quer fugir de um criminoso.

Mais uma vez fiquei na mão. Até àquela hora só tinha conseguido uns meros R\$ 2,00. Mal dava pra comprar o pão dos meninos e...

De repente, bateu a fome. Também, só tinha tomado um copinho de café preto em casa, e, na escola... Puxa, na escola não consegui comer nada porque, quando estava chegando a minha vez de pegar o lanche, de novo começou a guerra de maçãs e seu Joaquim mandou todo mundo pras salas pra não haver mais confusão. O engraçado é que isso sempre acontece na minha vez... Ao olhar em direção à venda do Benedito, vi o carrinho do Fome Zero chegando. Seria a minha salvação.

— Ô João, o que vai ser hoje? Tem coxinha, enroladinho de queijo e presunto e bolinho de carne... — disse o Belo, o dono do carrinho de salgados do bairro.

— Bom, uma coxinha, eu acho. — Respondi meio indeciso.

— R\$ 1,00.

— Como? Já aumentou? Não é justo, Belo! Eu paguei R\$ 0,50 ontem!

— Sabe como é João, as coisas estão aumentando, né? Cê não viu no jornal? A inflação está voltando.

— Mas não é justo mesmo assim... O apurado de hoje não vai dar. Só tenho R\$ 2,00 até agora! E o pão dos meninos, Belo? Você sabe que o negócio lá em casa não tá nada bom...

— Olha, eu nem poderia fazer isso, né, porque você entende... O negócio é mesmo da mulher... Ela é que faz os salgados e bota os preços, eu só empurro o carrinho... Mas como você tá numa pior, eu te faço a coxinha por R\$ 0,50, mas só hoje. Amanhã não tem jeito, tem que ser R\$ 1,00. Depois de me entregar a coxinha, Belo saiu em-

purrando o Fome Zero e resmungando algumas palavras que mal se ouviam:

— Esses meninos.... Nunca têm dinheiro...

Às sete horas, mesmo conseguindo apenas R\$ 6,00, tive que parar as vendas e arrumar os troços. Mãe tinha proibido todos os meninos, inclusive eu, de ficar na rua depois das sete. Quem diria: 14 anos nas costas e tinha que chegar em casa cedo!

Peguei minhas coisas e levei tudo pra guardar na venda do Benedito. Ele me alugava um cantinho por R\$ 1,00.

Como deu pra ver, parte do apurado do dia estava reservada pro meu primeiro aluguel, e quem diria que um menino como eu – da periferia, pobre, ambulante e cheio de problemas – precisasse tão cedo entender de economia... Bom, talvez isso já me desse uma ideia pro poema, mas quer saber? Não deu.

— E aí, Benedito, aqui está: R\$ 1,00.... Lá no mesmo lugar?

— Lá nos fundos, mas não esquece de colocar os sacos por cima. Não quero que saibam que guardo coisas aqui de moleques ambulantes.... Você sabe como é, depois descobrem e vão querer fazer da minha loja um depósito!

— Pode deixar.... É segredo nosso!

Guardei tudo no lugar de sempre e aproveitei pra comprar pão e leite, isso evitaria que mãe precisasse sair mais tarde, pois ela estaria cansada do trabalho. Além disso, os meninos gostavam muito de pão com leite e, eu, adorava o cafezinho da mãe com leite... Era bom demais!

No caminho de casa, novamente me veio à lembrança: não tinha feito o poema! Eu tinha que caprichar dessa vez, porque até então nunca conseguira tirar uma nota boa em redação.

E minha mãe ficava triste com isso. Não precisava dizer nada, mas eu sabia: ela botava fé em mim.

Então, cansado do dia, sentei na calçada de casa, doido pra entrar e tomar um banho, mas as pernas não queriam deixar. Olhei rápido pro céu e pela primeira vez reparei em sua beleza à noite.

Estava estrelado como nunca, e a lua parecia um ser à parte ganhando vida.

Foi aí que tive a ideia: rasguei um pedaço do saco de pão, peguei a caneta que estava no bolso e desatei a escrever:

*Sob o céu da cidade, o menino.
Surrado, perdido na história.
Procurava motivos pra viver.
Não tinha tudo que queria,
Mas acreditava saber escrever.
Seus olhos pararam uma noite
Pra estrelas admirar.
Esqueceu-se de repente
De tudo que o fazia chorar.
E rezou baixinho, pedindo
Pra sua vida um dia mudar...*

Quando terminei de escrever, meus olhos se encheram de lágrimas. Não sei por que, mas talvez a lua soubesse, porque ela pareceu me entender. Então, peguei o papel e o enfiei no bolso como quem colocasse ali a sua esperança e entrei. Mãe estava me esperando e ficou feliz quando lhe dei o pão e o leite. Só estranhou estar faltando um pedaço do saco de papel, mas não quis maiores detalhes. A única coisa que me pareceu é que ela tinha certeza de que fora usado pra uma boa causa. E foi, porque o poema, aquele do papel de pão, mereceu a maior nota da sala.



FRIACA

POR WELINGTON MARIANO

Frio, sono, vontade de correr. Minha cama gritava desesperada por mim. Meu corpo ansiava por agasalho mais resistente a baixa temperatura. Calafrios, arrepios e o gelo na espinha subiam toda vez que passava uma corrente de ar. Batia os queixos, tremia mais que vara verde. O medo me congelava naquela sombria encruzilhada. Ninguém passava nem de carro, nem de moto e muito menos a pé. Suspirava estático, inerte a qualquer ação alheia. O desespero tomou conta de mim. Anestesiado com o pavor e o medo persistentes. E o meu ônibus não passava. A neblina caía em forma de bruma, que embaçava toda a minha visão. E o temor crescia exponencialmente, meus órgãos empedravam com tanto frio.

Respirava e tremia, tremia e respirava, e respirava muito. Já sem esperança, cabisbaixo, aceitava o destino, ter uma hipotermia, morrer congelado. Quando um clarão surgiu ao longe, a iluminar a estreita rua em que eu estava. Era um fio da esperança dando-me mais uma chance de vida. Com movimentos curtos, sinalizei. A imensidão de lataria parou na minha frente. Não hesitei. Entrei ainda com o ranger dos dentes, paguei ao cobrador, atravessei a catraca. Sentei. As luzes do ônibus piscaram. O motorista desceu, o frio aumentava e o ônibus quebrou. Azar o meu e sorte da friagem que me possuía.



CULTÍSSIMO

Ana Rosenrot



Magistralmente dirigido pelo diretor Ang Lee (Razão e Sensibilidade e O Banquete de Casamento) o roteiro foi adaptado pelos chineses Hui-Ling Wang, Kuo Jung Tsai e pelo americano James Schamus, do quarto romance de uma série de cinco livros (chamados de Pentalogia de Ferro) do escritor Chinês Wang Du Lu, lançado no início dos anos 40. A trama se passa na Dinastia Qing (1644 – 1912) e segue com elegância o estilo Wuxia (gênero que mistura fantasia e artes marciais ambientadas na Idade Média ou Moderna), mesclado com fatos históricos reais da época, sua transformação cultural e política.



Muitas vezes é preciso lutar para atingir nossos objetivos, realizar nossos sonhos, defender nossos ideais...Lutamos com palavras, filosoficamente, ideologicamente e às vezes “literalmente”. O filme que trago hoje trata exatamente disso: o quanto estamos dispostos a lutar.

Na mística China antiga (na Dinastia Qing), duas mulheres lutarão com todas as forças (e armas) para conquistarem o direito à liberdade, ao amor e a felicidade, desafiando os poderosos e suas tradições arcaicas.

O roubo de uma espada lendária dará início a uma aventura épica, criará desafios surreais e reacenderá a chama de uma antiga paixão. Num clima de lirismo e fantasia, o clássico “O Tigre e o Dragão”(Wo hu cang long - 2000) foi capaz de mudar os (pré) conceitos sobre os filmes de Artes Marciais.

Neste mundo que se transforma, encontramos o Mestre Li Mu Bai (Chow Yun-Fat), seu grande e proibido amor, a guerreira e também sua cunhada Yu Shu Lien (Michelle Yeoh) e a jovem e audaciosa Jen Yu (Zhang Ziyi), que sonha em viver como uma guerreira, se livrar de um casamento arranjado, dominar os segredos da lendária espada “Destino Verde” e entregar-se a um mundo de aventuras e paixão, mesmo que para isso tenha que deixar a família e uma vida de luxo e aristocracia. Filmada na China continental, o filme possui uma fotografia de tirar o fôlego, com belas montanhas, florestas, lagos límpidos e desertos ocre, captados em planos tão perfeitos que parecem pinturas a óleo.



Tão lindas quanto a paisagem são as cenas de luta que fogem da pancadaria barata e graciosamente se tornam verdadeiros balés, com personagens que andam sobre as águas, voam pelos telhados e se enfrentam na copa das árvores, numa inacreditável coreografia baseada na ópera chinesa, criada pelo Mestre Yuen Woo-Ping (que também coreografou o filme brasileiro Besouro) e fez o impossível tornar-se real e extremamente belo.

Os atores se esforçaram muito para a realização das cenas, onde tinham que lutar pendurados em cabos de aço (sem dublês) e ainda focar na interpretação (com resultados incríveis).



Falado em Mandarim para dar credibilidade (difícil para alguns atores que não dominavam o idioma), com figurinos suntuosos e uma trilha sonora envolvente (composta por Tan Dun e gravada pela orquestra sinfônica de Xangai em tempo recorde), bela, simples, suave e ao mesmo tempo marcante; “O Tigre e o Dragão” foi a realização de um sonho (Ang Lee desejava fazer um filme para homenagear os filmes de Wuxia que vira na infância, tanto que prestou homenagem a uma grande estrela de filmes marciais dos anos 60, a atriz e espadachim Cheng Pei Pei, dando a ela o papel da vilã “Raposa de Jade”), subestima-

do no início e depois transformado em sensação no mundo todo, o filme, que teve um orçamento de 17 milhões de dólares (um décimo dos filmes americanos comuns) faturou 200 milhões e ainda é o filme estrangeiro com mais indicações ao Oscar (10 ao todo), incluindo a de Melhor Filme (sendo o 3º filme estrangeiro indicado nesta categoria), Diretor (Ang Lee) e Roteiro. Vencendo em quatro: Filme Estrangeiro, Trilha Sonora, Fotografia e Direção de Arte.



Um filme emocionante, poético e belo, onde os personagens se constroem e se desconstruem e a força feminina é mostrava com naturalidade. É impossível ficar indiferente perante essa obra de arte oriental e cinematográfica, que em 2016 ganhou uma continuação: “O Tigre e o Dragão: A Espada do Destino”, dirigida por Woo-ping Yuen.





Se você ainda não assistiu, não perca mais tempo e veja esse filme inesquecível, pode até aproveitar e ver também a sequência. Obrigada e na próxima tem mais!



Sinopse: **“O Tigre e o Dragão”** (Wo hu cang long – China, E.U.A.,Taiwan, Hong Kong, 2000)

Dirigido por Ang Lee, conta a história de duas mulheres, ambas exímias lutadoras, cujos destinos se cruzam em meio a Dinastia Ching.

Uma tenta se ver livre do constrangimento imposto pela sociedade local, mesmo que isso a obrigue a deixar uma vida aristocrática por outra de crimes e paixão. A outra, em sua cruzada de honra e justiça, apenas descobre as consequências do amor tarde demais. Os destinos de ambas as conduzirão a uma violenta e surpreendente jornada, que irá forçá-las a fazer uma escolha que poderá mudar suas vidas.

Para contato e/ou sugestões com diretamente com a colunista:

E-mail: anarosenrot@yahoo.com.br

Página Facebook:

<https://www.facebook.com/cultissimoanarosenrot>



QUER SER COLUNISTA DO VARAL?

Se você tem um tema interessante sobre o qual poderia desenvolver uma coluna...

Se você gosta muito de um assunto e poderia fazer dele uma coluna...

Venha para o Varal!

Envie sua proposta (Título para a coluna, assunto e duas primeiras matérias) para que possamos avaliar a possibilidade de uma futura colaboração.

*Nós solicitamos do colunista um engajamento de no mínimo três edições. O colunista não paga para participar da revista.

Entre em contato:

varaldobrasil@gmail.com





POETA

POR ELIZABETH A. C. M. FONTES

O poeta
Cuja inspiração se faz concreta
Em traços dos versos que imagina,
Muitas vezes caminha sem sina
Rumo a qualquer direção.
E neste “caminhar da emoção”
Entre sonhos, desejos e risos,
No silêncio ou entre guizos
Que ele, com a mais perfeita simetria,
Constrói sua eterna poesia...



OS ANJOS

POR CAMILA GOMES

Os anjos invadiram meu sono
e tomaram conta dele,
não pediram permissão para entrar
e assim foi até o dia raiar.

Quando acordei de manhã
não entendi o porque de tanta moleza
só sei que no meu pescoço
tinha um talismã e nele tinha o desenho de uma princesa.

Será que foi real ou fantasia?
tudo o que eu comia dava azia
mas sentia uma alegria
que parecia magia
mas será real ou fantasia?

A noite de novo caiu
a minha alegria sumiu
tive muita febre, tive muito frio
só aí que eu fui perceber
que eu morava no céu.

Imagem by Dianne Lacourciere

A PROFESSORINHA

POR CARMEN LÚCIA HUSSEIN

Professorinha

Lê a alma das crianças

Lê o imaginário infantil

Conversa com as crianças

Ensina por brinquedo

Conta estórias infantis

Que aumentam a criatividade

E passam poesia

E humanismo

Professorinha

Dialoga

Ensina às crianças

Através do lúdico

Contando estórias

Que fazem crescer a imaginação

E a reflexão

Que passam poesia

E lirismo.





Imagem by
<http://cultura.culturamix.com/>



“VENI, VIDI, VICI”

Poema a Vinicius de Moraes

**POR CLEVANE PESSOA DE
ARAÚJO LOPES**

“Vim , vi e venci “
disse César, de verdade ou supostamente.
E tu, Poeta maior, que te disseste um “poetinha”.
venceste com tua singularidade,
tudo a que vieste ao chegar neste Planeta.
Tudo que viste e degustaste,
foi deliciosamente expressado”
A Música saia-te pela respiração.
os pulmões plenos de POIESIS.
tudo tornava-se canção!
Eram atividade lúdica e prazerosa,
as rimas, os versos livres, os metrificados.
ias do soneto , onde a in/fidelidade
foi e é repetida à larga.
ao poema longuíssimo onde mostravas o
operário,
todo dia em construção, a
quem não se pode comprar.
Ânsia de amar, pois o feminino arrastava-te num
vórtice
de prazer e de autenticidade.
Representaste uma geração inteira,
e ela multiplicou tuas sementes na fértil terra
dos sensíveis.

Jamais tiveste pejo de amar descaradamente.
Nem de amar à última reserva,
nem de partir em busca de outra possibilidade,
para seres no amor da mulher escolhida,
Sempre voraz, veraz, capaz.

Jamais, ó bardo imortal .,
morrerás, pois todos dizem teus versos
e cantam , cantarão teus cantos de amor total.



SERTONÉZIA

POR CARLOS SILVA

É ano de eleição, lá vem promessa para o povo de Sertonézia. Palanque todo enfeitado, carro de som anunciando a presença do candidato, e ou suas benfeitorias anteriores, churrasco pinga e mentira distribuídos aos amantes desse tipo de manifestação corrupta, que acontece em todo o Brasil a cada dois anos.

Lá vem promessa em calóricos gritos que chegam a estremecer o chão, carregados de muita demagogia repetida em cada pleito. E Zé povo no meio, dançando ao som do trio elétrico da ignorância apresentada a olho nu. Os ritmos e letras, os mais degradantes como pisadinha, arrocha, pagode e o tal Axé Music.

Prometem o que é obrigação de um político eleito, e o povo aplaude achando que o cara é santo compromissado com o bem-estar de todos.

SERTONÉZIA, cidadezinha com quase 17 mil habitantes não era diferente. Além dos corruptos, tinha os aspirantes aos cargos prometidos para os próximos 4 anos, e a leva de puxa saco só crescia a cada eleição.

A corrupção transbordava os superfaturamentos em notas de serviços funcionava mais ou menos assim:

O fulano contratava um determinado prestador de serviços por 10 mil, mas ele tinha que emitir uma nota fiscal no valor de 50 mil. Lá na frente, “quando da declaração do imposto de renda”, dá-se um jeito para que o sujeito não caia na malha fina.

Assim, aconteciam com os remédios, peças de reposição da frota falida, reformas das unidades estudantis e de saúde, tudo superfaturado para

justificar “Os alívios desviados” a roubalheira pelo general da banda e seus comandados.

Sertonézia já foi melhor. Tinha educação, segurança, hospital, agencia bancaria, médicos atendendo nas comunidades, (para desafogar o PS central).

Hoje, o povo lamenta, mas não luta. Sua revolta está em portas de bares por despolitizados seres que não fazem parte do “esquema administrativo atual”, por dissidentes do partido que hoje está na “oposição”, pela covardia em não se manifestar e dar o seu grito de repudia.

O silencio dos covardes, jamais abafará o barulho do corrupto sorridente que não está nem ai para aquele que o critica.

Sertonézia hoje é a pior cidade do país (Para os chamados opositores), mas a melhor cidade do mundo para os que estão na situação. Será que sabem o que é I.D.H?

Um Sassá Mutema para Sertonézia? Quem sabe um Nelson Mandela sertanejo, Um Malcom X agrestino, Um Bico Nordestinado com pensares avante além do seu próprio tempo...

De onde virá? Será que existe alguém ainda com o cérebro revestido de caráter e honestidade para executar a transformação tão esperada?

Sertonézia está cheia de Virgulinos – Che Guevaras – Chicós Mendes – Cujas arma cabe no bolso e dispara em cada disputa, a verdadeira vontade do seu cidadão. Esta arma tão poderosa tem um código (N.Z.S) Numero Zona e Seção.

Você já sabe onde vai disparar, ou vai continuar deixando que outros apertem o gatilho?

Ah Sertonézia, assim como tantas, tenho certeza que um dia, a tua estrela também vai brilhar, irradiando a vontade de quem te tem por solo pátrio.

“Qualquer fato ou circunstancia com alguma situação em alguma cidade que você conhece, é mera coincidência. Carlos Silva poeta e cantor”.



O ÚLTIMO DESEJO DE CAMÕES

POR DIAS CAMPOS

Desde os bancos escolares que Antônio sentia-se atraído pela magnitude de Os Lusíadas. Mas como a literatura do ensino médio só se preocupasse com o vestibular, o estudante não teve do épico senão as explicações básicas dos Cantos mais conhecidos.

Seu interesse, porém, tratou de empurrá-lo para mais longe, e o conduziu para um sebo que ficava a duas quadras de onde morava. Burilando aqui e ali, acabou encontrando um exemplar comentado por um erudito, e em excelentes condições.

Mas como não fosse superdotado, mesmo que se socorresse daqueles comentários, a compreensão da epopeia ficava muito, mas muito aquém da Taprobana.

Dessa forma, mesmo que isso lhe ferisse a susce-

tibilidade, Antônio teve que se reconhecer ainda cru, o que o obrigou a postergar o seu projeto para quando reunisse cabedal suficiente.

Esse lampejo de humildade, que para muitos teria pouca ou nenhuma importância, não passou despercebido ao Universo. E seria por meio de um sonho que o destino do adolescente começaria a se descortinar...

Só que ao despertar no reino de Morfeu, Antônio não se reencontrou com a rapaziada a que estava acostumado. Ao invés disso, deparou-se com um certo senhor que, sorridente, só aguardava o momento de falar.

Pouco a pouco o recém-chegado foi recobrando o prumo. E já mais dono de si, começou a perceber que o senhor à sua frente não era totalmente estranho, uma vez que se apresentava à maneira como muitas gravuras o retratam – de barba e bigode, de mantéu, vestido de armadura, cingido com uma coroa de louros, e com o olho direito semicerrado.

Como conseguisse identificar de quem se tratava, Antônio passou de intrigado a espantado! Mas antes que ensaiasse qualquer início de conversa, Camões antecipou-se e tratou de questioná-lo sobre o projeto que fora obrigado a adiar.

Antônio ficou atônito! Afinal, se não contara para ninguém sobre o adiamento, como o próprio Luís de Camões vinha cobrar-lhe uma explicação?!

O só fato, porém, de o imortal ter-se ausentado do império para ouvir uma sua razão era motivo mais que suficiente para que Antônio confessasse a sua pouca cultura. E foi o que fez.

Camões ouviu a justificativa com o mesmo sorriso do início. Percebeu, contudo, que Antônio envergonhava-se; e o rosto que baixava era a sua consequência. Era preciso, pois, reerguer o bom ânimo do estudante, pois sua tarefa apenas começava. Desta forma, e sabedor do que Antônio já estudara em Os Lusíadas, Camões perguntou se ele conseguiria resumir o famoso episódio de “Os doze de Inglaterra”.

Antônio recobrou o viço! E, sem questionar o porquê da pergunta, começou a relatar:

- Bem, doze nobres ingleses ofenderam a honra de doze damas inglesas, afirmando que elas não eram dignas de serem tratadas como damas, pois praticavam condutas incompatíveis com esse tratamento. Elas, então, pediram ajuda a amigos e parentes, mas sem nenhum sucesso. Desesperadas, pediram ajuda ao duque de Lencastré. O duque resolveu ajudá-las. E como ele já havia lutado ao lado dos portugueses contra o reino de Castela, e conhecia bem a sua valentia, recomendou às damas doze desses cavaleiros que sabia poderiam defender a honra de todas. Cada uma delas, então, escreveu a cada um dos doze cavaleiros. Todos os doze ficaram ofendidos com essa situação, e tomaram as dores das inglesas. Decidiram, então, partir para a Inglaterra para defender a honra das damas. Ocorre que um deles, conhecido como o Magriço, decidiu ir só; e não pelo Mar do Norte, mas por terra. Mas garantiu que os encontraria na hora certa de duelarem. No dia do torneio, o Magriço não aparecia, e, portanto, seriam doze ingleses contra onze portugueses. É claro que na hora o Magriço aparece, e os cavaleiros portugueses vencem o ingleses. E como prova de gratidão, as damas dariam aos vencedores banquetes mil, a cada hora e a cada dia, enquanto permanecessem na Inglaterra.



Imagem by Andries Pauwels

Camões alegrou-se, e parabenizou o jovem – e nem se precisaria dizer o quão radiante ele ficou, com o elogio vindo de quem veio.

Daí Camões perguntou:

- Com Os Lusíadas homenageei o povo português. Agora, vai tu, e presta a tua homenagem! A quem? Sentirás no devido tempo. – e desapareceu.

Antônio acordou de repente; palpitava e suave frio. E teve que esperar alguns minutos para se recompor. Ficava, assim, meio feliz, meio desapontado, pois se vivenciara uma rápida conversa com o próprio Camões, tudo não passara de um simples sonho, e que agora se desfazia.

No entanto, aquela “ordem” que recebera ficou como que martelando em sua cabeça. E pensava consigo: - Como eu, um simples estudante de dezesseis anos de idade, teria condições de prestar uma homenagem a quem quer que fosse?

Mas esse martelar não durou muito tempo, seja por se lembrar do seu pouco conhecimento, seja por concluir que o sonho não passara de uma simples frustração, cuja causa só poderia ter sido o abandono do seu projeto inicial.

Isso teria sido suficiente para que Antônio se guisse com sua vida, não fosse o fato de Camões ter retornado na noite seguinte, e de ter explicado a sua real intenção.

Com efeito, bastou ao jovem saber que o propósito do grande poeta não tinha sido ordenar, mas, sim, estimular, exortando-o a que prestasse uma tal homenagem, para que seu ânimo mudasse completamente.

Pois nada como desafiar um adolescente para que ele se revele em toda a sua pujança! E foi essa incitação que marcaria o espírito de Antônio de maneira indelével, levando-o à própria superação!...

Para tanto, o estudante passou a ser um devorador de livros, o que lhe permitiu amearhar enorme cultura e lhe conferiu galardão suficiente para conseguir ler e compreender Os Lusíadas; ingressou na Faculdade de Letras, concluiu-a

Imagem by François Gérard



com brilhantismo, e foi aprovado no mestrado com louvor; e jamais abdicou do desejo de vencer o desafio a que se tinha obrigado.

Essa persistência, essa dedicação, novamente ecoaram no Universo, que respondeu criando a oportunidade certa para que esse desafio fosse enfim vencido.

Assim, em uma certa tarde, Antônio sentou-se defronte ao computador e, muito inspirado, começou a escrever um auto. O pano de fundo? Aquele mesmo episódio de “Os doze de Inglaterra”.

Mas, imaginava o escritor, para que a adaptação fosse digna de ser ovacionada, a homenagem deveria ser impactante, e memorável! Dessa forma, depois que os doze cavaleiros portugueses vencessem os seus rivais, ao invés de se entregarem aos banquetes que lhes seriam oferecidos pelas desafrontadas damas, o que só acarretaria ociosidade e aumento de peso, o Magriço sugeriria aos seus companheiros de armas que fizessem da própria vitória um marco na literatura universal, um ato de pura veneração.

Para isto, os doze campeões transcenderiam o tempo e o espaço, partiriam rumo à Espanha, adentrariam o Museo de la Palabra, e, ajoelhados, ofereceriam as suas espadas vencedoras em louvor aos quatrocentos anos da morte de Cervantes!

O que Antônio não suspeitava é que a inspiração

de que fora tomado viera de alguém que conheceria; era o maior escritor da língua portuguesa que realizava o seu último desejo – homenagear o maior escritor da língua castelhana.



VOCÊ TAMBÉM PODE PARTICIPAR DAS PRÓXIMAS EDIÇÕES!

- Veja no site do Varal, na seção Revistas/Inscrições as datas e temas para as edições que faremos a seguir.

<http://varaldobrasil.ch/revista-inscricoes/>

- Envie seus textos de acordo com o solicitado para o e-mail varaldobrasil@gmail.com

- Se tiver dúvidas de como enviar, da quantidade de linhas ou páginas enfim, qualquer outra dúvida, acesse o site e leia a seção Revistas/FAQ.

<http://varaldobrasil.ch/revista-faq/>

- Você não precisa ser associado a nenhuma associação, academia, organização ou outro órgão literário para participar da revista Varal do Brasil.

- Toda participação é gratuita.



**Todos os animais merecem o nosso
carinho e a nossa ajuda.
Vira-latas não são diferentes!**



Wanderlust

Perla de Castro

REVIVENDO

Nada como mudar de ares, abandonar velhos hábitos e pessoas. Deixar para trás todas as amarras de uma vida. Recomeçar. E foi isso que Luna corajosamente fez ao vender seu apartamento de São Paulo e se mudar para um lugar mais tranquilo e perto da natureza. Toda essa mudança brusca era apenas uma fuga da realidade cruel. Luna no final do ano perdera em um trágico acidente de carro tudo o que amava, seu marido. Estavam retornando da viagem de lua de mel quando tudo aconteceu. Desde então, ela não conseguia mais colocar sua cabeça no lugar. Não conseguia mais viver no mesmo apartamento onde vivera tantos momentos felizes com o marido antes de casar. Tudo no local lhe trazia lembranças.

A vida e a saudade ali haviam se tornado uma tortura. Foi aí que decidiu vender tudo e comprar uma casa em Paraty, perto do mar que ela e o marido tanto amavam. E mais que isso, aquela era a cidade onde eles se conheceram. Pareceu-lhe uma boa ideia jogar as cinzas do marido naquele mar. Ela sentia que seria como levar ele de volta para casa. Onde agora também seria seu lar daqui para frente.



Em seu segundo dia vivendo na cidade ela decidiu cumprir o que viera fazer, em seu coração sentia que não havia mais como adiar aquele momento. Foi até a praia do Jabaquara e de olhos fechados respirou lentamente, até encher todo o seu pulmão. Subitamente pegou a urna, caminhou em direção à praia sem olhar para trás. Seus pés descalços sentiram as ondas, e ali mesmo Luna jogou tudo para o mar, junto suas lágrimas que estavam represadas no peito.

Se desmanchou num choro tão intenso e verdadeiro que acordou Iemanjá, que comovida com seu pranto, a princesa fez seu canto, e da marésia fez um manto para aquele coração acalmar. Luna secou seu rosto com as mãos um tanto frias pelo vento beira mar e foi caminhando a pé até o Centro Histórico da cidade. Enquanto seguia a Rua do Canal escutou a batida de tambores em ritmo animado. Também havia som de muita gente falando e gargalhando. Logo o som foi preenchendo todo o seu peito, e criando uma espécie de sensação calorosa que há tempos não sentia. Guiada pelo som, chegou ao cais. Decidiu tirar os chinelos e continuar o caminho sentido o chão de madeira sobre o mar. Alguns passos mais a frente e chegara ao destino de onde vinha toda aquela música.

O cais era um de seus lugares favoritos, sempre que visitava a cidade gostava de ver os barcos chegando e partindo.

E era naquele lugar mágico embaixo de um céu extremamente estrelado que estavam vários mabaristas, palhaços, pintores e tantos outros artistas daquelas ruas de pedras.

Alguns andando de monociclo, ou em pernas de pau. As roupas de todos eles eram absurdamente coloridas e alegres. O batuque era feito por homens, mulheres e crianças. Um mais feliz que o outro. Uma felicidade inebriante. Na verdade, parecia um carnaval imenso feito fora de época. Não havia ninguém parado, dançavam e cantavam todos em uma linda harmonia.

Luna não se sentia tão bem desde sua lua de mel, deixou seu corpo ser levado por todo aquele emalo, e também enfim sorria e dançava. Sem entender o motivo de tanta festa, ela perguntou a um dos palhaços o que estavam comemorando. Então, o moço parou e lhe abriu um sorriso largo, enquanto dizia:

- Nós somos os artistas rejeitados, os que vivem por essas ruas de pedras, muitas vezes abandonados. Durante o sol e chuva a gente trabalha pelas ruas tentando espalhar a felicidade, somos nós que damos a cara dessa cidade. Quando a noite finda, somos a parte esquecida deste paraíso. E comovida com nossa fé de sonhar e fazer o povo que vem aqui, alegrar, Iemanjá nos deu o combustível para de ti arrancar sorrisos. Assim, toda madrugada, quando a cidade inteira dorme, a gente festeja como se fosse um grande circo. Nosso espetáculo é o mais especial, dura o ano inteiro durante a lua. Então, seja bem-vinda, se está aqui é porque a cidade te sorri, e quer confortar tua dor.

Ela ficou maravilhada com toda festa e recepção, retribuiu o sorriso e em um impulso abraçou com todo carinho o moço palhaço das ruas. Era como se toda dor tivesse ficado na vida passada. Finalmente Luna pode sentir novamente o amor.



EDIÇÃO DE SETEMBRO

ESPECIAL NOSSO PLANETA

Aqui no Varal nós levamos muito a sério a situação de nosso planeta e consideramos muito importante falar das boas coisas, mas também daquilo que faz mal para a Terra e para todos os seus habitantes.

Venha para a próxima edição! Inscrições até 25 de julho, distribuição no final do mês de agosto.

Você pode escrever sobre o Planeta Terra, sobre a relação do ser humano com o planeta, sobre proteção ambiental, lixo, reciclagem, formas de preservação da natureza...

Você pode falar da natureza, das plantas, das matas, das árvores, dos animais domésticos e/ou selvagens (da proteção animal), dos rios, mares, cascatas, lagos, oceanos...

Você pode escrever sobre os desastres ambientais (Mariana – Minas Gerais – e outros tristes exemplos), sobre o clima, as mudanças climáticas, a poluição...

Enfim... use sua criatividade para enaltecer nosso planeta Terra, para abrir os olhos das pessoas sobre problemas ambientais e outros, para salvar a natureza!



CRÔNICA DE UMA FINITUDE

POR FELIPE CATTAPAN

A princípio não havia. Nem a via. Presentia-a... e esquecia-a...

O primeiro encontro: no curso primário, na aula de biblioteca; depois de algum almoço... (livres nos livros, encantados no colo daquele silêncio sem relógios, esquecíamos de constatar que a aula ou o texto já estavam acabando. Não acabavam – amanhã ou depois recomeçavam...).

O gesto subversivo: definitivo como uma primeira pedrada. Uma colega desconhecida fechando o seu livro deliberadamente antes do final da aula e da história. Recusava-se a terminar. Evitava tudo o que lhe lembrasse o fim – (pois todo fim nos relembra o nada...). Pressentia, enfim, que a morte é o nada petrificado.

Por fim, a minha primeira vez: evitando terminar, minha colega me evidenciava que tudo termina ou se extermina. Aprendi: toda negação corrobora; toda ausência pressupõe uma existência. Aprendi: ao me deparar com a finitude, a partir de agora ela também me pertencia... para sempre. E admiti: o termo “sempre” (quase sempre) se remete a uma quantidade de tempo insuficiente. Portanto desprezível.

Algum tempo depois, a minha próxima lembrança: minha colega desencantada na aula de biblioteca... camuflando a sua calvície precoce... paradoxalmente explicitando aos meus olhos corrompidos a incontestável ausência dos seus cabelos... Em seguida, a sua ausência: eventual, ocasional, permanente. Seu lugar na biblioteca vazio... seu livro sempre presente na estante. Não me atrevi a ler o final... Afinal, a ausência das palavras: ... esqueci o seu nome... e o do livro. Concluí: as bibliotecas podem ser eternas - os seres humanos não.

A ausência das lembranças simplifica o resto: perdi parentes e amigos, evitei os enterros; colecionei livros – tornei-me escritor. Para esquecer. Para esconder: cada texto meu é uma tentativa de se encantar o leitor antes que ele se depare com o seu final – talvez assim ele não constate que esta narrativa já está terminando...

Vivo para negar a morte.

Vivia para renegar a morte. Até hoje.

A princípio não houve (ou não vi) nenhuma modificação. E assim seria até o fim. Que eu pressentia... e esquecia...

Afinal, a primeira contradição: agora. Escrevendo este texto em forma de negação: o currículo da minha finitude, o relato de uma constatação.

Hoje, a constatação; ontem, a informação. Gesticulada em forma de ação: um encontro literário com uma bibliotecária desconhecida. Em uma cidadezinha envelhecida. Cujas população decresce. A biblioteca: sem obras, em obras – (em breve será demolida). Evitamos as ruínas,

conversamos pelo parque. Ao final, economizamos tempo cortando caminho pelo cemitério. Este cemitério: árvores ao invés de pedras!... uma prorrogação do parque, uma desmistificação de um mistério, uma inversão viva da minha ideia abstrata de cemitério.

Situado no centro do lugarejo, integrava-se naturalmente à previsível harmonia do cotidiano: lembrava a todos nós que a morte é inesquecível – mas também que os mortos são o melhor adubo... Não finalizava.

Fui paralizado por um gesto da minha conhecida. Paramos. Para reparar como tudo parava. Devagar, o mundo divagava: a natureza digerira, a sesta se demorava, o tempo descansava...

Seu gesto continuou. Alisando o tempo. Me convidando a contemplar um espaço vazio entre duas sepulturas. Uma materialização geográfica do nada. Um vácuo verde. Vago. Vagando... A sua vaga: evacuada para lhe pertencer. O seu canto: um intervalo de tempo cavado no espaço; uma cova, um colo e um consolo; um silêncio atemporal que amanhã ou depois a absorverá. Uma antecipação em forma de chão. Este chão: sedimentação de uma livre escolha, continuação de uma tradição local. Ponto de referência, previsão de um futuro: todos os dias, a caminho da biblioteca, ela revê o seu fim.

Optou por viver morrendo ali. Sem viajar nem escapar; sem fugir nem pressentir. Sorriu...

Me movi. Nos despedimos. Ela permaneceu; eu me ausentei. Desapareci: fui esquecido, sumi.

Voltei para casa e para a minha lembrança crônica: ... a aula de biblioteca. Inalterada, imaculada: me faz até esquecer que a cidadezinha de onde partira já está se extinguindo – bem como a sua biblioteca... e a sua bibliotecária...

E decido terminar este texto antes que a minha calvície tardia devaste definitivamente a minha cabeça grisalha. Meu primeiro texto sobre a minha finitude. Creio que irei batizá-lo de “crônica”: é o gênero que - por tanto excluir, por

tanto ausentar e omitir, por ser tão poroso quanto o esquecimento - talvez melhor sintetize esta tentativa de descrevê-la... Pois se existir é admitir a própria finitude, escrever é escolher um nome próprio que a descreva. Reescrevendo-a.

Talvez tenha sido isto o que a minha colega tenha tentado descrever ao desaparecer. Talvez não terminar esteja mais próximo do infinito por ainda estar incompleto; talvez o estado natural das coisas, dos homens e dos textos seja o parcialmente em branco. Talvez a pedra já contenha a sua perda.

Não temo mais as frases excessivamente longas, sem pontuação. E, tentando evitar um gesto finalizador, acabo evitando o encontro e o encanto de um ponto final.



EDIÇÃO ESPECIAL NOSSO PLANETA!

Todos os dias ficamos sabendo de mais decisões tomadas pelos homens que afetarão mais e mais nosso planeta, que tanto já sofre.

Nós não podemos deixar de falar deste assunto, nós que escrevemos precisamos gritar pela Terra, mostrando que sim, é possível fazer algo de positivo em prol de toda a Natureza!

Participe de nossa edição de setembro, especial Nosso Planeta. Venha contribuir para que mais gente possa refletir sobre o valor das natureza: rios, florestas, oceanos, lagoas, animais, plantas, enfim, tudo precisa de amor e proteção!

varaldobrasil@gmail.com

O MITO DE SÍSIFO E AS CARÊNCIAS

Por Filipe Marinheiro

O poeta Filipe Marinheiro desencadeia uma homenagem e crítica à obra ensaística do filósofo Albert Camus «O Mito de Sísifo» dedicando-lhe no final um poema extraído da sua última obra: «noutros rostos» para explicar a sua interpretação. Gritarei: absurda, suicida sobre as matérias e substâncias desta obra tão excepcional. Inacabada. Aonde encontro carências e algumas náuseas. De resto uma obra fenomenal. Obra de carácter filosoficamente complexa aonde o paradoxo aparentemente pessimista enquanto entendimento do pensar absoluto é uma outra coisa absurda, ténue ou liquefeita que não aquela que o leitor retirará enquanto estética e ou inutilidade doutro pensamento como um sentido oculto

nas palavras entre as palavras submersas nas ideias simples. Como perceber, navegar dentro desta obra sem as traves mestras filosóficas que suportam todos os níveis e desníveis do “Mito”? Sísifo na mitologia grega era considerado o mais astuto de todos os mortais. Mestre da malícia e da felicidade, era considerado como um dos maiores ofensores dos deuses, tendo conseguido enganar a morte por duas vezes, fintando os deuses Tânatos e Hades. Ao morrer, Sísifo foi considerado um grande rebelde e foi condenado pelos deuses a empurrar, por toda a eternidade, uma grande pedra até o cume de uma montanha só para ela rolar montanha abaixo sempre que estava prestes a alcançar o topo, começando o processo maquinal, intelectual de novo. Por este motivo, a tarefa que envolve esforços inúteis passou a ser chamada “Trabalho de Sísifo”. Os deuses tinham pensado, com as suas razões, que não existe punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança ou devoção pela tortura daquele que fragmenta o pensamento é o alimento total desta obra. Ele próprio é o herói absurdo tanto pelas suas paixões como pelos seus tormentos. O desprezo pelos deuses, o ódio à Morte e a Paixão pela Vida lhe valeram esse suplício indescritível em que todo o ser se



ocupa em não completar nada. Absolutamente: Nada. E o que é o Nada neste contexto? No final desse esforço imenso, medido pelo espaço sem céu e pelo tempo sem profundidade, o objectivo é atingido. Sísifo, então, vê a pedra desmoronar-se em alguns instantes para esse mundo inferior de onde será preciso reerguê-la até os cimos. E desce de novo para a planície. Ei-lo o pretexto sentido, possessivo, primitivo. Pois é concretamente durante esse retorno, nessa preciosa pausa, que Sísifo nos deverá interessar. Um rosto por dentro das inúmeras máscaras evidentes e não tão-só nada evidentes [escondidas das verdades, não da verdade absoluta] a trespassarem de rostos em rostos as camadas que envergam, examinam, planeiam, plagiam os fundamentos de todo aquele esforço. Uma angustiante empreitada levada a cabo por uma figura mitológica desenhada a desenhos de músculos a saltarem da carne suja deste Ser tão límpido. Tão Puro. Condenado a reencontrar sempre o seu fardo.



Terrível tal rosto assim tão perto das pedras como um espelho de pedra, é já ele próprio uma pedra.

Vê-se esse homem a redescer, com o passo pesado, mas igual, para o tormento sem escapatória imagética ou transcendente, cuja finalidade, jamais conhecerá. Nessa hora é com uma respiração útil que Sísifo ressurgue tão certamente quanto a sua infelicidade. É nessa hora portanto que toma a consciência [alguma pelo menos]. A cada um desses momentos, deslizes, movimentos em

que ele deixa os cimos e se afunda pouco a pouco no covil dos deuses, se torna um superior ao seu destino. É mais forte que seu rochedo: a sua jura. A Fidelidade. Quem saberá destas coisas? Um fotógrafo da Alma ou um Pensador da Alma ou um próprio Ser? A eterna busca do homem por um sentido para a vida: eis aí um esforço talvez inútil e talvez útil. Peca aqui a filosofia do fundamento desiludindo-me. Parece que a humanidade está até ainda hoje a pagar pela rebeldia de Sísifo. Será isto um facto ou subterfúgio? Todavia o “absurdo” para Albert Camus nasce das nossas infinitas tentativas de dar sentido a um mundo sem sentido, e a sua obra evidencia as angústias e conflitos daquela época em que mergulhou a tinta da caneta sobre o tecido do papel ou viveu heroicamente, mas que nos continuam e continuarão a desafiar na actualidade.

Defronte o dilema da futilidade do esforço e da certeza da extinção do homem e do universo, o que nos restaria então?

Por que nós humanidade não deveríamos cometer suicídio? Nesta matéria ambivalente o autor acaba por condenar, estrangular o sentido da liberdade individual, blasfemando-a como um massacre. Ou por outro uma leveza da sustentabilidade da vida que se deve viver numa liberdade tangível, orgânica: eis um pecado capital que este ensaio empurra [Camus suicida-se absurdamente – contexto situacional, enquadramento histórico-social e a omissão ou mesmo diria esquecimento da abordagem ao paradigma transcendental da beleza e pior não seduz a lucidez] transpondo-a exclusivamente para as sementes e raízes da lógica “metafórica” até esbater num sentimentalismo carinhoso, amoroso. O que lhe não ocorreu foi que a liberdade também exige os seus tentáculos horríveis, mutantes, disformes, tresloucados. Liberdade terrivelmente fascinante quanto bizarra. Girando-a para uma completa força invisível que a administra desesperada para o inferno da liberdade intangível, inorgânica. Contudo para Albert Camus, o suicido não é a solução finita para o absurdo, é antes ao contrário, nessa que é a sua negação, a negação da própria existência humana. Não podemos resolver o problema do absurdo, negando toda a sua existência. Precária ou Odiosa ou Prodígiosa. Perante o absurdo, devemos dalguma maneira alegórica, revoltar-nos - instigando os outros



Imagem by Wikicommons

para que se meditem nas mortes às derivas entre as suas mãos contra as forças vertiginosas da cabeça à cabeça, batendo com o sangue na tal pedra que sobe e desce em rotação alquímica. Porquê esta revolta? Talvez seja a consciência da nossa condição, mas sem a resignação que deveria acompanhá-la. Aceitar o absurdo é aceitar a morte, mas recusá-lo é aceitar uma vida no precipício a resvalar escarpas abaixo até rebentar com o corpo todo: destruí-lo. Nenhuma meditação absurda, alienante nesta matéria e enunciada ao longo do ensaio. É nessa derradeira destruição, camada por camada que não se pode encontrar o conforto, somente “viver num vertiginoso cume – isso é integridade, o resto é subterfúgio.” O “cume vertiginoso” para A. Camus é a experiência inteiramente consciente de estar vivo condenado à eterna repetição, consciente dela, descobre que “a lucidez que devia constituir sua tortura ao mesmo tempo coroa sua vitória”. Camus diz que devemos imaginar Sísifo feliz, pois “ser consciente da própria vida num grau máximo, é viver num grau máximo”. O filósofo Albert Camus considera que autores da filosofia existencialista como Kierkegaard e Sartre fracassaram em tentar resolver o conflito para as consequências do encontro entre um ser humano racional e um mundo irracional, porque ele é insolúvel justamente por pertencer a existência humana. Ter por exemplo, a consciência de que liberdade e justiça são relativas, é na verdade a condição para não desistir delas, e não o contrário. Também ele se desintegra, fracas-

sa. Desaponta. Sem embargo, «o Mito de Sísifo» deverá ser para os leitores um mero apoio de vida. Ele não arrasta ilusões porém incentiva a coragem humana. Ressuscita aceitável a crença na existência sem os paradigmas religiosos. Até nesta reflexão torna-se condescendente ao não perscrutar o desconhecido o da ilusão se quisermos. O segredo sagrado que se esconde por sob as camadas do covil referido anteriormente e justifica, autoriza o lugar prioritário deste ensaio filosófico [onde o autor põe-repõe: escuridão e iluminação não revestindo todas essas camadas sobrepostas numa catadupa catártica de contradições – as máscaras dos rostos e os rostos das máscaras] é que do raciocínio absurdo desagua uma criação do tempo e das memórias, e mesmo das criações palpáveis ou não palpáveis, mas que existem, afectam e metamorfoseiam o universo e a constelação da humanidade. Para se perceber e descobrir todo esse grandioso segredo como um oráculo, que o autor propõe, e que sorratamente vai navegando a nossa mente para esses lugares nada comuns, disfarçando-os doutras coisas mais superficiais, é possível. Não nos aponta esse trilho, atravessando toda esta obra num estado de aparente profunda morosidade, pensará o leitor. Erro crasso. Embora em nada se trata de aparência, pelo contrário, é de profunda morosidade que o autor não nos apela sem nos dizê-lo directa ou indirectamente. Camus falha, “arruína” no ensaio ao não prever que através dessa profunda morosidade o homem pensante deverá atravessar os flagelos da

indiferença irrompendo todo um novo sistema de pensamentos, acções que nos leva à criação divina para quem crê e à criação não divina para quem não crê ou ainda para quem é agnóstico ou busca a criação no desregulamento dos sentidos sem recorrer a paraísos artificiais. Ora se me permitem: um sistema de pensamento fortalecido, reforçado, robusto, rejeitando a transcendência da fé, abandonando a ambivalência do ascetismo deixando-o igualmente a flutuar no vácuo das águas por onde velejamos. Alerta-nos unicamente. Nada mais do que isso. Escorrega-se na lama deste pântano existencial. Flanqueado como Apertado. Não ultrapassa essa barreira sonora, saborosa, emotiva, sensitiva, colorida, ouvida, vista ou mais presentemente a evolução no campo das neurociências com o última grito neuro-holografia do sensível para uma outra dimensão da percepção humana: imprevista.



Como poderia ter previsto estas carências? Devia ter prestado mais atenção à psicanálise da época.

Albert Camus não calculou: O Eros e Thanatos que significam, entre os gregos, o Amor e a Morte personificados. Identificam-se nestas figuras da mitologia grega dois princípios vitais: Vida e Morte. Freud utilizou-as para identificar duas categorias de pulsões humanas: instinto de vida (eros) e instinto de morte (thanatos). Estas duas pulsões geram entre si um conflito que dinamiza o psiquismo humano. Neste sentido, a estrutura freudiana do psiquismo humano é atravessada por um conflito que dinamiza o aparelho psíquico. Este conflito tem origem nos obstáculos que o indivíduo encontra na realização das pulsões e reflecte a luta entre várias instâncias no psiquismo humano. Não interessa agora. Já passou. O ensaio já foi escrito no ano de graça de 1941. Torna, então, o absurdo enquanto o dogma do suicídio incompleto. Por isso mesmo de fazer o certo - mais quantitativo, menos qualitativo é prova dessa incompreensão do autor ao não contemplar, exercitar a metafísica, alquímicas ou as forças cósmicas que não se localizam a olho nu - afirmarei. Porém, dessa viagem que é este curioso ensaio filosófico, o alerta não é mais do que também por si mesmo baseada, sustentada por um conjunto de contradições e repetições que o autor igualmente rejeita. E até aí muito bem. A viagem não é nem certa ou errada onde mais uma vez o autor coloca uma tônica invisível so-

bre a existência da causa na própria causa. Que causa perguntais? Respondo: redesenhando o que faltou preencher crucialmente neste ensaio a Albert Camus focar, ou seja, penetrar, furando no centro, no cerne, no eixo primacial das forças instrospectivas onde tudo é uma outra coisa do que o autor disserta, critica e reflecte. Não contou com a imprevisibilidade dessas trincheiras. Teve o horizonte do holocausto da segunda grande guerra como labaredas de fundo. Agora a resposta - mediante uma firme tentativa de conquistar o universo ateu, agnóstico ou não. Porque diante essa tentativa também temos de considerar o desterro longínquo que deveras se manifesta e se propaga a nele algures se encontrará um buraco estreito e lá no fundo surge-nos o conflito entre o Bem [eros] e o Mal [thanatos] enquanto reflexo um do outro. Jamais se separarão. Amam-se tal como um indivíduo suicida determinado a terminar com a vida da morte ou morte da vida? Essa mesma tentativa deverá ser espontânea, genuína leva-nos, traz-nos ao ponto de partida como ao regresso dessa partida e vice-versa, isto é, da experiência universal: AQUI. Aqui mesmo. O agora, isto significa, o ponto caramelo: da Descoberta. A Descoberta e a Indiferença que ocultamente nos agarra pelo corpo inteiro sempre como tomada de consciência de cada pessoa. Particular. Divergente. Absurda. Única: "Suicida". Porque não cometer mesmo o

suicídio físico ou psíquico? Porque não abraçar a vida como ele se nos apresenta: aceitando-a, coloca neste ensaio Camus. Um tanto ou pouco errôneo não dar escolhas aos seres humanos. Estancá-los como se estanca um rasgo no meio da cabeça rachada. O sangue poderá esvair-se ou não. Quem tomará a decisão última? Nós. Cada um de nós lidera a liberdade ou quem sabe sem ela também! Nisto o ensaio torna-se incompleto a meu ver. A deformação dos sentimentos e dos desenhos e imagens estão ali ao virar da esquina côncava ou num beco sem saída ou num túnel de esgoto. Seja onde for. Temos todo o direito às escolhas e decisões escuras, mansas e mesmo aquelas que são incompreensíveis da razão. Também não previu esse direito inigualável. Expugnável. Suspensa dúvida. Camus resignou-se a essa resistência o que limita o pensamento ao entender a vida doutros ângulos de visão mais amplos. Pega-se num machado afiado rodopiando os braços para o ar escaldante e quebram-se cabeças contra o chão torto. Ingreme. A asfixiar-se de tanto sangue e membros cortados. Mortos porque assim o quiseram ou mereciam. Porque sim, podiam e poderão. Ou se preferirem, enterrar-se-ão os machados do suicídio debaixo da terra compacta. Não mais se vê desgraças [sarcasmo]. E o que se interpreta desta loucura, delírio, devaneio ou razão? Camus desconfiou da

razão mas não nos passa os outros testemunhos anotados, fixados. Diria, por fim que as forças gravitacionais desta obra subdividida em diversas partes permanecem esquecidas num recanto qualquer cheio de pó e poeiras do tempo e memórias onde o amor e o absurdo existem sim se reinventados, redesenhados dia após dia. Para isso é necessário escavar-se até às profundezas da caverna onírica e real e revolver o processo completando-o, compreendendo o invencível e o absurdo por que somos nós os causadores do nosso próprio medo. Como falta dizer neste ensaio que os acasos deformam tudo o que este autor nos apresenta. Somos demasiado estúpidos inseguros, por isso magoamo-nos, magoa-mos os próximos fazemos sofrer e sofremos, temos dor mas também a infligimo-la. Matamo-nos e matamos tudo o que nos rodeia sem nos apercebermos dessa repetição. Somos criminosos necessitamos disso para nos procurar e procurar a liberdade. Desperdiçamos a vida absurda num suicídio não só como o autor nos dá em secreto beijo igualmente por que também somos sucessores de nós próprios. Os detalhes desfiguram o que Camus nos pede e oferece. A consciência tem tanto de pura como de impura encharcando-se de sujeira e isto não pode ser mantido como Camus pretende ou diz ser, doutro modo a transcendência existe e tem um sentido de li-



O SACO - POR EXEMPLO

berdade nada absurda. Absurdo é um ensaio desta magnitude, potência, escrita às mãos deste grandioso filósofo francês cair frouxo, redondo com o rosto na vertical contra o chão cravejado de cavilhas velhas, e morrer esquecendo-se de evocar as forças/fraquezas, ameaças/opportunidades numa clareza sem traição: o Lázaro, a Líbido, o Limbo e a Penitência da beleza Cosmológica - Acrescento: O impossível é que nada é impossível. Arthur Rimbaud avisou-nos: «Que vida! A autêntica vida está ausente. Não estamos no mundo.», «A moral é a debilidade do cérebro.», «A nossa pálida razão esconde-nos o infinito.», «A vida é uma farsa que toda a gente se vê obrigada a representar.», «Eu escrevia silêncios, noites, anotava o inexprimível. Fixava vertigens.», «O ar e o mundo deixado sem procura. A vida. - Era então isto?», «Quando somos muito fortes - quem recua? muito alegres - quem cai no ridículo? Quando somos muito maus - que farão de nós?». - Digo-vos: uma perplexa obra que «Nem é Estéril, Nem Fútil». Adeus Camus, vou-me embora para o constante desconhecido: «o saco - por exemplo».

Imagem by John Pasden



sei de teres um saco que fala sobre o sono ainda misturado
 num copo em brasas
 curioso por bater
 com a minha sombra diante à criatividade desse saco
 nele intercepto mensagens alheias das noites cheias de fins
 ou acasos
 todos nos dizem para cantar sob o carreiro gélido
 onde verdes árvores lá fora se revelam na voz de silicone
 por trás das portas a despenhar-se sobre cadeiras retiradas
 contra os buracos negros
 enquanto mesas se entrançam no ar às voltas como respiro e interrompo
 trepando o fumo trôpego dos garfos e talheres confusos
 a romperem os sóbrios guardanapos de tecido diamante
 derretendo-se na luz que flutua leve
 talheres no princípio
 garfos no cume empoleirados no pano rústico preso à jarra
 que toca a melodia desaparecida
 que esmaga as mesas
 que torce a voz contra as portas
 que toca a própria mão alastrando o saco
 e se bebe na loucura nocturna
 o soalho de madeira rubi ressentido-se entre os rolos de árvores
 e baloiços de folhas afrodisíacas
 a amolecerem espantadíssimas nas sobrance-lhas queimadas
 com imagens panorâmicas do saco
 como a rodar nos rodapés que explodem dentro dos vernizes
 a espalharem-se p'la poeira das vidraças terríveis
 os relógios fumam os céus indignados aceitando-se corajosos
 e reles vistos à lupa
 o sol de aço corta a vista como os seus raios de fogo cortam
 as mãos
 o fogo cresce
 aumenta o sangue largo
 enquanto labareda a roçar no coração

e o coração insufla e inflama o corpo que se ergue
 e estanca o lume
 manuscritos voam em cima dos pratos
 os pratos compostos por tintas em escada finali-
 zam-se à vista
 sombrios e tristes
 desde a força profunda das mesas
 até se coserem às secretas portas
 que fervem o trilhado coração do saco aos peda-
 ços
 de fibras entranhadas
 escorrendo à volta dos corpos
 desenhos de luvas
 peúgas originais retratos folhas plantas
 gaiolas por baixo de alcatifas submersas
 cigarros dentro uns nos outros onde a água tra-
 balha
 e escalda esse pressagioso ofício
 um castanho cavalo gira perto do iminente sofá
 e o cavalo cavalga dentro das paredes
 a estoirar a ventania obscura
 e engole
 uma almofada de acre vinho
 e no próprio relinchar como desabrocha!
 tapeçarias de névoas esvoaçam entre fragilidade
 e angústias
 via o saco a inundar-se no arame farpado
 com que o ergo
 até sufocar o amanhecer fusiforme
 a saltitar nos nós de sangue
 uma breve leveza de ofício
 e rasgam-se fissuras na carne como outra carne
 funda
 e ensanguentada
 em estado de choque
 assim irei aprender também trigonometria as-
 trofísica
 dos cometas às galáxias inundadas de gravidade
 enquanto saco é elevado
 nós somos elevados
 e arrastamos as imagens de uma ponta à outra
 devoramo-nos
 na engrenagem atômica
 em frente aos vertiginosos olhos anda o saco a
 pensar nas coisas
 o saco desmancha a doçura do pescoço
 sangra-o nas mãos vagarosamente
 à raiva tão veloz
 canta nas fracturas da terra na cabeça movida
 por circunferências
 saco chato dorme a alumiar a escuridão
 uma chatice mortal!...
 mexe-se aquele saco com pensamentos inque-

tantes
 sei-o inquietante
 é mestre e eu o aprendiz
 com a cabeça no fundo dos meus joelhos a esti-
 lhaçar
 devassa os astros
 explodindo-os de encontro às estrelas
 e todas as altas estrelas bailam na ponta dos de-
 dos pretos prata
 a deslizar na coxa dissolvida
 contra espirais cadentes os astros são a sonori-
 dade
 cantam flores e jarras
 e as estrelas o ritmo maldito feito de cera lumi-
 nosa
 em que as trevas vagabundam
 nos espelhos rápidos
 dentro da penumbra pendidas nos aromas me-
 galíticos
 que vão de sabor para sabor
 pela aragem abaixo
 a levitar na sua matéria enlouquecida
 e morde a luz
 porque os perfumes celestes
 se despedem e diluem o espaço e o tempo
 como num avanço e recuo doce
 estremecendo as distâncias em tempo irreal
 deixo-me cair anterior a esse saco entrançado
 nas veias adentro
 e racho as mãos à velocidade de um galho pre-
 cioso
 na dúvida
 alastram-se as abas que dançam
 enquanto o saco sufoca numa janela contorcida
 deambulo
 na opacidade dos espelhos e vidros
 que nunca mas nunca falam dele ou de mim
 – o saco, por exemplo...



Arte e Literatura

**LUIZ
CARLOS
AMORIM**

FALTA DE APOIO À CULTURA

Vejo o noticiário deste final de semana com o destaque, entre outras coisas, que o cenário “político” está fervendo, em nosso país, que o Ministério da Cultura foi extinto, pelo “novo” governo que acaba de tomar posse e passa a dividir espaço com o Ministério da educação. Mais um retrocesso, que causa mais indignação ao cidadão brasileiro e aos produtores de cultura neste país, já tão relegados a segundo plano.

Isso me lembrou de uma entrevista, no Estadão, há algum tempo, quando Antônio Fagundes protestava contra a falta de uma política cultural no Brasil: “Quando falo de política cultural, quero dizer tudo: educação, hábitos que não foram criados, o dinheiro que, para a cultura, não existe. Sim, porque 0,2 %, apenas, da dotação orçamentária, vai para a cultura.”

Também lembrei de outra publicação, na época, onde o presidente da Academia Catarinense de Letras, Péricles Prade, cobrava do governador de Santa Catarina mais atenção à cultura, pedindo a criação de uma secretaria exclusiva para a cultura do Estado, exigindo uma política cultural que não existe.

Eu já havia escrito, dias antes, no meu blog, a crônica “Política Cultural para Santa Catarina”, que foi publicada, também, em alguns jornais de cidades catarinenses.

Os escritores, artistas e produtores culturais de vários pontos de nosso estado fizeram manifestações, nas principais cidades, à época, reivindicando do Estado uma política cultural atuante e abrangente, que contemple todas as artes que

são praticadas em qualquer canto dessa nossa terra catarina.

Então podemos ver que muitas vezes estão se juntando em uníssono, para conscientizar os nossos governantes de que estão em dívida para com a nossa cultura, de que é hora de parar de dizer não às reivindicações culturais, coisa que Raimundo Colombo é pródigo em fazer, como bem disse o presidente da Academia Catarinense de Letras. E essas vezes têm que voltar a se levantar, agora para combater o descaso com a cultura por parte da União, que agora se escancara ainda mais, com o fim do Minc. Ainda bem que a cultura é cultivada por pessoas abnegadas e dedicadas que não tem nenhum apoio da “cultura oficial”, por este Brasil afora.

Um povo sem cultura não tem identidade. A cultura é o bem mais valioso de um povo. Por que nossos políticos parecem não dar nenhum valor a ela? Na hora de se candidatarem, de pedirem votos, eles até prometem dar prioridade à cultura. Mas depois que se elegem, esquecem dela, aliás, fazem questão de enterra-la. Precisamos atentar para isso, lembrar disso na hora de votar. A cultura, como a educação, como a saúde, está sendo cada vez mais relegada a último plano.

Luiz Carlos Amorim:

Escritor – Escritor, editor e revisor – Fundador e presidente do Grupo Literário A ILHA, completando 36 anos de literatura neste ano. Cadeira 19 da Academia Sulbrasileira de Letras.
<http://luizcarlosamorim.blogspot.com.br>
<http://www.prosapoesiaecia.xpg.com.br/>



COMO EÇA CONHECEU A SANTINHA DE ARRIFANA

Por Humberto Pinho da Silva

Ao correr a vista pelas prateleiras, das estantes, da minha pequenina biblioteca, deparei com livrinho de capa acastanhada, encardida pelo tempo e pelo uso, de lombada de percalina vermelha, que pertencera a minha bisavó Júlia.

Trata-se do: “Catechismo de Doutrina Christã”; com várias orações, organizado pelo Padre Francisco Topp; editado em Friburgo (Alemanha), em 1908.

Ao abri-lo, saltou-me pagela de papel couché, impresso a duas cores, contendo ligeira biografia de Ana de Jesus Maria José de Magalhães, popularmente conhecida por “Santinha de Arrifana”. Não sei se o leitor, alguma vez, ouviu falar desta

“Santinha”, que tanto impressionou, pela década de setenta, do século XIX, o escritor Eça de Queiroz.

No romance: “O Crime do Padre Amaro”, Eça, refere-se a ela, dizendo: que as senhoras teciam louvores à “Santa de Arregaça”; que era, nem mais nem menos a “Santinha”, que nascera em Arrifana, no ano de 1811. Filha de: José Dias Leite de Resende e de Clara Joaquina.

Estando Eça a veranejar no Covo (Oliveira de Azeméis), assentou, com amigos, visitar a “Santinha de Arrifana”, de quem se dizia viver em grande santidade.

Acompanhou-o, nesse passeio, o Senhor Conde de Resende, amigo íntimo, e futuro cunhado; a Senhora Condessa de Cascais, Dona Maria Isabel de Castro Lemos; o Senhor Marquez de Monfalim; e vários amigos e conhecidos do Senhor Conde de Covo.

Fizeram o percurso a pé. Pelo caminho, Eça, ia inquerindo informações sobre a “Santinha”, e seu poder taumaturgo.

Chegados a casa de Ana de Jesus, encontraram sacerdote que viera, no intento, de lhe dar a comunhão.

Para assombro de Eça, logo que a hóstia penetrou na boca, a doente elevou-se ligeiramente, perante o espanto de todos os presentes. Duvidoso do que presenciara, o romancista, aproximou-se, mansamente, do leito da enferma; ajustou melhor o monóculo; e passou, cautelosamente, a mão, entre o corpo hirta e o lençol branco da cama.

Havia realmente espaço suficiente, por onde se podia passar, livremente, o braço, sem esforço. De regresso ao Solar do Covo, Eça não escondia o espanto pelo que vira.

Jamais esqueceu a impressionante levitação, nem as palavras resignadas, proferidas pela Ana de Jesus, mergulhada em atroz sofrimento: “Faça-se a vontade do Senhor!”

Frase que Dona Eugénia de Melo Breyner da Camara, esposa de D. João da Camara – o “santo” da Junqueira, – sempre proferia, quando as agruras da vida atingia um dos seus.

A “Santinha de Arrifana”, que fora na juventude pastora, viria a falecer, em imenso sofrimento, três anos depois da visita de Eça, em 1875.



O LUNÁTICO

Por Morphine Epiphany

Existiu uma vez, o mito do lunático
O homem vivo em sua linguagem
Morador de uma casinha simplória
Decorada por redes, papel de parede
E cores envelhecidas e escuras

Cantarolava para o muro
Rabiscava e fazia comentários
escutados apenas por estrelas
A Lua o observava
E ele já havia tecido uma existência
Criara filhos, netos, cachorros
Em uma manhã criara Ângela

Esta era a mulher adocicada
Mãe, esposa, amiga e conselheira
A única para tocar, sentir, levar
e cravar as marcas da histeria
Que muitos denominam amor

Apaixonado, enfeitado
Um eterno bobão
Nas garras cruéis da mulher

O homem construiu novos cômodos
Mudou os móveis de lugar
E habituara-se ao sedentarismo
Adorava abraçá-la
Ver as crianças crescendo
Receber as visitas dos amigos
Ter uma legião de animais

Dores estranhas pelo corpo
Tonturas

E sintomas permanentes
Começou a definhar
Encarou o espelho
na primavera de 2010
Viu uma cara magra
Chupada de tanto sofrer

Olhou para os móveis
no outono de 2011
todos desgastados
Madeira podre

Procurou o celeste
no inverno de 2011
A neve encobriu
seu corpo na solidão

TUA VOZ

POR CRISTINA MARIA MATOS

Tua voz é como o som de uma música, é como o som do
mar,

Encantador como um pássaro a voar

Tua voz é linda como um piano a tocar

Tua voz é solta como o vento a soprar

Tua voz é tremula como o ronco do trovejar

As vezes tua voz é fria
Como a temperatura do dia

Tua voz comparada a minha
Se torna uma grande nostalgia.



LUPA CULTURAL

COM

ROGÉRIO ARAÚJO (ROFA)

O DIA QUE O WHATSAPP PAROU... PARTE 2!

Parece mais um filme, mas infelizmente aconteceu de novo! No dia 2 de maio de 2016, o nosso “amigo inseparável” WhatsApp foi bloqueado de novo e, inicialmente, por 72 horas. Mais ou menos pelo mesmo motivo do bloqueio anterior ocorrido no dia 17 de dezembro de 2015, porém por um juiz de uma cidadezinha que talvez ninguém antes nem conhecesse: Lagarto, no Rio Grande do Norte.

E, ao contrário da outra vez que ficou bloqueado por 12 horas, desta vez ficou mais de 24 horas, tendo recursos negados e apenas desbloqueado no dia 3 de maio, por volta das 17h. Ufaaaaaa! E que absurdo ficar tanto tempo sem utilizar esse recurso não só de lazer e bate-papo, mas muito usado profissionalmente também.

Dizem que houve milhões de negócios não fechados devido esse bloqueio. E quem “pagou o pato” foram todos os usuários e não somente os que deixaram de prestar as devidas contas à justiça seja pelo motivo que for.

Confusões judiciais à parte, o que gostaria de refletir aqui, neste segundo texto sobre o segundo bloqueio, é sobre a grande importância que essa mídia e, digamos assim, rede social, tem na vida de pessoas dos mais diversos meios sociais e pelas mais diversas razões: contato de pais e filhos, colegas, negócios, namoro, papo furado... Um verdadeiro vício para a grande maioria que fica de cabeça baixo mexendo no tal do “zap-zap”.

Um dia em que as pessoas até lembraram que existe um mundo real além do WhatsApp e que existem pessoas ao redor! Muitos parecem se contorcer pela abstinência como um viciado em alguma droga. Algo até interessante de ser notado num local público, onde normalmente podemos ver todos de cabeça baixa olhando e clicando o celular para checar ou responder as mensagens.

O tão útil e apelidado de “zap-zap” é evolução da tecnologia nos relacionamentos, tanto pessoais quanto profissionais e ainda é gratuito para o público, o que causa um delírio nas operadoras de telefonia.

Detalhe: há alguns usuários que nem sabem usar direito, já que não respondem de imediato algo que seria urgente, deixando quem mandou a mensagem louco da vida.

E olha que, hoje em dia, o recurso virou até mesmo uma fonte de informações que transformou cada em num “repórter *free*” agindo por todos os lugares, já que pode repassar notícias instantâneas e até com fotos de onde estiver. Um avanço e um perigo ao mesmo tempo!





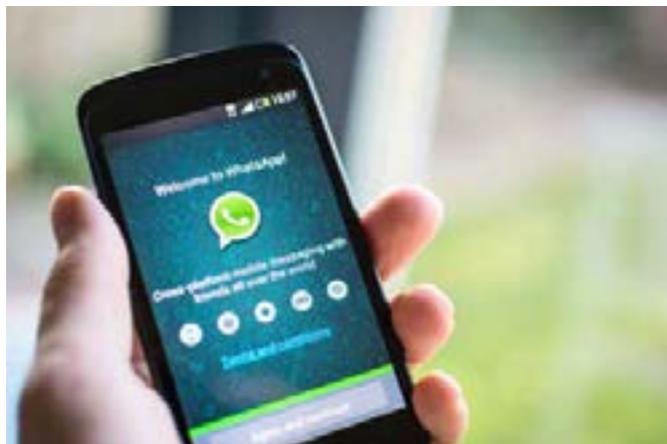
Algo interessante dessa mídia para lá de *online* é o que passa por ela de cultural, sejam coisas úteis ou inúteis. São inúmeras mensagens muito reflexivas e bem criativas que levam cada um à emoção, ao riso, ao choro, às gargalhadas, às implicâncias e até ao *bulling* para não deixar de dizer... São trechos de livros enviados, dicas de saúde, cuidados e o pior é que, além das dicas bem úteis, chegam muitos e muitos boatos. Alguns bem antigos que quem envia nem noção tem sobre a falta de veracidade das informações.

Quando são formados grupos no “zap-zap”, muitos para contatos sobre um tema em comum a determinado número de pessoas, uns compreendem e usam de modo correto, mas outros não têm a menor noção e enviam vídeos enormes (pesados) e textos quilométricos que maltratam os coitados dos smartphones, os quais têm que aguentar esse tranco todo.

Mark Zuckerberg, o CEO do *Facebook* disse o seguinte a respeito do terrível bloqueio feito no Brasil: “Este é um dia triste para o país. Até hoje o Brasil tem sido um importante aliado na criação de uma internet aberta. Os brasileiros estão sempre entre os mais apaixonados em compartilhar suas vozes online. Estou chocado que nossos esforços em proteger dados pessoais poderiam resultar na punição de todos os usuários brasileiros do WhatsApp pela decisão extrema de um único juiz”, afirmou o fundador da rede social, dona do WhatsApp, em post na sua página pessoal no próprio *Facebook*.

É preciso ter consciência da diferença entre o real e o virtual nessa história toda. Não dá para viver alienado como se nada mais fosse de carne e osso, material, apenas “virtual”, agindo como não existissem mais pessoas fora da rede social.

A tecnologia é para lá de útil para todos nós e até mesmo se tornou mais que cultural, porém não dá para viver na dependência dela tão somente. Se for assim ninguém saberá mais dar um passo se não tiver a aplicação disponível para seu uso e abuso. E isso é algo bem grave e requer muita reflexão desde já, antes que ocorra novo bloqueio.



Um forte abraço do Rofa!

* Escritor, jornalista, autor do lançamento infantil “Rofinha e os amigos de oito patas” (Garcia, 2015), do livro-duplo infantil “O super-herói do Natal/Presentão do Natal” (Garcia Edizioni, 2014), de “Crônicas, poesias e contos que u te conto...” (Literarte, 2014), lançado na 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em 2014 e de “Mídia, bênção ou maldição?” (Quártica Premium, 2011); colunista do “Jornal Sem Fronteiras”, da “Revista Varal do Brasil” e do site “Divulga Escritor”; participações em diversas antologias no Brasil e exterior; vencedor de prêmios literários e culturais; membro de várias academias literárias brasileiras e mundiais.

O que achou da coluna “Lupa Cultural” e deste texto?

Contato por e-mail:
rofa.escritor@gmail.com

ou pela fanpage Escritor Rofa
ou pelo site www.rofa.com.br

Adote,
Não Compre!





AFINAL, QUAL É A PROSA?

*- no rodar da carruagem,
discursos conduzem parelhas -*

POR IVANE LAURETE PEROTTI

Em um tamborete de instantes passados, algumas vozes trocam vicissitudes. A continuidade das falas inaudíveis repetem-se ainda agora, sob camadas de atravessamentos e vieses que as estatísticas não cobrem. Um pouco da conversa: Glória Steinem:

__ A verdade te libertará. Mas primeiro, ela vai te enfurecer.

O tamborete estremece com o movimento da jornalista estaduniense e William Shakespeare interpela-a sem exatamente fazê-lo:

__ O mundo inteiro é um palco. E todos os homens e mulheres não passam de meros atores. Eles entram e saem de cena e cada um, no seu tempo, representa diversos papéis.

Aforista, Martha Medeiros, também jornalista, ocorre:

__ Há homens que têm patroa. Há homens que têm mulher. E há mulheres que escolhem o que querem ser.

Cervantes, o Miguel de 400 anos interrompe:

__ Os homens honrados casam-se rapidamente, os inteligentes nunca!

Inquieta pelo rumo do quiproquó, Steinem argui:

__ Uma mulher sem um homem é como um peixe sem uma bicicleta.

Cervantes deixa no tamborete a dedução dos séculos pesados:

__ A inveja vê sempre tudo com lentes de aumento que transformam pequenas coisas em grandiosas, anões em gigantes, indícios em certezas. Rousseau contemporiza:

__ Há um pequeno número de homens e mulheres que pensam por todos os outros, e para o qual todos os outros falam e agem.

Jean-Jacques sente na pele o sopro de Estagira. Aristóteles destila-se na presente ausência. Mas é Drumond de Andrade quem toma o turno da fala:

_ Os homens distinguem-se pelo que fazem e as mulheres, pelo que os levam a fazer.

Contrita, Frida Khalo interfere rapidamente:

_ A mim já não me resta a menor esperança... tudo se move ao compasso do que encerra a pança...

Sussurra a primogênita francesa, Simone de Beauvoir:

_ É horrível assistir à agonia de uma esperança.

O autor de Les Misérables procura por entre os brancos fios de sua barba a frase dedilhada:

_ Vós que sofreis de amor, amai ainda mais. Morrer de amor é viver dele.

A advertência sublinhada vem de Sartre, com As Palavras embaixo do braço:

_ Cada homem deve inventar o seu caminho.

_ Não há fatos eternos, como não há verdades absolutas, reflete Nietzsche, o prussiano entusiasmado pela composição e pela crítica.

Gaston Bachelard filosofa com um pé na ciência:

_ Ainda existem almas para as quais o amor é o contato de duas poesias, a fusão de dois devaneios.

E Platão parece concordar. Parece...

_ Não há ninguém, mesmo sem cultura, que não se torne poeta quando o Amor toma conta dele. - Interfere Freud, o Sigmund da psicanálise:

_ A felicidade é um problema individual. Aqui, nenhum conselho é válido. Cada um deve procurar, por si, tornar-se feliz.

Carl Jung, diante da figura de pai e mentor emenda:

_ O sapato que se ajusta a um homem aperta o outro; não há nada para a vida que funcione em todos os casos.

Mandela retoca a fala:

_ Você não é amado porque você é bom, você é bom porque é amado.

O tamborete, até então silencioso, desbanca os intocáveis:

_ Afinal, qual é o assunto? Nem todas as verdades são para todos os ouvidos!

_ Ei! Essa frase é minha! Grita Umberto Eco, no vão de meio silêncio.

_ E quem disse que eu a quero? responde o banco, soltando lascas da velha madeira.

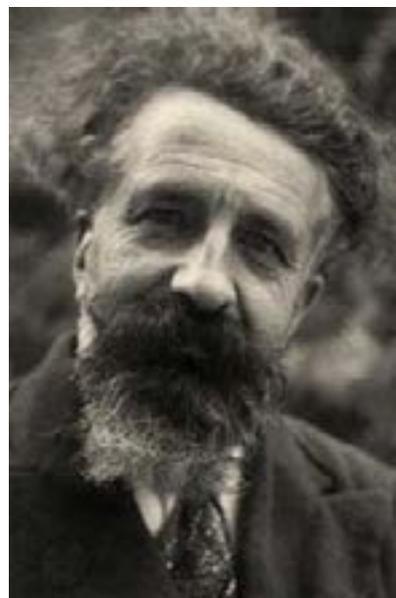
_ Precisamos resolver (...) nossa insanidade oculta! arremata Foucault.

O tamborete retira-se da cena enviesando as pernas de pau:

_ Não retorno até vocês decidirem qual é o tema. Bakhtin concilia:

_ Na verdade, não são palavras que pronunciamos ou escutamos...

Mas o tamborete segue surdo na recuada sem parselhas.



HERÓI ESQUECIDO

POR JÚLIA CRUZ

Hoje é sábado é diferente parece que o coração dispara, termino a tarefa contente vou tentando me arrumar. Tomo banho passo água de cheiro tentando o fedor enganar. Pois a noite é diferente no meio de tanta gente Seringueiro que Namora.

Seringueiro e bacalhau tem algo em comum. Tendo a aparência mais mos tina Seringueiro Fica salgado, todo desengonçado, Seringueiro malucado pela vida foi judiado. Na verdade não teve tempo, de ter estudado!

No fim de tudo é como tá seringueiro esquecido. Ter barão em ar aquecido, Sem nada pros barão faltar.

Pois titulo de barão, Não é pra qualquer cidadão e Seringueiro é uma profissão Pra quem gosta desse Mundão.

É noite de clima quente, Seringueiro Cabra inocente ouvindo os grilos cantar. Pensando no passado o terreno todo arrumado Pronto para plantar. Seringueiras todas encestada com a copa toda cortada. Quem diria que um dia fosse uma arvore virar. Seringueiros acreditam nos bancos financiando e foi todo mundo a trabalhar. Seringueiro apressado andando pra todo lado, separando uma tarefa pra pode no outro dia sangrar. O látex escorrendo na bica pingando, a São roque comparando. Um nome de valor para se lembrar, seu Nardo da borracha.

Pra se compara. Trinta e cinco anos depois. Não é prosa não é verso é caso passado, seringueiro explorado, está quase abandonado.

Sem forças para lutar. A verdade é diferente, mas está numa louça em frente, a verdade da gente que sente e tem sangue quente. Agradeço

a Jesus que nos dá força e luz pra vida continuar. Seringueira é minha amiga dá dó, ver a ferida, que nos seringueiros. Que se aproveitemos dela, e sua boa vontade do seringueiro sem pensar pode fazer uma curva engraçada e o destino de todos mudar. Ofereço essa dedicatória a todos os Heróis invisíveis seja na saúde ou na educação Na Justiça ou na administração.

Cheguei em são José no tempo que era sertão, no atravessar da água da Gemada me veio na imaginação, vendo um rancho abandonado na mais tristeza da solidão, ali morava dona Julia.

Vivendo daquele sertão, trabalhava dia e noite mais nunca deixou falta o pão de cada dia, naquele sertão deserto, que vizinho não tinha por perto, para escutar suas melodia, só o urro da pintada que de longe se ouvia, ela passava a mão no trabuco cercava na travessia, cada tiro que ela dava era uma fera que ali caia.

Hoje mora na cidade mais vive na solidão, não vê o cantar do galo nem o rincho do cavalo diante do mangueirão, quando era de madrugada com aquele barulhão são José ainda era mata não existia condução, fazia vinte quilômetros no lombo de um alazão, e hoje que ela se reza se vem de recordação daquele tempo passado Pra sempre em seu coração

Quem vê essa arvore folhada já vem na imaginação, essa arvore representa o tempo que era sertão, a onde o papagaio senta e cantam lindas canções, cantando essa linda canção saudade no peito traz daquelas arvores floridas que não existe mais, as belezas que deus fez, pois ninguém faz outras iguais, os homens como heróis trazendo machado e foice toda a beleza destrói, papagaio hoje vive vagando voando pelos espaços procurando o que comer de galho em galho e não acha o que tristeza danada que agora no peito trás Dos tempos que era sertão que não volta nunca mais .

MARÇO 2015

Quando cheguei no posto me veio na imaginação volto a me recordar no tempo que era ser-

tão aquele povo deitado rolando ali pelo chão e dona Jeni correndo com aquela cambuquinha só pra ver se levantava os maleitosos que ali pobres caíam, mais aquela mulher corria sofria sem dizer nada, mais mostrava seu talento de enfermeira diplomada, somente quem conheceu sabe contar o que é que ela foi, a fundadora do posto de são José mais viva pai poderoso que te deu a devoção dona Jeni também foi um herói daquele sertão hoje aqui é alegria o povo tem o seu leite e seu pão todo dia só te agradece o prefeito que pois essa mordomia mesmo assim o povo não reconheceu ele foi apedrejado pela mão daqueles malvados que imitaram os judeus mesmo assim não se reclama que Jesus também sofreu Jesus morreu judiado sem se quer ter um pecado na mão daqueles malvados que não valiam o que tem .



QUER PARCIPAR DO VARAL?

Então venha! Não fique se preocupando se o seu texto é ou não é inédito e nem se comparando com outras pessoas que têm outros estilos. Cada pessoa tem um jeito especial de escrever e mostrar o que sente.

www.varaldobrasil.com

Visite o site do Varal do Brasil e tire todas as suas dúvidas sobre a revista e sobre como você pode participar, lendo sobre os temas que propomos, as datas para as inscrições e muito mais.

Para divulgar seu livro, divulgar o lançamento de seu livro; para divulgar sua arte, sua exposição: envie o material (fotos, ilustrações, biografia) para o e-mail varaldobrasil@gmail.com para análise. Nossa divulgação, gratuita, é feita na página Facebook do Varal do Brasil. Curta e acompanhe:

<https://www.facebook.com/varaldobrasil/>



Salve uma Vida e Ganhe um Amigo!
Eu Adotei. E Você?



ENFIM SÓS, E AGORA?

Por Maria Delboni

E viveram felizes para sempre. Todo conto de fadas que se preze termina assim – lindo, só felicidades, só alegrias. O que será que acontece depois, mesmo no mundo da fantasia? E a vida de todo dia, o ganhar o sustento, a higiene, a alimentação, os filhos, a convivência do casal – o relacionamento? Real ou fantasia – hoje pode-se acrescentar o virtual – , o relacionamento passa por crises, que precisam ser administradas em prol de um bem viver. O que fazer?

Estas perguntas são irrelevantes, ou nem vão aparecer para o adolescente que está assim comparando com a primavera – na flor da vida. Mas os anos passam e eles amadurecem, chegam à maturidade e têm que enfrentar a realidade da vida a dois. Aqui a pergunta é pertinente: o que fazer?

Existem três palavras que podem ser usadas em qualquer relacionamento e que podem ser a chave do sucesso. A primeira é paciência, a segunda é paciência e a terceira é paciência.

Na primeira paciência está a tolerância. É preciso usar da paciência para descobrir a tolerância – uns tem pouca, outros têm uma tolerância média e outros não tem nenhuma. Qualquer que seja este nível, ele deve ser trabalhado para que se chegue a uma situação de estabilidade que possa suportar as dificuldades do relacionamento.

Para lidar com a tolerância é preciso lançar mão da paciência e descobrir nela a aceitação. Aceitar as diferenças depende do nível de tolerância de cada um e a grande descoberta é que aceitar necessita da terceira palavra – paciência. É preciso ter paciência para construir a sabedoria. Ninguém nasce com sabedoria. Ninguém ganha sabedoria, mas sim, adquire sabedoria através de atos, de erros e acertos ao longo da vida, portanto é preciso paciência nesta construção. É com paciência que se descobre a sabedoria responsá-

vel pela aceitação. Só com sabedoria é possível praticar um bom relacionamento. É necessário sabedoria para aceitar o outro como ele é, para saber que as pessoas são únicas, em suas individualidades e caráter. Sábio é aquele que aceita o outro através da tolerância e respeita seus limites.

Se a sabedoria só vem com o tempo, com a vivência; como fica o relacionamento dos jovens, que pelo fato de serem jovens ainda não possuem a sabedoria?

A saída é usar de paciência, e esta pode estar presente em qualquer etapa da vida, pode ser adquirida porque pode ser ensinada, e pode ser treinada.

O treino constante da paciência fará o jovem se descobrir tolerante, e ao usar desta tolerância ao longo de seu relacionamento, ele vai adquirindo sabedoria para aceitar as coisas que não são relevantes, para retirar do dia a dia as implicações de seu caráter, aceitando em si mesmo e no outro aquilo que os fazem diferentes, irá descobrir que as diferenças é o que os fazem únicos, singulares, e que por isso a construção desse relacionamento valerá a pena.





MEMÓRIAS DE MENINO...

POR NEF MAGAÑA

Eu tinha 4 anos de idade quando meus pais decidiram sair da cidade grande e viver em uma cidadezinha do interior. Ainda me lembro do dia da mudança, uma confusão inimaginável, meu pai ajudava a colocar os poucos móveis que possuíamos em um velho caminhão, enquanto minha mãe já a um passo da histeria, concluía que aqueles brutamontes da transportadora não tinham noção do que precisavam fazer.

Ah! O dia estava claro e o sol nos acompanhou até nossa nova casa. E a partir de então eu e meus irmãos iniciariamos um caminho repleto de novidades.

Tivemos o privilégio de correr pelos campos verdes e pisar na terra molhada. Guardo ainda co-

migo o inusitado gosto das frutinhas silvestres, e o canto dos passarinhos. Foi nessa época que eu também iria conviver muito mais com meu avô. Os dias foram transcorrendo, com o privilégio que somente as crianças podem ter ...era bom andar de bicicleta e sentir o vento gelado no rosto, eu não tinha medo de nada, naquela época tudo era possível, as cores eram maravilhosas, a comida era muito saborosa e meu avô contava tantas estórias!! Tomar café com leite todas as tardes, com um bolo de chocolate no centro da mesa, tinham toda a importância do mundo. E quando minha mãe sorria, nossos olhares se cruzavam e eu, podia saber verdadeiramente, quem era ela. Ou quando eu saía de mãos dadas com meu pai para algum passeio, eu podia falar dos meus sonhos e expor meus sentimentos, conversas que a maturidade não me permitiram mais porque, o mundo de um menino é bem diferente.

Um menino vive em um mundo que os adultos esquecem, a alma de um menino pode ver além daquilo que é real, e sempre haverá um significado atrás de suas palavras, de seus desenhos coloridos e sempre haverá uma estória fantástica que ele inventa para si mesmo, e assim o menino tem chance de ter vários momentos de extrema

felicidade. Meu mundo de menino era perfeito. Eu era o rei desse mundo!

Mike Ele chegou ainda pequeno, porém já era forte e brincalhão por isso, foi o escolhido entre seus três irmãos, era cheio de personalidade e foi dando sinais que a partir daquele dia, nada mais seria igual.

Nesta mesma época veio também a Suzie, uma gatinha feia e magrinha. Que tinha grandes olhos azuis, mas, ela era completamente estrábica...somente minha mãe gostou dela, que de tão pequena tomava leite com conta gotas a feiosa criatura...

Eu e meus irmãos ficamos em êxtase com a novidade, éramos pequenos e a nossa responsabilidade de também ajudar a cuidar do Mike e da Suzie, foi além das expectativas de minha mãe.Comida, água...banhos...

Incrível o amor e amizade que os animais tem para quem cuida deles é um elo eterno. Ambos cresceram e ficaram fortes e bonitos O Mike passou a assustar as pessoas, que não conheciam seu temperamento dócil e amistoso, mas, todos admiravam seu belo porte...

A Suzie sendo uma gata e todos sabem que os gatos são bem diferentes, logo deixou claro que não gostava de confusão...ela gostava de estar sozinha, se espreguiçar no sol, observar os pássaros nas arvores e depois deitar na poltrona da sala e dormir o resto do dia...

Agora o Mike... vivia fazendo confusão...tirava as roupas do varal...derrubava tudo por onde passava, queria dormir em nossas camas...

Durante o dia eu e meus irmãos, sempre juntos do Mike, corríamos pelos campos e como era bom sentir o vento gelado batendo no meu rosto, hoje sei que aquilo sim era felicidade, jogávamos bolas ou algum graveto e lá ia o Mike correndo pegar, mas, nem sempre ele nos devolvia...então nós três corríamos atrás dele gritando ... Mike!!

Mike!!!!

Nos dias ensolarados ele sempre ganhava um pouco do nosso sorvete ou da nossa Coca-Cola...e as vezes depois da chuva ficávamos juntos admirando um arco iris ou íamos pisar na terra molhada, sujando nossos pés para depois sujar nossa casa...minha mãe ficava muito brava com isso e falava

-Parem com isso crianças! Vejam meu tapete como ficou!!!

Nas noites escuras ou com fortes temporais, ele sempre nos fazia companhia...ele deitava perto de nossas camas enquanto um de nós coçava sua cabeça, e eu sentia tanta segurança ao seu lado! Compartilhamos momentos e sentimentos com este amigo especial de quatro patas. Que pensamentos teria Mike? Será que ele tinha seus sonhos também?

Muitas vezes fiquei observando seu silêncio, deitado em frente da lareira da sala de piso rústico, depois de comer muito, e estar satisfeito... ele gostava de escutar as músicas clássicas que minha mãe colocava.... Mas, quando ele notava meu olhar, logo vinha abanando o rabo demonstrando toda sua fidelidade e alegria por ter uma família que o amava muito

Quando nós voltávamos da escola, da esquina de casa escutávamos seus gritos de felicidade, ele reconhecia o barulho do motor do nosso carro, e éramos recebidos com pulos de alegria e muitas lambidas que demonstravam a falta que sentia de nós...



Um dia ele correndo se machucou e o veterinário

engessou sua perna e colocou um colar em volta de seu pescoço...ele ficou muito engraçado... outra vez foi a Suzie que subiu no galho mais alto de uma árvore, e depois não conseguia descer e somente os bombeiros conseguiram resgata-la, foi um acontecimento, minha mãe e minha irmã ficaram abaladas com tudo aquilo...

Certa vez o Mike fugiu de casa e de carro ficamos muito tempo procurando por ele que, já estava dentro de um canil em uma casa próxima a nossa, mas, o homem que o prendeu inicialmente negando, não teve outro jeito senão devolve-lo para nós, assim que se viu livre ele correu para o carro e entrou todo contente pela nossa ajuda. Minha mãe não tinha sossego, mas, repito aqui-lo era a felicidade!

Até o dia, recebemos a notícia que teríamos que voltar para a cidade grande novamente, após os momentos de euforia lembramos do Mike que por ser um pastor alemão, não poderia ir para um apartamento, somente nossa gata poderia nos acompanhar...



Houve choro, muita tristeza porque a partir dali não sabíamos ao certo o destino de nosso grande amigo, mas, finalmente achamos alguém que poderia ficar com ele. Concorda que aquilo que parece bom, e confiável, pode não ser? Nos dias que antecederam nossa mudança, ele ficou diferente, já não parecia tão feliz...apesar de sua ingenuidade, sei que ele podia ver o que estava para acontecer.

Quanto a nós foi muito triste tomar esta decisão, dividimos nossa vida durante quase 3 anos com o Mike e ter que optar entre ficar com ele naquela casa ou seguir outro caminho, foi a opção difícil que meus pais foram responsáveis e nós três tivemos que aceitar.... Se eu tivesse o poder de parar o tempo, teria feito isto naquela época.

Existem amigos que são de fato insubstituíveis, Mike seria um deles.

No dia que partimos, deixamos ele isolado para que não visse nossa saída e também porque ninguém teve coragem de dar adeus, logo chegaria seu novo dono e apesar de estarmos aflitos, tínhamos grandes esperanças em nossos corações..., mas, ele podia ver o que acontecia, porque ele tinha o dom de olhar com o coração, e seus uivos e lamentos, ficariam guardados para sempre em nossas vidas....

E um grande vazio se fez presente a partir do momento que o carro saiu da frente de nossa casa. Eu e meus irmãos estávamos no banco de trás do carro, segurando a Suzie que nunca soube a sorte que teve, sendo ela pequena, fora poupada da repentina e desastrosa separação.

Durante a viagem fiquei imaginando como estaria o Mike, que há dias seus olhos mostravam a dor que nossa ausência causaria e quanto mais o carro se afastava, ia deixando para trás, um caminho que já sabíamos não ter mais volta.

E foi assim que passei da minha infância para minha adolescência aprendi que na vida muitas situações nos leva a fazer escolhas, que nem sempre são as melhores e só tarde demais nos damos conta e, apesar disso ter acontecido há tanto tempo ,constantemente minhas emoções se afloraram e Mike vem em meus pensamentos, porque a partir dessa época, eu tive outras tantas escolhas para fazer e nenhuma delas foi fácil, sempre há o sentimento de alguma perda, porque nunca saberemos como teria sido se tivéssemos escolhido a outra opção mas, sei que meu percurso terá outras inúmeras possibilidades.

Mike... nunca mais eu soube de seu paradeiro, ou o que aconteceu com sua vida ... e você Mike, nunca saberá que pouco tempo depois fomos a sua procura porque nossa dor era grande, mas, não o encontramos mais...e que sua ausência em nossas vidas provocou este vazio que nos acompanhou para sempre e nunca pode ser preenchido. E o tempo foi passando mesmo sem minha permissão. Hoje me vejo um jovem adulto, assim como meus irmãos. Constatamos as primeiras rugas nos rostos de meus pais. Tantos fatos aconteceram. Minha vida mudou totalmente, família, amigos, lugares..., mas, vejo que tudo tem seu tempo, seu ritmo, sua vez...e que as escolhas fazem parte de tudo isso, por mais ingratas que elas possam parecer.

Mike, você nunca saberá também, que os laços que nos uniam tampouco se desfizeram com o passar dos anos, porém, o que eu gostaria que você soubesse é que você me ensinou a também a olhar tudo com o coração... o que me ajudou a ser melhor como pessoa.

Ainda hoje em dias de chuva, principalmente quando há trovões e relâmpagos, eu volto a ser um menino, fecho meus olhos e como o protagonista de um filme, me vejo correndo de um lado para o outro, em companhia daquele que me deu muita felicidade e que eu também consegui dar muitos momentos felizes, dividindo meu sorvete, minha coca cola e principalmente, minha infância.

Eu posso também sentir as gotas da chuva caindo no meu rosto, sentir o cheiro da terra molhada e ver meus pés sujos de lama e, escutar minha mãe ralhando, mas, sempre fico feliz e sorrio com essas lembranças, que jamais serão varridas de minha memória., assim como outras tantas da minha vida de menino.

Querido Mike...



CONHEÇA A REVISTA VARAL DO BRASIL

A revista Varal do Brasil iniciou-se em novembro de 2009.

Você está começando a escrever agora? Seja bem-vindo (a)! Você escreve profissionalmente? Seja bem-vindo (a)? Você escreve para passar o tempo? Seja bem-vindo (a)!

Nosso objetivo primeiro é a difusão da Literatura de Língua Portuguesa, mas já estamos aceitando textos em Espanhol. Sobre a revisão que deve ser feita nos textos antes de enviar:

- Os textos em Português deverão vir revisados, mesmo se faremos uma revisão final;
- Os textos em Espanhol não poderão ser revisados por nós, portanto, por favor, faça uma boa revisão!

Pode participar de onde você está, não importa onde você more. O objetivo é a divulgação da literatura e dos escritores.

A distribuição é feita gratuitamente. A revista, em formato PDF, além de ser distribuída ecologicamente por e-mail e é também divulgada em sites, blogs e redes sociais.

Escreva, participe! Peça o seu varal pelo e-mail varaldobrasil@gmail.com

Para escrever conosco você não precisa ser associado a nenhuma organização ou associação. Toda participação é gratuita.

A revista não possui edição impressa.

ANJO DO BEM(JÚLIA)

Por Rosa Izabel Spagnuolo

Mãe que em seus noventa e um anos
Transborda paz e alegria
Paciência e muita fé
Sorriso que contagia

Deus lhe deu muitas virtudes
E muitos filhos também
Com dedicação e amor
Conduziu –os para o bem

O retrato do amor
Vejo em ti, mãe querida
Conquistou conhecimento
No decorrer desta vida.

Quantos sonhos, esperança
Imaginou, construiu
Outros não realizados
Persistente perseguiu

Conduziu nossa família
com serenidade e magia,
E a união conquistou
Com grande sabedoria

Momentos que não se apagam
Lembranças que longe vão
Capacidade em servir
Com garra, exemplo e dom

Parabéns amada Mãe!
Com carinho e gratidão
E com amor infinito
Um beijo no coração.



NOS BASTIDORES DA ESCRITA

Sandra Veroneze

AS ÁRVORES CAMINHANTES DE J. R. R. TOLKIEN E O DESAFIO DA ESCRITA CRIATIVA

A escrita criativa tem muitos desafios e um deles é o famoso branco. Em outras palavras, a falta de inspiração. A cena é conhecida: o escritor ou escritora senta-se diante da tela do computador, ou em seu local preferido, munido de papel e caneta, e nada ou pouco consegue produzir – no segundo caso, quase sempre com qualidade questionável.

O renascentista Leonardo da Vinci, que foi considerado gênio em várias áreas do conhecimento, desenvolveu ao longo da vida princípios que podem vir em auxílio dos poetas, contistas, romancistas, enfim, pessoas que se dedicam a todo tipo de escrita, em momentos como este. Os princípios vicianos, como eram chamados, foram responsáveis por aprimorar não exatamente a técnica de Leonardo da Vinci, mas sim o animus dessas técnicas, a alma delas.

Hoje quero falar sobre *Curiosità*. Traduzindo:

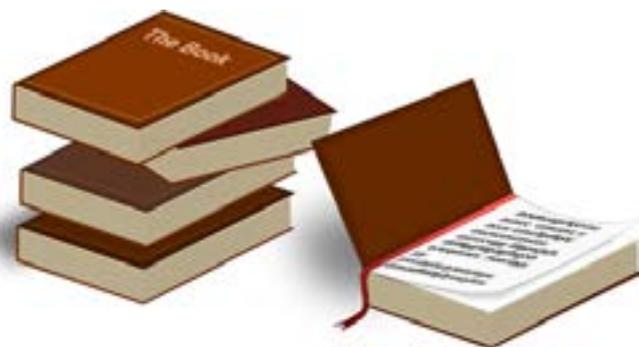


Curiosidade. Você lembra de quando era criança e a famosa fase dos porquês? Queríamos saber tudo. Por que o céu é azul? Por que o sol é quente? Por que a água cai pra baixo na torneira? Por que preciso dormir agora? Por que o passarinho voa? Por que os meus primos podem repetir sorvete e eu não?

A curiosidade é natural no ser humano. Por algum motivo, com o passar do tempo, vamos perdendo o hábito de fazer perguntas. E, em determinado momento, decidimos que determinadas dúvidas não devem ser externadas. Muitas vezes, deixamos de perguntar para não parecermos burros, desconhecedores, e aceitamos o ‘porque sim’ e o ‘porque não’ como respostas. A consequência triste é que, deixando de expressar as perguntas, deixamos de ouvir respostas e muitas vezes deixamos também de alimentar o motor interno que instiga à investigação. E, por consequência, acabamos por nos contentar com a superficialidade dos fatos, dos acontecimentos...

O convite que faço hoje é no sentido de recuperar essa criança de oito anos que existe em você e se entregar ao exercício das perguntas. Observe o mundo à sua volta. Observe os objetos e imagine como surgiram, como foram produzidos, quantos quilômetros fizeram para chegar até você. Observe as pessoas e imagine um passado triste, ou um futuro glorioso, e crie as lacunas entre esses dois estágios. Observe algum estranho e imagine o que estará sentindo naquele momento. Enfim... Permita-se observar, apenas observar, tal qual o antropólogo que vai a campo. Tudo que ele busca são evidências, pistas, pontos de partida que revelarão verdades maiores, mais profundas... Colete dados, informações.

A ‘*curiosità*’ pode ser uma poderosa aliada de



NOSSAS PRÓXIMAS EDIÇÕES

quem se dedica à escrita criativa, trazendo inspiração na construção de roteiros, caracterização de personagens e em inúmeras outras áreas. Muitas vezes eu me pergunto e penso que J. R. R. Tolkien, ao criar a trilogia O Senhor dos Aneis, talvez em uma bela tarde ensolarada possa ter se sentado em algum parque e se perguntado por que as árvores não caminham... O restante da história já conhecemos.

Ficou com alguma dúvida? Ou gostaria de conversar mais sobre isso? Escreva pra mim!

sandra.veroneze@pragmatha.com.br

Sandra Veroneze é jornalista, escritora, editora e filósofa clínica. Acredita no valor terapêutico da palavra e na escrita criativa como ferramenta de autoconhecimento a partir da exploração das subjetividades. É autora dos livros Nascidos a Forceps, de poesia, e Eternidade ou Infinito (?), de crônicas.

www.bastidoresdaescrita.com.br



– Edição de setembro, com o tema NOSSO PLANETA . Inscrições até 25 de julho, distribuição no final do mês de agosto.

Você pode escrever sobre o Planeta Terra, sobre a relação do ser humano com o planeta, sobre proteção ambiental, lixo e reciclagem, formas de preservação da natureza...

Você pode falar da natureza, das plantas, das matas, das árvores, dos animais domésticos e/ou selvagens (da proteção animal), dos rios, mares, cascatas, lagos, oceanos...

Você pode escrever sobre os desastres ambientais (Mariana – Minas Gerais – e outros tristes exemplos), sobre o clima, as mudanças climáticas, a poluição... Enfim... use sua criatividade para enaltecer nosso planeta Terra, para levar às pessoas uma maior reflexão sobre os problemas ambientais e também para fazer uma saudadeção ao Nosso Planeta!

– EDIÇÃO ESPECIAL PÁGINAS DE SANGUE (Vozes contra a violência) - Inscrições até 30 de julho, distribuição no final de setembro).

Contos, minicontos, crônicas, poemas, cordéis, trovas, que tragam histórias verdadeiras e/ou criadas com tema policial, de ação, suspense, denúncias da violência que assola nosso cotidiano. Por que escrever sobre violência quando a violência já nos atinge por todos os cantos, em todos os sentidos? Porque escrevendo nossas vozes unidas podem calar a violência!

Os melhores textos, ficção ou verdadeiros, serão publicados na edição especial.



TEMPOS DE OUTRORA

Por Tetê Crispim

A brisa suavizava a face rubra, cansada da lida,
Do mesmo modo tombava grama de capim e as flores do jardim,
As árvores balançavam suas folhas pra lá e pra cá,
O tempo prometia chuva, nuvens escuras no céu.
Ela ainda de avental sentada num banco de madeira na varanda,
Tecendo crochê para o Natal, pintava uma tela real.
O branco da toalha se contrastava com o barrado vermelho já tecido,
A criança miúda mexia nos novelos no cesto de linhas e costura,
O cão latindo corria atrás do pato, que de asas abertas imitava um voo,
Momento de diversão, de arrancar ingênuos risos, de fluir felicidade
Era a vida se revelando em atos, cenas que hoje estão em relato
A magia às vezes se quebrava com o cheiro de assado da cozinha
Bolo de milho todos os dias, mas a paz e o sorriso continha
O toque na porta sobressaltava, e a pergunta no ar se fazia,
Quem era, era mesmo a comadre que sempre chegava,
Enquanto lanche da tarde acontecia, a água fervia,
As brasas do fogão cozinhavam também o feijão,
A vassoura de mato num canto, na peneira grãos de café,
No pilão compassava o toque que socava o arroz,
A fumaça na chaminé anunciava o gostoso jantar,
O manto da noite cobria o tempo, o lampião vencida a escuridão,
A simplicidade marcava... Tempos de outrora...

Imagem by Fogão A Lenha Na Roça

love is in the air

O AMOR ESTÁ NO AR

POR SÍLVIO PARISE

Respiro totalmente apaixonado
o Amor que constantemente está
no ar, é claro.

Para assim, inspirado por fim,
no computador alegremente começar
radiantemente a digitalizar
poemas que rapidamente
surgem em minha mente
como se fossem uma chuva
não formada de água
mas sim, contendo letras
que, eloquentemente agrupadas
formam belas palavras
talvez incrivelmente lançadas
por poetas que já se passaram
e, portanto, agora vivem no outro lado
aproveitamo o amor
que continuamente está no ar,
causando nesse processo
poemas de magnífico teor.
Contanto, maravilhado estou
com tudo isso que vem acontecendo
e, com o amor que realmente sinto
está no ar para amavelmente nos ensinar
que a vida é eterna e tem valor.

PEDRAS

**POR NORÁLIA DE MELLO
CASTRO**

Sob o telhado de minha casa,
Perscruto as sombras do dia.
As pedras ali estão,
Poderosas a clamar
Um olhar a penetrar
Na vida que corre no tempo.
Amei ler uma colega,
Que disse no final de seu lamento
A descoberta esplendorosa
Ao descobrir suas pedras lapidadas...

Chorosa de tristezas
D e amor perdido então,
Tive raiva das pedras
Tive inveja de outras alegrias
Penei meus passos sobre pedras~
Lamuriei e desesperei.
Até descobrir que na natureza
Que me cercava, a lição emanava.

Tudo. Plantas, bichos e pedras
Fazem parte do caminhar.
Tem cada um sua missão
No terreno do viajante.
Tudo e todos emanam
Saberes.
Emanam dizeres
Formulam palavras
Que brotam assim toscas
E verdadeiras.
A energia de tudo
Concentrada no todo
E em mim, simples caminhante
No caminho de pedras circundantes.

Descobri a importância das pedras
A cercar os caminhos,
Não os deixando desmoronar
Cercando as águas rebeldes
Impedindo a lama despejar.
Muitas vezes segurando
As raízes das árvores postas.
As pedras nos permitem
O arcabouço de nosso corpo
Pondo – o em pé, ereto,
Firmando nosso caminhar.

As pedras nos ensinam lições,
Concentradas sobre terra ou
Internamente a burilar
O ar que renova o dia
O ar que movimentava o tempo.
Precisamos de pedras
Como da água para viver...
Em cachoeiras ou lagos
A aparar nosso saber.
Sua importância é tão grande,
Quanto a água, o fogo e o vento
Saber receber esta energia
É o aprendizado a desvencilhar
No dia a dia...afinal nossa casa,
Nosso lar, foi armado de pedras .
Nosso corpo foi armado de ossos,
Duros feito as pedras.
O planeta é sustentado por pedras,
Para não se tornar apenas uma poeira.
Um poeira cósmica vagando na imensidão.
Amo quando tenho a chance
De ter nas mãos, um cristal príncipe,
Lapidado belissimamente pelo tempo
Entre águas e ventos...
Recolho esse cristal,
Aspirando ser um dia
Tão belo quanto ele.
Passando pelas águas, fogo e vento
Me tornando forte e dura
Quanto uma pedra cristalina,
Não apenas pulando sobre pedras.

***Disse o poeta:
"no caminho tem uma pedra.
Tem uma pedra no caminho."
Eu traduzo este dizer assim:***

Minha casa, meu lar,
Feito de pedras a proteger.
Meu corpo feito de ossos,
Duros feito pedra.
Anseio lapidar as pedras do caminho,
Ser uma pedra cristalina feito um cristal
Na passagem do tempo,
Me tornando tão bela quanto ele,
Tão firme quanto bela,
Não apenas pulando sobre pedras.
Final, sou o caminho, sou uma pedra.



ACASO

Por Rosalinda Pessoa Mildner

Numa mesa de Bar
Escrevo o que eu imagino
no fundo do meu íntimo
sinto uma gota de esperança
penso que nem tudo está perdido.

Mergulho no copo de cerveja
visualizo um corpo de mulher
marcada e amarelada da vida
congelada pelo tempo
dando forma ao destino

Olho em volta
homens e mulheres
desamparadas pelo acaso
cheias de emoções falidas
na embriagues perdidas.



Imagem by Inextremiss

CAMINHO BENDITO

POR ROZELENE FURTADO DE LIMA

Precisava de repente sair da semente
Queria tanto um pouco mais da sonhada paz
Saber o porquê de ser tão complexo viver
 Fiz as malas da ilusão sem pressa
 Coloquei todas as imagens dos sonhos
E parti em busca do tempo e suas promessas
 Não tive medo do silêncio medonho
 Nem dos percalços das estradas curvas
 Nem dos indecifráveis sons nos túneis finitos
 Nem das gotas que coagulam águas turvas
Queria tanto encontrar o mapa do caminho bendito!
Deixei fluir momentos de prazer na entrega do amor
Segui a estrada de possuir conhecimento e riqueza
Fiz menor a travessia entre pontes de alegria e dor
Percorri milhas na sombra da dúvida e da certeza
Caminhei por veredas entre ninhos de serpentes
 Andei sobre as nuvens da magia e seus ritos
Voei nas galerias escuras dos rios do inconsciente
 Desfiz e inventei outras lendas e novos mitos
 Inalei o perfume do silêncio que adormece
Bebi no cálice das mentes secretas dos imortais
 Concluí depois de compor a última prece
 Que a viagem é uma escolha do viajante
Todavia, chegadas e partidas para todos são iguais

VOZES

POR DIEGO BRAZ

As vozes
Que como lampejos de razão
Propagam e afagam
Minha relutante solidão
Reprimida pelo anseio,
Pela ideia
Pelo não

Desgasto-me
Desconstruo,
Desamarro
Desapego e procrastino
O que o tempo dirá de mim?
O que o tempo dirá de nós?

Minha mente
Será ativa, ativa, austera
Intitulando cada olhar meu
Um universo de possibilidades
E ideias que teimo em ter
Absorvidos pela rotina
Incurável da vida lá fora

Me transformo em muitos
Com a constância
Ininterrupta dos dias
Atribulando
Rearranjando
O que o tempo disse de mim?
O que o tempo disse de nós?

Um dia após o outro
Uma batalha após a outra
Uma guerra constante
Inquietudes de expiações
Explicações de argumentos
Tolos, fático, abstrato

Irrisórios e indivisíveis
De esdrúxulas palpitações
Concernente ao mágico
Místico do corpo e mente
Que me tomam
Irreverente
Aos ritos, rugosos
Propício aos costumes

O que posso dizer do amor,
Que sinto em mim?
Que vejo em nós?

O amor que estimula meu corpo?
O amor que encanta minha alma?
O que é amor, se não plenitude?
O amor de meus pares?
Que deposito aos borbotões?

Nos porões de minha imaginação

Porque o amor tem que ser carnal?
Porque devo amar fisicamente?
Quem inventou apenas um amor?
Qual conceito vigora sob o direito de amar?

O que o tempo dirá de mim?
O que o tempo dirá de nós?



Imagem by Carlos Alvarenga

DÁDIVA DIVINA

Por Teodora Ramos Urcino

A mulher é símbolo de paz e felicidade
carinhosa como uma chama ardente
perfumada como uma rosa...
Sabe ser mãe, amiga e companheira
ensinando e também aprendendo
mais e mais...
com pessoas de sua convivência.
Com sua sabedoria
procura ensinar e aprender
Para passar à frente a quem precisar
dos seus conhecimentos.
Mulher, dádiva divina
que Deus criou para junto ao homem
formar um belo par...
Mulher
quando quer
sabe ser feliz e fazer os outros felizes
sabe ser feliz e transmite sua felicidade aos outros.



HÁ AS LÁGRIMAS DO RISO E AS DO CHORO

Por Odenir Ferro

Vivo em constantes pensamentos. E entre um e outro vou formando ou reformulando algumas ideias. Portanto, posso agora, transcrever o artigo que se segue, dizendo isto por mim – e também, é claro, pelas muitas expressões humanas – estampada nos rostos que já tive o prazer de vê-los – sejam através dos meus ciclos de amizades, ou de pessoas alheias que porventura transitam ou transitaram por mim, ou em fotos, filmes, televisão – enfim, nós seres humanos estamos constantemente expostos em todos os lugares – a nossa imagem é a que conta: ela vai sempre avante, além de nós, além até de onde possa a nossa imaginação alcança-la. Então, assim sendo, posso reafirmar que ao longo da minha existência contracenei a mesma com pessoas identificadas por rostos – todos eles desiguais – ninguém é igual a ninguém – somos únicos, entrelaçando os nossos universos pessoais com universos outros que denominamos de pessoas. Pessoas que são únicas, cada qual com um rosto exposto ao mundo, como uma das muitas patentes marcas de existência que temos e mantemos pela vida afora.

As nossas emoções, embora sejam prazerosas às vezes, se tornam excessivamente deprimentes, comoventes até, em outros momentos. Nossas emoções são muito complexas de lidarmos com elas – penso mesmo, que é muito difícil até, de se lidar ou de se administrar os nossos comportamentos, se permitirmos que somente as nossas emoções ajam sobre eles.

A lógica existencial depende do nosso equilíbrio – e este equilíbrio, para que se estabeleçam harmoniosos em nosso mundo interior, não depende exclusivamente apenas, das nossas ações.

- Numa atitude simples de pôr os meus óculos, ao sair, para observar a noite escura do céu, pude notar o gratificante brilho que vêm até nós, através das estrelas que nos apresentam-se como se estivessem equidistantes de nós – embora saibamos que não. A natureza divina é mesmo, muito pródiga. Muitas das estrelas que observamos cintilando-se na escuridão do céu, já se apagaram a muitos e muitos anos passados. Quando olhamos para o céu noturno, presenciamos o nosso passado.

- Sou míope. Graças aos meus óculos, pude rever o brilho das estrelas. Isto me deixou feliz. São momentos como estes – simples assim – que me causam uma satisfação imensa. E muitas vezes, até me leva a um estágio de riso interior ou explícito. Uma alegria de saber que estou plenamente acompanhado por pessoas à minha volta – e também, pela Natureza que nos cerca e nos envolve: por dentro e por fora.

Costumo conviver com um alheamento a tudo, às vezes.

Nas vezes outras, vivo sintonizado – plugado mesmo, com o mundo que me acolhe e me da guarida e subsistência para vivê-lo, saboreando das suas terras, das suas águas, podendo explorá-lo, alimentando o meu corpo e alma, através das muitas energias que recebo dele. Tudo isto, eu transformo em significativos símbolos – através dos quais, eu vivo explorando-os por dentro e por fora de mim, expressando e exprimindo-me, através das lágrimas dos meus risos e também das lágrimas das minhas dores.

Ambas me fazem crer – cada qual no seu devido tempo, dentro dos seus estágios pelos quais elas se manifestam em meu ser, estágios emocionais estes que quando são personificados em mim, dão-me uma carga energética a mais, impulsionando a vibrar a minha viva realidade condizente com as expressões que manifesto através delas, pois através delas eu vivo, eu me expando, compondo os meus melhores e mais sonoros ruídos humanos.

Nós, seres humanos, somos cheios de ruídos. E

nós nos manifestamos, marcamos a nossa presença na Natureza – através deles; além de, é claro, de tudo o mais que nos compõe quanto personalidades viventes que somos. Como comunicarmo-nos uns com os outros, através das muitas maneiras possíveis, por exemplo.

Mas, a força mais expressiva do nosso rosto, além do olhar, está concentrada através dos nossos gestos manifestos através dos nossos risos ou das nossas dores.

Risos que muitas vezes nos levam às lágrimas, por tanto rirmos. E quanto às dores, bem: - Quanto às dores, quase sempre alcançamos as lágrimas. Choramos por dentro ou por fora, mas choramos. Quase sempre.

Somamo-nos através de um grande conjunto complexo, composto por muitas emoções. Sentimos e ressentimos. E refletimos...

Somos uma essência feita de muitos amores e ódios. Gritos de alegria, lágrimas causadas pelos dissabores dos desamores.

Rugimos de felicidade, estalamos os dentes nos nossos momentos de ira – reprimimo-nos condicional ou incondicionalmente, ou explodimo-nos espontaneamente, até às lágrimas. Manifestando-as através do amor ou do ódio. Através dos nossos contentamentos ou dos nossos ressentidos dissabores...

Assim somos nós. Assim caminhamos nós...

- Para onde, porque e até quando?! (...)
- Vamos, nós todos, sonhando, amando, odiando – rindo até as lágrimas de felicidade! Ou, chorando em copiosos prantos, as nossas dores...



BOLO DE MILHO CREMOSO

Ingredientes

Rende: 1 bolo

- 1 lata de milho verde
- 1 garrafinha (200 ml) de leite de coco
- 3 ovos
- 3 colheres (sopa) de farinha
- 1 xícara de açúcar cristal
- 1/2 colher (sopa) de fermento em pó

Modo de preparo

Preparo: 10 mins / Cozimento: 35 mins / Pronto em: 45 mins

Bata todos os ingredientes no liquidificador, deixando o fermento por último.

Despeje numa assadeira untada e enfarinhada e asse no forno preaquecido por 35 minutos, mais ou menos.

Fonte: <http://allrecipes.com.br/>



VITÓRIA

POR ROMUALDO VICENTE DE RAMOS

Sabe aquela mulher que te marca logo na primeira olhada? Pois é, na juventude, ela era exatamente assim.

Não foi uma mulher linda, mas tudo nela era equilibrado. Gestos, falar, andar. E o olhar então? Quando aqueles olhos claros, cintilando sob as sobrancelhas negras pousavam em alguém, pareciam hipnóticos. Os cabelos sedosos, lisos e volumosos, sempre bem cortados, emolduravam aquele rosto cujas maçãs convidavam para uma mordida – delicada, claro.

Quanto ao corpo? Estatura mediana, medidas e formas proporcionais. Nada de magreza esquelética. Era um corpo feminino, modelo de loucura que facilmente poderia arrastar a lucidez de um homem para as trevas da servidão.

Ela era assim. E sabia disto desde muito cedo. Usava seus atributos com maestria e os dengos, desde a tenra infância, sempre foram a chave para abrir qualquer porta guardada por seus pais. Na adolescência tornou-se o sonho de consumo entre os colegas que com frequência ficavam em apuros por não fazer suas tarefas; sempre tinham as dela para dar conta.

Não teve filhos. Talvez na fugacidade de seus amores; a impermanência, o provisório, a fez acreditar que não poderia criá-los. Assim passou a juventude e quando a maturidade atingiu

seu ápice, parou de pintar os cabelos, desenhar as sobrancelhas, maquiar-se. Apenas um coque grisalho, mal-ajeitado, ocupou o topo de sua cabeça como a coroa da velhice soberana, que viera para ficar.

Apesar da boa saúde, o vazio que o silêncio das paredes, em cores démodé, transmitiam, tornava cada dia mais difícil sua relação com uma vida solitária. Contrariando Garcia Márquez, ela não acreditava que “o segredo de uma velhice agradável consiste apenas na assinatura de um honroso pacto com a solidão” e antes que saltasse na decadência, resolveu mudar para um destelares de idosos, assim, pensava ela, quando as artroses e incontinências conquistarem seu esplendor, já estarei bem preparada pelo tanto de versões presenciadas para um mesmo epílogo.

Sua chegada foi um triunfo! Mesmo se mostrando idosa, o semblante era radiante e a expressão de uma mulher confiante logo despertou os mais variados sentimentos. Da admiração e suspiros dos homens, às críticas e inveja, afinal, ela estava mais para uma intrusa entre as mulheres dali, que apesar de idosas, ainda alimentavam alguns sonhos e os mais bem guardados desejos, ocultos e sufocados por um sem número de pudores.

**Os dias desenhavam seu curso.
Quebrar todas as barreiras foi
tarefa fácil para alguém dotada de
tanto carisma.**

Diariamente recebia propostas de casamento, pedidos de namoro, juras de amor eterno, para uma eternidade nada promissora, pois todas se esvaneciam com a memória dos admiradores.

Para alguém que estava lá fugindo da solidão, logo viu-se envolta nos mais tórridos romances – salvaguardando todos os limites, claro.

Seu maior trabalho era administrar os encontros e trocar amor sem acumular compromissos.

Aos poucos as novidades se repetiam e o que um dia pareceu novo, de repente virou rotina. O ciclo entediante dos acontecimentos previsíveis, finalmente se quebrou com um grito diante do espelho:

- Que horror, estou engordando?
- Sim ela estava engordando. Quando começaram os enjoos, logo se confirmou a gravidez.
- Nesta idade?
- Como é que pode?
- Que pouca vergonha!

Biologicamente parecia impossível, mas o fato existia. Estava lá para contrariar a lógica da nossa ciência, tantas vezes equivocada. Todavia, nenhum comentário faz sentido por muito tempo, afinal, o tempo é implacável e logo a menina nasceu.

Na primeira saída ao pediatra, ela retornou com o rosto maquiado, sobrancelhas desenhadas, cabelos pintados na cor da juventude e vestimentas apropriadas para uma jovem mãe. Enquanto as moradoras comentavam se, como o filho de Sara e Abraão, a criança deveria se chamar “Isaquina”, a mãe, transformada e quase irreconhecível, passou em despedida pelos amigos e voltou ao mundo, carregando com muito cuidado, colada ao peito, seu novo e verdadeiro sentido: Vitória.



BOLINHO DE MILHO VERDE

Ingredientes

Rende: 1 dúzia

- 3 xícaras de óleo para fritar
- 1 xícara de farinha peneirada
- 1 colher (chá) de fermento em pó
- 1/2 colher (chá) de sal
- 1/4 colher (chá) de açúcar
- 1 ovo batido
- 1/2 xícara de leite
- 1 colher (sopa) de manteiga derretida
- 1 lata (340 g) de milho verde, escorrido

Modo de preparo

Preparo:30mins /Pronto em:30mins

Esquente o óleo numa frigideira ou panela. Misture a farinha, fermento, sal e açúcar. Bata o ovo com o leite e a manteiga e misture à massa. Junte o milho por último. Frite colheradas da massa no óleo quente e escorra em papel absorvente.

Fonte: <http://allrecipes.com.br/>



TIA DE PRIMEIRA VIAGEM

POR ROVANA CHAVES

O sentimento é novo, coração em dúvida se está preparado para acolher um bebê como ele realmente merece. Acredito que este é um pensamento que faz parte de algumas tias de primeira viagem, como eu. Meu primeiro sobrinho nasceu em 29 de abril de 2015. Data especial, até o dia em que eu morrer.

Antes do dia de seu nascimento, procurei participar da gestação dando meu apoio, amor, carinho e atenção há qualquer momento tanto a meu irmão quanto minha cunhada, também pais de primeira viagem. A primeira vez que senti com a mão, Gonçalo chutar, foi maravilhoso.

Não pude conter lágrimas de felicidade, pois a emoção transbordou pela alma e teve de sair pelos olhos.

A felicidade não precisa ser escondida, precisa ser vivida. Precisa ser saboreada como um bom sorvete cremoso num dia caloroso.

Caloroso mesmo ficou meu coração quando ele nasceu. Desde que mirei aquele pequeno tesouro, tive certeza de que minha vida mudaria completamente. Antes mesmo de nascer, Gonçalo já me tornava uma pessoa melhor. Eu também queria fazer isso por ele. Pelo menos, tentar. Na medida em que o tempo foi passando, ele crescendo, nosso vínculo se firmando. Esse vínculo já se conecta pelo nosso olhar.

Mesmo que ainda não nos comuniquemos verbalmente na mesma linguagem, nossos olhos já conversam através de uma linguagem universal: a língua do amor. Sentimos o conforto um do outro no abraço que mata a saudade, no ninho que meus braços proporcionam para seu sono de passarinho, nos momentos em que brinca-

mos incansavelmente até essa tia tomar um banho de suor com tantas criancices que faz com seu sobrinho querido.

Não sei o que ele pensa sobre mim, um dia vou saber. Quem sabe seu ponto de vista sobre esta “tia babona” muda, talvez não.



Mas há algo que tenho certeza: meu amor por ele só tende a crescer. Vi seus olhos crescerem de curiosidade diante de um livro pela primeira vez que o sentei em meu colo e contei uma história. Livros de história foram meus primeiros presentes, pois assim como amo leitura, gostaria de mostrá-lo essa riqueza também.

Ser tia de primeira viagem é simplesmente maravilhoso. É resgatar a pureza da criança para o cotidiano adulto. É se permitir amar sem reservas. É pensar numa criança que mesmo sem ter nascido de seu ventre, é parte sua. É sentir com o coração e com a alma a plenitude do amor. Acredito que ser mãe, pai, avó, avô, também perpassam por emoções semelhantes. Ser tia, é ser amiga, confidente, parceira de brincadeiras, e por fim, coração aberto para aninhar, abraçar, beijar, amar.



A HISTÓRIA DO BRASIL SOB A ÓTICA FEMININA

HEBE C. BOA-VIAGEM A. COSTA



FRANCISCA JÚLIA DA SILVA

1871 – 1920

A Musa Impassível

Francisca Júlia, poeta de maior destaque no entresséculos (XIX/XX), nasceu em Xiririca, atual Eldorado (SP), em 1871. Desfrutou, desde a infância, de um ambiente propício a seu desenvolvimento intelectual, pois sua família era culta. Seu pai, Miguel Luso da Silva, era advogado, a mãe, professora e o irmão, Julio César da Silva, poeta conceituado. Ainda menina, Júlia já demonstrava o seu gosto pela poesia.

Com a família, mudou-se para São Paulo e, aos 18 anos, passou a colaborar em jornais e periódicos paulistas e cariocas. “O Estado de São Paulo” foi o primeiro a publicar suas poesias. Depois, passou também a escrever para o “Correio Paulistano” e para o “Diário Popular”.

A estréia de Francisca Júlia na revista carioca “A Semana”, que contava com os mais destacados escritores de então entre seus redatores, causou dúvidas, pois não acreditavam que uma mulher pudesse escrever versos tão perfeitos. João Ribeiro assim se expressou:

“Isto não é verso de mulher! Deve ser uma brincadeira do (Raimundo) Correa!...”

Francisca Júlia, em 1895, reuniu os sonetos publicados na revista “A Semana”, desde 1893, e publicou seu primeiro livro “Mármore” com prefácio de Júlio Ribeiro. Seu lançamento foi um sucesso nas rodas culturais de São Paulo e do Rio de Janeiro. Os elogios se multiplicam. Olavo Bilac numa crônica assim se refere à poeta:

“Em Francisca Júlia surpreendeu-me o respeito da língua portuguesa, não que ela transporte para a sua estrofe brasileira a dura construção clássica: mas a língua doce de Camões, trabalhada pela pena dessa meridional, que traz para a arte escrita todas as suas delicadezas de mulher, toda a sua faceirice de moça, nada perde da sua pureza fidalga de linhas. O português de Francisca Júlia é o mesmo antigo português, remoçado por um banho maravilhoso de novidade e frescura.”

No prefácio de “Mármore” Júlio Ribeiro escreveu:

“Nem aqui, nem no sul nem no norte, onde floresce uma escola literária, encontro um nome que se possa opor ao de Francisca Júlia. Todos lhe são positivamente inferiores no estro, na composição e na feitura do verso, nenhum possui em tal grau o talento de reproduzir as

belezas clássicas com essa fria severidade de forma e de epítetos que Heredia e Lacombe deram o exemplo na literatura francesa”.

Mesmo alçada ao nível da famosa trindade parnasiana – Olavo Bilac, Raimundo Correa e Alberto de Oliveira – Francisca Julia não se perturba e continua produzindo seus sonetos e vertendo para o português os versos dos poetas alemães Heine e Goethe.

Filha de professora, Júlia acabou se interessando pelo que as crianças liam e resolveu escrever livros que as estimulassem a gostar de ler. Em 1899 publicou “O livro da infância”, prefaciado pelo irmão Júlio César da Silva, tendo como população-alvo crianças que tinham feito seu curso elementar de leitura. O livro teve larga divulgação uma vez que foi publicado pelo Governo do Estado de São Paulo e adotado nas escolas públicas e privadas.

Em 1903, Francisca Júlia lança seu novo livro “Esfinges”, novamente prefaciado por João Ribeiro, que é recebido com os aplausos da crítica. Aristeu Seixas, Vicente de Carvalho, Coelho Neto e muitos outros escritores famosos, em crônicas, tecem os maiores elogios à nova obra de Francisca Júlia.

O amor bate às portas dessa musa até então impassível e ela se casa com Filadelfo Edmundo Munster, telegrafista da Estrada de Ferro Central do Brasil. A cerimônia de casamento realizou-se na Capela do Lajeado, Capital (SP) e teve como padrinho Vicente de Carvalho.



Nessa ocasião, foi convidada para fazer parte da Academia Paulista de Letras, mas não aceitou.

Após o casamento, não mais se preocupou em fazer poesias e optou por ser apenas uma boa dona de casa. Anos mais tarde, juntamente com o irmão, escreve mais um livro para criança: “Alma Infantil”. Foi seu último trabalho (1912)

Apesar de seu silêncio, Francisca Júlia já estava consagrada e, em 1917, os poetas de São Paulo lhe prestaram uma homenagem oferecendo um busto seu, em bronze, para a Academia Brasileira de Letras. Em 1920, entretanto, um fato viria abalar a aparente impassibilidade de Francisca Julia. Seu esposo, acometido de tuberculose, faleceu no dia 31 de outubro. Toda a emoção tantas vezes contida eclodiu violentamente e ela confessou aos amigos, aos 49 anos, que “jamais poria o véu de viúva”. Saiu do velório dizendo que iria repousar. No seu quarto, segundo o que se conta, tomou alta dose de entorpecentes e, apesar dos esforços médicos, veio a falecer. Foi sepultada no dia 2 de novembro, no Cemitério do Araçá.

O deputado estadual Freitas Vale apresentou na Assembléia a proposta de se construir um mausoléu em memória de Francisca Julia, às expensas do governo. Sua proposta tornou-se realidade e, sobre ele foram escritas as palavras de Menotti Del Picchia :

“A estatua que se ergue hoje no Cemitério do Araçá, a Musa Impassível, é um mármore criado pelo cinzel triunfal de Victor Brecheret. Na augusta expressão dos seus olhos, do seu busto ereto, das suas mãos rítmicas, há toda a grandeza e a beleza daquela musa impassível da formidável parnasiana que concebeu e realizou a Dança das Centauros. O estatutário é bem digno da poetisa.” (1923)

Numa época em que as mulheres, via de regra, eram alijadas da cidadela dos homens, estes se curvaram ao talento da poeta.

Outras Homenagens:

- Academia de Letras de Eldorado (SP) fundada pelo poeta João Mendes em homenagem a Francisca Júlia;

- Publicação do livro “Poesias” – de Francisca Julia - Comissão Estadual de Cultura, com introdução e notas de Péricles E. Silva Ramos – 1962;
- “Francisca Julia da Silva, Breve Evocativo do seu Centenário – 1871 – 1971” Livraria São José – Rio de Janeiro;
- Membro efetivo do Comitê Central Brasileiro da Societá Internazionale Elleno-Latina, de Roma – 1904;
- Nome de rua no bairro Santana - Capital (SP);
- Fundação da estátua Musa Impassível, de Brecheret, sobre o túmulo da poetisa -1923 - São Paulo (SP).

Publicações:

- Mármore – 1895; O livro das crianças – 1899; Esfinges – 1903 e 1920; Alma Infantil – 1912;
- Colaboração nos jornais:
 - o 1891 – Soneto “Quadro Incompleto” – O Estado de São Paulo;
 - o 1892 – Correio Paulistano, Diário Popular (SP) e O Álbum e A Semana (RJ);
 - o 1898 – Jurada num concurso de poesia promovido pelo Correio Paulistano (SP);
- Conferencista :
 - o 1908 – A Feitiçaria Sob o Ponto de Vista Científico – na Câmara Municipal de Itu (SP).

Para saber mais:

- Coelho, Nelly Novaes - Dicionário crítico de escritoras brasileiras – Ed. Escrituras - São Paulo – 2002;
- Enciclopédia Universal – Editora pedagógica S/A - São Paulo – 1972
- Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse – Seleções – Vol. 2





Imagem by Leroy Skalstad

AS DUAS FACETAS DA ETERNIDADE

POR SONIA REGINA ROCHA RODRIGUES

A mulher mais velha do mundo completou 117 anos. Ela mora em um asilo e precisa de ajuda para levar o alimento à boca e, mesmo assim, afirma que a vida é muito curta, segundo informa o jornal. Fico desconfortável com a notícia e descubro que não quero viver até depois dos cem anos. Mais quarenta anos de solidão, em um mundo onde estão no comando idiotas e equivocados e onde os que lutam pela justiça são, com frequência, silenciados pelo assassinato? Não mesmo! Sócrates, aos 80 anos, dizia estar feliz por morrer entre amigos, como um homem justo e honrado, e que não via sentido em fugir, para levar uma vida em que não houvesse mérito e honra. Swift, em seu livro “Viagens de Gulliver”, descreveu uma terra onde, vez por outra, nascia um imortal.

Esse ser infeliz era afastado da sociedade ao envelhecer para viver em cavernas distantes, assolado por doenças degenerativas e dores excruciantes.

Aquiles, aos 18 anos, confrontado com a escolha entre uma morte gloriosa e uma vida covarde nem

pestandeu: preferiu viver e morrer como um herói, Enfim, cada um faz da vida o que melhor lhe apetece. O mesmo não se pode dizer da morte, que muitas vezes acontece entre tubos e fios das UTIs,, esses infernos modernos, dignos da pena de um Dante. Nossos hospitais teriam causado delírios em Swift, que neles colocaria seus sofredores imortais para serem ali torturados. Para a boa morte não encontro outra definição que a de morrer dormindo. Imagino Maria José Aranha de Resende, abençoada em seu sono, despertando em um jardim cheio de rosas e rodeada por poetas a dar-lhe as boas-vindas. - Estou sonhando, que sonho bom - diria ela. - Nada, agora é que estás acordada. - Diria Vicente de Carvalho - O sonho acabou. Assim eu vejo a vida: um sonho. No Brasil, muitas vezes, um pesadelo. Não compreenderei jamais o desespero com que se agarram à vida os mais desgraçados e mais desamparados seres desse planeta. Nos leitos hospitalares contemplei muitos moribundos. Nos olhos do quase morto há ou terror ou alegria. Há os que se agarram à matéria, há os que antecipam a recompensa dos justos, há os que serenamente aguardam que se desvende o mistério, a respeito do qual a neurociência prudentemente hesita em se manifestar. Tenho de concordar com Alarcón, quando coloca, em seu O amigo da morte, essas palavras na boca da Indesejada: “Se os homens sofrem, não é por mim, é antes pela minha inimiga, a vida, que os transtorna. Eu trago a paz.”

Peço a Deus, diariamente, que me contemple com a boa morte.

Se um dia meu nome constar do Livro dos Recordes, que não seja por ser a mulher mais velha do planeta, confinada a um asilo, comendo pelas mãos de outro. Trato de aproveitar sabiamente a vida, ao modo de Salomão, que optou pelo conhecimento. Só lamento não ter sido, como o rei, contemplada com tudo o mais “por acréscimo”. Uns milhõesinhos a mais e um companheiro de jornada tornariam o caminho mais divertido. Não tenho a ilusão de deixar algo para a posteridade. Ideia de gente vaidosa, já que o destino do sistema solar é ser engolido por um buraco negro. Uma vida digna coroada por uma morte igualmente digna, esse é o meu desejo. Depois, tudo será uma festa. Ou nada.

COISAS QUE A VIDA ME ENSINOU

POR SUZANA VILLAÇA

**“EXPERIENCIA NÃO É O QUE
ACONTECE COM VOCÊ. É O QUE VOCÊ
FAZ COM AQUILO QUE ACONTECE
COM VOCÊ.” ALDOUS HUXLEY**

Os mistérios da vida se acentuam quando contemplarmos o céu estrelado. Os místicos estiveram sempre atentos aos sinais e símbolos que chegam do céu.

Assim também os cientistas reuniram dados e registros ao longo dos tempos na civilização e sua história.

Porém, nestes últimos anos a atenção parece ter acentuado a pesquisa na busca de entender o ritmo do Planeta e suas ligações planetárias.

Na poeira cósmica vão sendo resgatados conhecimentos transcendentais e descobertas inusitadas.

Estão sendo visualizados novos planetas e decifrando os buracos negros no universo dando uma certa visão do imponderável sobre as nossas cabeças.

Mesmo que tenhamos acesso a tantas informações nada consegue sobrepor-se as lições sagradas da criação.

Fomos todos reunidos e unidos em um só conceito de termos uma predestinação as celestiais promessas de uma imortalidade.

**Recebemos um habitat generoso
e cheio de beleza para darmos
a vida um sentido de plenitude
para cumprirmos uma missão
espiritual.**

Em consequência do avanço da nossa inteligência, conquistas tecnológicas foram dominando a humanidade e deixando o homem cada vez mais distante da essência da vida, a natureza. Uma apologia desenfreada de consumo vai consumindo pessoas e destruindo valores, nos tornando uma sociedade de entulho.

Seguimos entulhados de informações, de conceitos de poder e pobreza de espírito, para seguirmos em uma total ausência de prioridades espirituais e humanistas.

Enquanto a natureza nos aponta um efeito devastador com seus padrões cíclicos sendo alterados.

As catástrofes naturais com aumento ou queda de temperaturas, terremotos, secas ou inundações e epidemias insistentemente acontecendo nos apontam profecias assustadoras.

Neste paradigma os místicos e os cientistas já começam a ter concordância e serem arautos das ameaças sobre os habitantes deste Planeta Terra.

Quando os pacíficos e sensíveis defensores da natureza se tornarem dignos de atenção, talvez possa haver uma conscientização maior entre os povos. Neste mundo pequeno dos imediatistas e que fazem mal-uso da sua responsabilidade com as bênçãos recebidas está fortalecida a ignorância espiritual.

Esquecendo a lei de causa e efeito tornam-se predadores insensíveis e cada dia mais viram as costas aos valores humanistas, tornam-se vítimas de suas próprias atitudes na indiferença ao que o cerca.

**Nas ultimas décadas
centenas de defensores
da “mãe terra” tentaram
inutilmente dar seu recado,
com sua experiência calcada
no discernimento consciência
de atentos observadores das
silenciosas lições da natureza.**

Mas o homem seguiu seu comportamento equivocado, desmatando, poluindo e atravessando o

tempo com total indiferença aos recursos naturais, fonte de sua sobrevivência.

No horizonte sombrio da humanidade ainda existe pontos de luz iluminando as mentes dos voltados a uma compreensão das leis espirituais do universo, como se aguardassem um 'BIG-BANG' renascendo das cinzas para resgatar um fio de esperança para as futuras gerações...

Despertar e reverter o que presenciamos hoje só poderá ser alcançado com amor, pois já foi dito por grandes mestres da sabedoria "o amor há de marcar o ritmo do mundo".

Este aprendizado em amor traz compaixão, bondade, justiça e fé em tudo e em todos.

Aprenda a compartilhar sem preconceitos o que traz em seu coração. Vivencie com serenidade a sabedoria presentes invisíveis de espiritualidade, simplicidade neste caminho seguro, onde existem respostas para todos os desafios

Esteja pronto a compreender o porquê da violência contra a natureza e entender este processo interligado ao ser humano.

Defenda a vida como os idealistas, motivados a fazerem dos seus sonhos uma bandeira da paz.

Por este motivo sugerimos a você que comece agora a viver com amor incondicional para dar um sentido a sua existência., com mais alegria e gratidão com as lições de cada dia.



BRIGADEIRO CAIPIRA

Ingredientes

Rende: 25 brigadeiros
1 lata de leite condensado
2 xícaras de milho
1 colher (sopa) de manteiga sem sal
1/2 colher (chá) de canela em pó
1 xícara de açúcar cristal

Modo de preparo

Preparo:25mins /Cozimento: 15mins/ Pronto em:40mins

Bata o leite condensado e o milho no liquidificador. Passe por uma peneira e leve ao fogo médio junto com a manteiga e a canela.

Cozinhe, mexendo sempre até conseguir o ponto de brigadeiro (quando a mistura começar a se soltar dos lados da panela e tiver engrossado).

Transfira para um prato untado com manteiga e deixe esfriar.

Faça bolinhas do tamanho de uma colher de chá e passe-as no açúcar cristal. Coloque os brigadeiros em forminhas de papel.

Fonte: <http://allrecipes.com.br/>



DOCE RIACHO

**POR MARIA SALETE COSTA
MOREIRA**

Doce riacho
água corrente
correnteza forte
vinda da nascente.

Em suas águas limpinhas
vi o amor em cardumes
era tão pequenino
que parecia um mimo.

A água desse riacho
com lágrima se parecia
chorava pedindo ao homem
que cuidasse de suas crias.

Que lindo aquele remanso
saudando os buritis
ouvia-se a voz do vento
e o canto da juriti.

Vi peixes adolescentes
saltando para comer
era o arroubo da juventude
com um recado pra você
que pescassem com cuidado
para o rio não morrer...

Que lindo o aguapé de flor azul
bailando dentro da água
e saudando o céu azul.
Enterneço-me contigo
de ver o amor espalhado
e o homem coitado
ensimesmado...

Obrigado doce riacho
agradeço a quem te criou
ajoelho-me em teu leito
e neste amor me deleito.





MOSTRA VIVA

POR DINORÁ COUTO CANÇADO

Apresento a vocês, interessados, uma mostra com projeções futuras de cinquenta projetos mapeados em Brasília, capital das leituras.

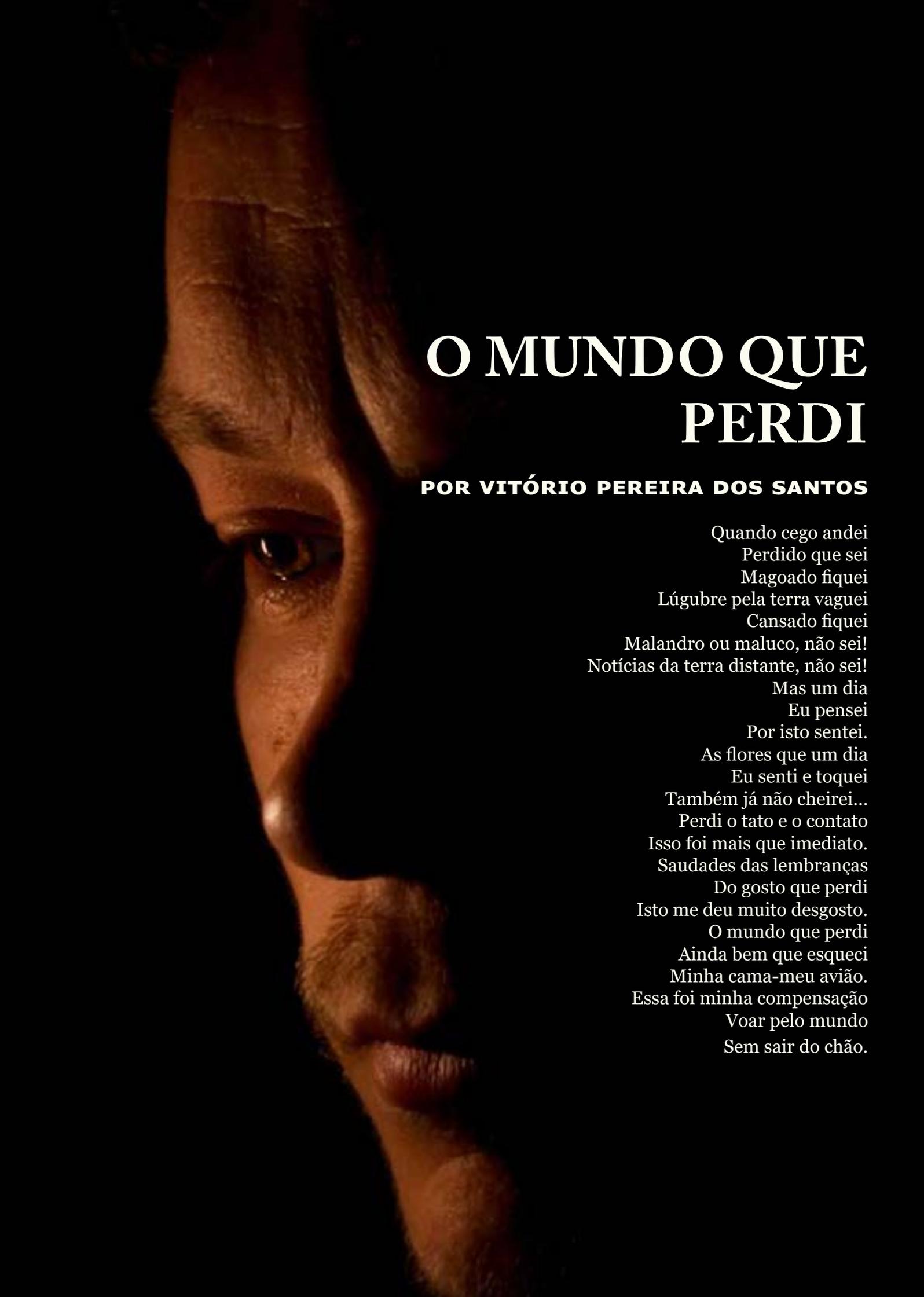
Teve início numa Feira de Livro com dez projetos se apresentando em um Fórum recém-criado e, no ano adiante, continuando.

Depois, mais seis iniciativas também, na Feira, se mostraram e, com trocas significativas as ações se consolidaram...

E mais nove projetos, na terceira versão, encontraram-se na Biblioteca Nacional campo de pesquisa de especialização Leitura, Cidadania e Transformação Social...

De lá pra cá, cinco por ano, a apresentar e já nos cinquenta, motivos para celebrar...

A mostra percorrerá o Distrito Federal nas cidades e escolas de cada Regional descobertas, assessoria e capacitação nessa mostra viva, muita participação! Apresentada pelo Fundo de Apoio à Cultura vivenciaremos na Capital da leitura!



O MUNDO QUE PERDI

POR VITÓRIO PEREIRA DOS SANTOS

Quando cego andei
Perdido que sei
Magoado fiquei
Lúgubre pela terra vaguei
Cansado fiquei
Malandro ou maluco, não sei!
Notícias da terra distante, não sei!
Mas um dia
Eu pensei
Por isto sentei.
As flores que um dia
Eu senti e toquei
Também já não cheirei...
Perdi o tato e o contato
Isso foi mais que imediato.
Saudades das lembranças
Do gosto que perdi
Isto me deu muito desgosto.
O mundo que perdi
Ainda bem que esqueci
Minha cama-meu avião.
Essa foi minha compensação
Voar pelo mundo
Sem sair do chão.



LITERATURA NO VARAL

Paola Rhoden

LIBERDADE DE EXPRESSÃO E DE ESCREVER

Pensar antes de falar. Pensar antes de escrever. Pensar, analisar, ver se está correto.

Vemos na internet, pessoas escrevendo alguns versos estranhos, e chamam de “soneto”, “haicai”, “poetrix”, “trova”, quando nem de perto se parecem com estas maravilhas criadas por poetas divinamente Inspirados.

Todos somos livres para escrever ou fazer o que quisermos, pois vivemos em um mundo livre. Mas, não temos de modo algum, o direito de deturpar o que foi criado com capricho por outro alguém. Não podemos nunca denominar algo que criamos, com o título do que já foi criado por outro.

Soneto é soneto, haicai é haicai, e por aí adiante.

Por isso, os poetas e poetisas da internet podem postar o que escrevem da maneira que quiserem, os versos são seus. Mas não acho correto chamarem de soneto, haicai, poetrix ou trova, algo que realmente não seja. Dói no coração ao ver um poema sem métrica, sem rima, sem ritmo, ser chamado de soneto.



O que é um soneto? O que é um haicai? O que é uma trova?

Seria bom estudar sobre isso, mas estudar com alguém que realmente saiba ensinar sobre. Camões ou Machado de Assis, devem se virar no túmulo se puderem ver certas coisas.

Somos livres para criar literatura. Mas limitados para usar o que não nos pertence.





Imagem by Reinaldo Canato

MÃO ESTENDIDA!

POR VERA RIBEIRO

Artistas de rua são solitários, concordam? Sempre que posso eu os observo e analiso suas tentativas de ganhar a vida se apresentando sozinhos nas esquinas das muitas ruas. Hoje foi bem diferente, pois observei duas lições marcantes.

Um malabarista que se equilibrava sobre uma corda estendida, fazia seu número de costume, lançando pinos e os equilibrando no ar enquanto ele próprio tentava se manter sobre uma corda bamba. De repente, num infortúnio momento, o artista perdeu sua concentração, levando vários pinos ao chão. Chateado, ele imediatamente começou a se reprimir. Desceu da corda, recolheu os pinos e foi buscar um lugar para se sentar, afastando-se de tudo. Eu o observava... Já sentado e solitário, o homem cabisbaixo reclamava consigo mesmo! Com umas das mãos ele apertava os olhos quase que escondendo o rosto enquanto continuava sua repreensão solitária, e em voz alta. Já que ele havia derrubado os pinos que equilibrava, não foi até os carros que estavam parados no sinal vermelho para “tentar” receber algumas moedas, como de costume. Seu trabalho, ou aquilo que ele se propôs a fazer, não tinha sido realizado corretamente, não havia mérito, portanto também não havia o que receber. Senti-me comovida com sua dor e visível decep-

ção. E para minha surpresa e maior aprendizagem, um motorista começou a buzinar e a chamar o desapontado artista, estendendo-lhe a mão, e oferecendo-lhe uns trocados.

“Mas caiu tudo, véio!” - disse o malabarista meio sem jeito.

O motorista não lhe respondeu, apenas balançou a cabeça para o lado, torceu o nariz, como quem diz: “não foi nada, não!”.

- Nesse momento eu já tinha caído no choro! Choro de quem acabara de ver duas lindas lições diante dos próprios olhos.

Primeiramente com o artista, que no seu “malabarismo” para ganhar a vida, se mantém digno, homem honesto, não querendo receber ou cobrar NADA que não considerasse ser merecedor.

Em segundo lugar, a atitude da mão estendida! O motorista, sem usar palavras, me fez ouvi-lo dizer: TENTE DE NOVO!

Achei esse gesto fantástico!

O quanto precisamos ser assim, como esses dois exemplos!

Honestos, dignos como o malabarista ou tal como o motorista - ser rápidos em estender a mão! Velozes no agir! E poder dizer para quem estiver fazendo seus “malabarismos” à nossa volta na tentativa de crescer, ou de vez em quando até lembrar para nós mesmos: TENTE DE NOVO!! Tente de novo! E mais uma vez “tente de novo”.

Que EU possa ser essa motivação para quem EU puder estender a mão e então dizer “TENTE NOVAMENTE” quantas vezes for preciso.

A AVENTURA DO TIO FRANCISCO

Por Vera Salbego

Era uma vez uma pacata cidadezinha perdida no meio das montanhas, com apenas 500 habitantes. Era povoada por pessoas simples, de hábitos rústicos. Viviam felizes da Pecuária e Agricultura.

Lá existem poucas lojas, para dizer melhor, apenas um mercado, uma loja de vestuário e uma farmácia. Este é o comércio local.

Os moradores se conhecem e vivem tranquilamente, deixando suas casas e carros abertos, pois não existe violência. Existe honestidade naquele local.

Numa fazendinha próxima da cidade vive um homem sozinho e sempre bem-humorado, que todos respeitam e admiram. Tio Francisco era amado pelas crianças e adultos daquela localidade, que o chamavam assim num tom bem familiar, por considerá-lo como membro da família por sua simpatia.

Em sua fazenda havia uma pequena floresta de árvores nativas e uma cachoeira. Ele contava várias histórias que aconteciam por ali, como a do lobisomem e da mula sem cabeça, mas a população não acreditava, apenas ria.

Certo dia, um grupo de alunos da escola da cidade veio juntamente à professora de Ciências, para visitar a floresta e estudar as plantas que existia ali. Os alunos e a professora estavam radiantes ao entrarem por entre as árvores junto ao Tio Francisco para o passeio.

Foram caminhando e entrando naquele vasto paraíso da natureza notando assim a beleza das árvores e dos animais, muitos deles raros.

Iam à frente a professora e o Tio Francisco, explicando sobre a fauna e flora daquela região.

Os estudantes entusiasmados iam adentrando a floresta e sentindo o aroma da mata e vendo o colorido das flores.

De repente se deparam com seres de outro mundo! Eram duendes: seres pequenos que só fazem o bem! Ficam boquiabertos com aquela situação! Ficam perplexos! Correm entre as árvores vendo aqueles seres pequenos e risinhos que estão por ali.

Tentam se comunicar, mas não conseguem, até que Tio Francisco intervém, para alívio dos alunos. Tio Francisco parece falar com aqueles seres e todos sentem que há cumplicidade entre eles.

- Crianças, vocês não podem espalhar na cidade sobre nossos amiguinhos, porque eles precisam de paz e harmonia para viver.

As crianças excitadas ficam paradas vendo Tio Francisco conversando numa língua diferente com aqueles seres iluminados. Eles não entendiam, mas percebiam que a comunicação estava fluindo bem.

Eles sentem um grande carinho que emana dos duendes e percebem o valor desse afeto para a natureza. Os duendes unem as mãos e irradiam um fecho de luz azul em direção às plantas doentes, que aos poucos iam se revigorando.

A professora e os alunos sensibilizados com todo aquele amor pela natureza resolveram se comprometer mais na recuperação das plantas e cuidarem da natureza.

Assim sendo, voltaram para a escola e criaram um Projeto de Preservação da Natureza e todos se comprometeram a ajudar e também a guardar o segredo sobre os duendes.

A história termina com o segredo preservado e Tio Francisco e a população do lugar vivendo felizes para sempre.



MALANDRO DE CARTEIRINHA

POR GABRIEL JOERKE

Depois de alguns meses, mais exatamente, dois, encontrei-o, como é de costume, na calçada da esquina do pecado. Com uma sacola de plástico na mão, cheia de papéis: santinhos, folhetos de empresas diversas, propagandas, convites e jornais. Desta vez os fios de cabelos brancos teimavam sobressair; a crise afetou sua cota mensal da loção capilar progressiva, Camélia do Brasil. No entanto, os colares de inúmeras voltas e significados pendiam no pescoço. Corpo fechado.

**-Aê, beleza? Como vai Curitiba?
– sempre achou que eu era de
Curitiba ou, o fazia por gozação.
Sei lá!**

- Brasília tá pegando fogo! A outra perdeu a linha, tá pra cair. Mais de mil funcionários públicos vão pedir aposentadoria. A oposição é mó peidão! – disse arregalando os olhos por cima das lentes marrons dos seus óculos.

- Coé, irmão, tá maluco?! Que bafafá é esse? – o dono do boteco perguntou.

- Só o samba que não morre! A Praça Onze se foi; mas o samba não cai; a não ser na Sapucaí para deslumbrar. – Eis o carnavalesco de tradição e carteirinha. Fazia questão de mostrar o leque de salvo-condutos para ingresso nas comunidades e barracões de escolas de samba do Rio. Muitos anos trabalhando como compositor de letras para carnavais na cidade maravilhosa.

**- Tô é ficando bolado com essa
história da minha mulher, a
Lindaure, querer sair na comissão
de frente, o próximo carnaval! –
disse em voz alta, para todo mundo
escutar.**

- Uê, mermão, e daí? Irado. Deixa sair. Boa bisca deve ser; gosta de samba e carnaval. – entra no papo um pela-saco.

**- Se liga, meu chapa! Minha
mulher, de noventa anos, quer sair
na comissão de frente de biquíni,
sem a parte de cima. Vai ser um
espanto geral! Dá pra encarar
essa?!**

- Basta a Bethânia, que com oitenta e poucos anos, ainda sobe o morro da Mangueira. Tadinha, só cabelão esbranquiçado; o resto é pele e osso; sem esquecer-se do nariz, é claro. – complementou. – Mas ela é poderosa! Quando entrou e caminhou pelas ladeiras da comunidade, até uma porrada de cachorro fez reverência. Proteção total. Não é mole não! Não é qualquer bagulho.

**Nesse momento ele finge que toca/
vibra o celular. Pega o aparelho e
atende:**

- Fala! Tô numa reunião em Brasília. – essa Brasília, na realidade, era a esquina das primas. – Três mil reais?! De novo Pitucha?! Semana passada coloquei na tua mão cinco mil pratas para umas comprinhas e, tu me apareceste com apenas uma bolsa? Tô ficando cabreiro. Desse jeito vamos ter que cortar tua bolsa em picadinho para comer durante o mês. – já alterado, completou: - Pitucha, eu sou teu amante, não teu marido, porra! – desligou o celular.

- Ih, alá! O cara da fuzarca de novo no pedaço, com sua trouxa de bugigangas. Mora no cafundó do judas, maiô fuleiro, gosta de um bafafá e ainda acha que tem borogodó? Melhor dar o pé.

- Bora. A gente se fala. – desapareceu.





CÉU CINZENTO

Por Lixa Palosa Jardim

Dia 19 de abril, Jardim MS, amanheceu lindo, mas com uma pequena nuvem cinzenta no céu, pois era o aniversário de Aurélio Preto, como era conhecido e gostava de ser chamado assim, pois era negro e “ não negava sua raça” dizia ele. Lá pelas 17h30 minutos pediu para um guri que o ajudava para encilhar seu cavalo com o nome de Ventania, pois iria visitar seu grande amigo Macário Sampaio, ele era impaciente por ser TDAH assim que falava em sair seu cavalo tinha que estar pronto, não aceitava que demorasse mais de 2 minutos para encilhar seu cavalo, dizia que com 2 minutos ele ia ao céu, e voltava.

Lembro-me como se fosse hoje, meu pai montado no cavalo, pedindo sua camisa, e seu chapéu, isso quando não pedia sua espada e colava em sua bota mesmo com seu cavalo indo de um lado para o outro, pois o cavalo não tinha sossego, pois acostumara com a ansiedade e sangria desatada do seu dono.

E lá se foi, não gostava de festa pelo aniversário, mas escolhia visitar os amigos que mais gostava, e seu Macário era um deles.

Mas ele não parava por muito tempo em uma

visita, pois voltava fazendo via sacra, passando pela casa do compadre Zeca Preto, seu Cacho, e Ernando Barbosa, que era bem mais novo que ele, mas o considerava muito e estava entre seus grandes amigos.

Ao voltar para casa no meio do caminho, o céu começou a ficar cinzento e uma grande nuvem negra pairava sobre imenso céu azul. E logo vieram os ventos e a chuva fria caiu sobre seu grande chapéu panamá e o barulho do vento chegava a ser assustador! Até o cavalo empinava, não querendo continuar, parecia entender tudo que estava acontecendo, não enxergava um palmo em frente do nariz, justo naquele dia, Aurélio não levou sua companheira lanterna. Só podia avançar porque Ventania, conhecia cada caminho que eles passavam, de tanto fazer o mesmo caminho, ele levava meu pai sem precisar puxar a rédea de volta pra casa. Logo, começaram a cair raios assustadores e o cavalo seguia a luz dos relâmpagos. Quando de repente um forte relâmpago, seu Aurélio Preto, viu um cavalo, encilhado, andando com a cabeça para baixo, talvez por medo da chuva, porém parecia uma mula sem cabeça. Ele que tinha a fama de valente, quase se borrou de medo. E perguntou em alta voz, quem és tu?

Veio uma voz tremida, que ele ouvia muito fracamente.

— Sou filho de satanás. Aurélio Preto se arrepiou todo e perguntou novamente, obtendo a mesma fala:

_ Sou filho de satanás.

Aurélio preto não pensou duas vezes, sacou seu revólver calibre 38, que era seu amigo inseparável e se preparou para atirar, no entanto resolveu perguntar mais uma vez, na verdade ele estava achando que se fosse filho do coisa ruim, de nada adiantaria atirar!

_ Quem é?

Naquela hora, parecia que vento se calou e não se ouviu nem um ruído nas matas virgens que tinha a poucos palmos dali. Daí, conseguiu ouvir a voz mais forte, embora parecesse de criança, dizendo:

_Sou filho de seu Atanásio.

No mesmo momento ele guardou o revólver e pensou; “ Meu Deus! Eu ia fazer uma besteira sem tamanho, como costumava dizer pra algo irreparável. Era um guri, filho de um amigo. Na mesma hora agradeceu a Deus, pelo livramento. Pegou o guri, colocou em seu cavalo, embaixo de sua capa preta e o levou até a casa de seu amigo Atanásio. E conseguiu chegar a casa em segurança, onde seus filhos e netos o esperavam com ansiedade. E todos comemoraram sua chegada.



SEU TALENTO É ÚNICO: VENHA PARTICIPAR DA REVISTA VARAL DO BRASIL!

Envie seus textos para o e-mail

varaldobrasil@gmail.com

Toda participação é gratuita e o texto não precisa ser inédito.

A revista é distribuída no formato PDF através de e-mails, sites, blogs e redes sociais.

CANJICA DOCE

Ingredientes

Serve: 10

500 g de milho para canjica

2 litros de água

1 lata de leite condensado

400 ml de leite de coco

500 ml de leite

2 paus de canela

1/2 colher (chá) de canela em pó

10 cravos

2 colheres (sopa) de açúcar, ou a gosto

2 xícaras de coco ralado

Amendoim torrado picado pra decorar (opcional)

Modo de preparo

Preparo:10mins/ Cozimento: 1hora20mins/
Tempo adicional:12horas/ Pronto em:13horas-30mins

Deixe a canjica de molho na água durante a noite. Numa panela grande, cozinhe a canjica na mesma água por 50 minutos.

Quando a canjica estiver macia, junte o leite condensado, o leite de coco, o leite e misture bem com uma colher de pau. Acrescente as canelas, o cravo e o açúcar. Deixe levantar fervura, depois diminua o fogo e cozinhe em fogo baixo por 20 minutos, até engrossar.

Adicione o coco ralado e, se desejar, adoce mais. Sirva quente em xícaras ou tigelas individuais. Decore com uma pitada de canela em pó e uma colher (sopa) de amendoim picado, se desejar.

Fonte: <http://allrecipes.com.br/>



A INVISIBILIDADE DO SER

Por Jacqueline Aisenman

Falando de uma pessoa, em geral lembramos de sua fisionomia, talvez do nome também. Algumas vezes, inversamente, lembramos do nome sem ter na memória os traços de quem lembramos. Mas isto é muito comum, são jogos de esconde-esconde que a mente traz à tona sempre que recordações entram em campo.

Existe também uma terceira opção, mas desta não é tão simples falar: há pessoas que são invisíveis. Elas um dia passaram por nós, talvez tenham até entrado em nossa vida por algum motivo, permanecido um tempo e saído por outros motivos ou pelos mesmos que as fizeram chegar. No entanto, nada ficou para que pudessem ser lembradas. A fisionomia *passe-partout*, daquelas que de tão comuns chegam a ser ordinárias, não ficaram presentes.

Nenhuma palavra importante, nenhuma atitude relevante. Nada de contundente. Seres sem histórias que passam tão despercebidos que não precisam sequer ser esquecidos.

A invisibilidade de um ser é algo que não afeta ninguém mais do que aquele que o é. E isto, quando o mesmo percebe sua invisibilidade. Quando se dá conta que, por mais que faça ou diga, nada lhe faz pesar na balança. Entra numa vida e sai sem ser notado. Poderia ser chamado de discreto, mas discrição é uma qualidade na grande maioria das vezes e o ser invisível nem precisa ser comedido. A transparência lhe confere mais desvantagens do que a reserva ou a prudência lhe seriam de serventia.

O ser invisível não se verá no jornal por glórias

ou misérias e nem na vida e nem na morte verá seu nome anunciado. Passará, brancas nuvens pelo céu límpido, sem chover uma gota sequer até dissolver-se no ar. Não viverá nem mesmo o desprazer. Não conseguirá ser desagradável, reclamar de um lugar inóspito ou de um companheiro implacável.

No limbo da vida, não alcançará o céu mesmo com orações e não descera ao inferno ainda que desobedeça todas as leis humanas e celestes.

Haverá, no entanto, uma certeza, embora cruel, para todo ser invisível: a certeza da não existência, da não permanência, do não pertencimento. A certeza infame do desprezo que a vida lhe dedicará minuto após minuto, ano após ano, até o fim. E no fim, nada acontecerá. As luzes simplesmente apagarão.

A invisibilidade garantirá ao ser o anonimato. E o anonimato assegurará o abandono. Quando tudo tiver terminado, seu corpo que nunca foi visto a olho nu, será enterrado e esquecido. Será tudo.



Imagem by KJN Genealogy

MUDANÇA DE CONCEITO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ARTE DE ESCREVER, DE LER E DE PUBLICAR

POR NILZA AMARAL

Quando lancei o livro O Florista fui á TV Mulher, falar sobre ele, como manda o decálogo atual do escritor. Como mediadora da entrevista estava a Rosana Hermann, e os convidados, um publicitário, Luiz, dono da Agência Eco, um professor de teatro, o Clóvis Rossi, da ECA, a Rosemary, a bela cantora, e eu.

Falamos sobre muitas coisas, mas a grande pauta das entrevistas acabou sendo a linguagem, a arte e a vida, pois afinal todos ali éramos do ramo.

Comentamos sobre a tendência da dinâmica da linguagem, que derruba vocábulos do mesmo modo que a vida derruba seus ídolos dos pedestais. Lembramos (todos tinham idade para lembrar-se) das palavras, bacana, Clóvis Rossi, ainda lembrou-se de supimpa, contei que fiz uma pesquisa em meu tempo na faculdade sobre o tal de A a Z, e ainda sobre o XPTO, que significava o máximo, recordamos até dos produtos Coty, abordamos o pós-guerra que trouxe a tecnologia e o progresso em vinte anos de alucinante progresso, discutimos esses modismos importados de idiomas estrangeiros, como esse antipático yea, que muitos apresentadores americanos usam e alguns daqui aderiram, e que talvez tenha vindo do rock, enfim a linguagem dominou a nossa fala.

Com o tempo as significações vão se enevoando e sendo substituídas, levando nessa névoa até mesmo os conceitos que passam a ser definições antigas. Uma das minhas filhas, há um tempo, criticou a caligrafia de uma das suas tias-avós, ao ler um bilhete esquecido no fundo de uma caixa

de fotos, que também amarelaram com o tempo, onde aparecia a palavra *pharmacia*, e outras com ortografia antiga, dizendo que ela devia ser semianalfabeta.

Penso no que dirá ao ler o que se escreve atualmente alguma sobrinha-neta do futuro, que será o produto da era da cibernética, e terá ao seu dispor além do teclado tecnológico do computador, os programas de dicionários e revisores que jamais a deixarão errar.

Com as palavras vão-se também a ingenuidade, a infância passa mais rapidamente e aos doze anos, alguém que seria classificado como criança, e poderia ler um doce livro infanto-juvenil, (classificação editorial) hoje empunha uma arma e atira em colegas na escola. Pensa-se em mudar a sociedade em função do progresso, em reformular o código do menor e do adolescente que não são apropriados á época, e infringem-se direitos tão arduamente conquistados em nome do devir.

A literatura encontra-se nessa confusão. Há escolas de escritores, virtuais e reais, e o que se ensina nessas escolas? Talvez a ter inspiração, sensibilidade, ensina-se a aumentar a riqueza verbal, se é que tais virtudes aprendem-se nas escolas sejam elas do que forem. Ou ensinam-se temas como os das redações escolares, faça-se um romance sobre a chuva, ou sobre o pingo que escorre na vidraça, ou sobre o diabo que o parta. E a crítica? Haverá aulas sobre como se debruçar sobre um poema ou um trecho em prosa, abrir o entendimento da visão para o trabalho alheio, buscar penetrar as razões para o reconhecimento do belo ou do novo, descobrir a essência do universo do texto, se ensinará a Heurística?

Ou discorrerão os professores para os futuros escritores sobre a humildade e a lucidez necessárias para um bom autor?

Mas o que estou dizendo, estou tão doida quanto o Dom Quixote a lutar contra os exércitos imaginários, se hoje também a definição de escritor

BOLO DE MILHO NO LIQUIDIFICADOR



está alterada, e o escritor passou a ser aquela figura, triste figura, que precisa subir aos palcos, ser entrevistado, bancar o bobo da corte, enfeitar e valorizar reuniões sociais, e vender livros, ser o produto e o produtor, ter o seu livro resenhado, fabricar press releases convincentes, não mais atuar como os abnegados vendedores de livros, romanticamente aparecendo em portas de teatros e bares da boêmia, lendo seus trechos em prosa, ou declamando seus versos nas praças. Isso já caiu em desuso, a alteração promoveu o escrevinhador a escritor e hoje ele tem que estar nos cedês e na deusa fatal – atual mídia.

E o sucesso da obra depende de quanto ela é criticada, admirada, ou debatida e quanto pior, melhor!

*À glória sucede/O que sucede à água:/
Por mais água que se beba, /Qual lhe sa-
cia a sede? /Diverso o sucesso, /Basta-
-lhe um verso /Para essa desgraça /Que
se chama dar certo.*

(Paulo Leminski, em *Distraídos venceremos*)

Nilza Amaral é contista e romancista urbana. Autora de “O dia das Lobas”, “Amor em campo de Açafrão”, “Modus Diabolicus”, “A balada de Estóica”, “O Florista”. À Prisioneira do Espelho, Expulsão do Paraíso, entre outros. Tem seus romances traduzidos para o inglês e espanhol. Consta de inúmeras coletâneas, tem verbetes em várias enciclopédias literárias. Piracicabana de nascimento e Paulistana de sofrimento.

Ingredientes

Rende: 1 bolo
2 copos (americano) de milho verde cru
3 colheres (sopa) de maisena
3 ovos
50 g de manteiga ou margarina
1 colher (sopa) de fermento em pó
1 1/2 xícara de açúcar
1 1/2 copo (americano) de leite
1/3 xícara de fubá
Manteiga para untar
Farinha de trigo para polvilhar

Modo de preparo

Preparo: 10 mins / Cozimento: 30 mins / Pronto em: 40 mins

Junte todos os ingredientes no liquidificador e bata até triturar bem o milho, ficando uma massa lisa e homogênea.

Coloque em uma assadeira alta (18 x 25 cm), untada e enfarinhada.

Leve ao forno quente (200°C), preaquecido por aproximadamente 30 minutos.

Espere amornar e desenforme. Pode ser servido em lanches e até no café da manhã.

Dica

Para saber se está pronto, introduza um palito no bolo. Se ele sair limpo, o bolo está pronto.

Dica

Fica uma delícia quando coberto por uma camada fina de coco ralado fresco.



MANHÃS RISONHAS

Por Diulinda Garcia

Veja!

As flores bordando
a beira do caminho
por onde passa o vizinho
desatento e apressado
sem prestar atenção
em quase nada.

Ouçã!

O chamado insistente
dos atabaques na noite
que se debruça contente
entre as ondas e os astros
seduzindo com estórias
de tantos mistérios...

Sinta!

O afago da brisa leve
dos ventos alísios
que visita fazem
às manhãs risonhas
vestidas de dourado
pelo sol do verão.





PADRE EDGAR

**POR EMANUEL MEDEIROS
VIEIRA**

Em memória do querido e sensível amigo, Padre Edgar de Oliveira – humanista integral, cuja obra ficará (para sempre)

Já disseram que amigo é uma forma que Deus encontrou para nos proteger.

Talvez alguém já tenha observado: Deus chama Mozart quando quer conversar com os anjos.

Ou Bach? Não seria Beethoven?

Perdemos o contato, Padre Edgar.

A vida, mudanças de cidade, o “velho” Tempo seguindo sua jornada. E vamos envelhecendo.

Mas o que seríamos sem MEMÓRIA?

1964 não foi um ano bom para nós dois, querido Edgar.

Para muitos? Sim. Houve uma espécie de “exílio interno” para ti e te visitei em São João Batista – tua terra natal.

Depois, anos mais tarde, ele foi “concedido” (o tal exílio) a mim.

Antes, na colônia dos padres jesuítas em Pinheiral (fazia o antigo Ginásio no Colégio Catarinense),

aos 13 anos também fui te ver, com amigos, numa carroça (sim, todos nós enfiados numa carroça), e lembro que levei laranjas e tangerinas.

Poderia falar muito.

Um dos momentos mais pungentes e tocantes que pude presenciar foi o teu discurso (tuas tão humanas palavras) no velório do meu saudoso irmão Luiz.

Estavas tão comovido (era abril de 1986) que “abraçaste” o caixão e disseste: “Sei, amigo Luiz, que teus últimos tempos foram um verdadeiro calvário”.

E choraste. Choramos.

Mas, evangelizador que eras – em tempo integral – , nunca desististe.

E, com o teu espírito agregador, acolhias a todos: cristão, ateus, agnósticos.

Tanto para contar.

Perdoa homenagem tão superficial.

Sei que teu nome e tua obra ficarão para sempre, que o teu “instante” não foi provisório – foi eterno.

Escuto o “Réquiem de Mozart.

Tua obra foi de uma generosidade imensa.

Um ato de fé na vida.

E como precisamos desta fé, em tempos tão doloridos, desencantados e mercantilizados.

“A arte de perder não é nenhum mistério”, escreveu a poeta Elizabeth Bishop.

Só digo adeus, Padre Edgar.

E OBRIGADO POR TUDO!

Padre Edgar José de Oliveira

31.12.1929

31.05.2016





O PREÇO DA PRESSA

Por Fernando Schiavinato

porque essa presa toda ?
dessa gente tola !
na cidade grande
todo mundo é pequeno
tudo enlatado, engarrafado
e você, vai para que lado ?
e o que dizer dessa presa tola ?
dessa gente toda !
se no final de tudo.... é nada, é fim
enfim, porque te apressas ???



CIDADE GRANDE

Por Francisco Rosemiro
Guimarães Ximenes Neto

Prédios solitários
Montanhas inteiras
Com muita tristeza
Mas com um pouco de poesia.

São vales empedrados
Moldados às várias mãos
Que se alegram ao anoitecer
Quando se abrem as bocas e os olhos.

As ruas se movem
Em pernas e rodas
Guiadas por postes pálidos
E passarelas em jardins.

São tons e cores...
A nódoa acinzentada
Virou a pátina do dia a dia
Entre o corre e anda.



VERSOS AO CASO

Paula Alves

TÃO BALALÃO

Quando se caminha cansado, é fácil perder os pensamentos nas preocupações do dia-a-dia.

É fácil perder-se no andar, perder o andar, ficando sem andar. Chega-se ao destino sem se reparar nos sapatos cansados. Nem nos caminhos. Por vezes, o percurso tem um brilho de Sol que nos passa ignorado, por vezes o caminho tem pedras que invadem as peúgas da distração.

É nesses caminhos adormecidos de vida que somos assaltados pela alegria das pequenas coisas. De repente olha uma flor, acolá um grilo, um gafanhoto atrevido ou um malmequer sorridente.
Tão-balalão

Neste tempo digitalizado, é comum reparar num número menor de crianças a brincar na rua.
Soldado ladrão

Mas é nestes tempos menos “exteriores” que o brilho da infância e das coisas simples nos preenche de maravilha, quer pela surpresa, quer pelo despertar da rotina dormente, quer pela lembrança que tudo se mantém, na ilusão que nos prende a um mesmo mundo.

Menina bonita

Brilhava alto, o Sol, era dia normal e duas crianças estavam em silêncio sentadas nos degraus de uma casa. Na rua vazia e sem carros, no silêncio. Não tem coração.

Não conversavam, não jogavam à bola, não chutavam palavras aos gritos. Não. Estavam tão só e apenas a lançar bolas de sabão ao vento, em balancé do acaso. Voa bola de sabão, voa!

*Tão-balalão
Senhor capitão*

São estes episódios que nos fazem sorrir no caminho. O mesmo caminho que nos reporta a lembranças de lengalengas infantis e que nos musicam o regresso a casa.

*Espada na cinta
Sineta na mão.
Tão-balalão,
Cabeça de cão,
Cozida e assada
No meu caldeirão.*

*Tão-balalão,
Senhor Capitão
Orelha de porco
Pra comer com feijão.*

Tão balalão, assim me levaste balançando no caminho, leve, leve como uma bola de sabão!

Para mais informação sobre esta e outras lengalengas, espreitar

<https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/05/Lengalengas-e-Rimas-do-Arco-da-Velha.pdf>

<http://www.priberam.pt/dlpo/t%C3%A3o-balal%C3%A3o>

Contatos com a colunista:
paulettoni@hotmail.com

INCERTEZAS ABSOLUTAS

POR RENATA DAL BÓ

“Como será o amanhã? Responda quem puder.” Esta pergunta, feita na letra do samba cantado por Simone, é o grande questionamento da sociedade moderna. Vivemos na era da incerteza, da mudança de valores.

Vocês se lembram de quando éramos crianças e nossos pais diziam que tínhamos que dormir às 8 da noite? Alguma vez passou pela cabeça de vocês perguntar o porquê?

Eu nem pensava em questionar. Deus que me livre! Afinal, regras eram regras e tinham que ser cumpridas. Caso perguntasse acredito que meus pais responderiam que dormir tarde faz mal para a saúde e ponto, sem maiores explicações. Professores e pais tinham toda razão. Hoje quem tem razão são os alunos e os filhos. As crianças atuais não aceitam uma regra com tanta facilidade, há uma infinidade de porquês por parte das crianças e milhões de argumentos por parte dos pais.

Lembro-me que minha vó dizia que comer manga e tomar leite em seguida era igual veneno, podia até matar.

Embora hoje eu saiba que esta crença veio da época dos escravos (os senhores inventaram que manga fazia mal para que os escravos não roubassem mangas dos pés e o leite era distribuído em pequena quantidade devido ao alto custo), até realizar essa descoberta nunca tive coragem de fazer tal mistura e jamais passou pela minha cabeça questionar ou contestar. Tudo era certo, como dois e dois são quatro.

Há pouco mais de cinquenta anos, os homens eram criados para serem pais de família. Quem tinha condições de fazer faculdade escolhia entre advocacia, medicina ou engenharia.

Já a mulher passava a vida se preparando para o casamento e para ser mãe. As que tinham acesso ao estudo faziam magistério e as que podiam trabalhar (se lhes era permitido) eram professoras.

A mulher que ficasse solteira jamais seria por escolha e sim por falta dela. Era tudo muito certo, tudo muito sólido. As escolhas eram feitas para durar, a casamento era para a vida toda, a mesma profissão era para ser seguida até o aposento ou a morte.

Hoje, na era da modernidade líquida, como o sociólogo Zygmunt Bauman define nossa sociedade atual, tudo é muito inconstante e incerto. Muda-se de ideia, de marido (esposa), de carreira, de opinião num piscar de olhos. A informação, que antes era um privilégio dos mais velhos, está exposta no mundo virtual para quem quiser ver. Viramos todos especialistas. Se o cabelo está caindo ou se não conseguimos dormir procuramos na internet a solução. Graças ao Google temos acesso a todo tipo de informação.

Mas não podemos esquecer que informação não é formação e também não é sinônimo de conhecimento.

Vivemos numa época em que os valores estão em transição, as verdades são questionáveis e as incertezas absolutas. Se isso é bom ou ruim, só o amanhã nos dirá.



UM PAPO COM MARCELO ESRITOR

Marcelo de Oliveira Souza

BERÇO ENFERRUJADO

Há pouco tempo houve uma comoção muito grande sobre o caso de um estupro coletivo, onde pelo menos trinta pessoas violentaram uma adolescente de dezessete anos.

Muitos segmentos da sociedade falaram sobre o tema, bem como muitas pessoas ficaram indignadas sobre o que vem acontecendo contra a mulher hoje em dia.

Não é de hoje que percebemos a desvalorização da mulher diante da nossa sociedade, as mulheres de hoje em dia já são tão produtivas quanto os homens, tão capazes quanto eles, seja na área que for, mas com o advento da tecnologia – que é uma coisa salutar – percebemos que as pessoas estão mais expostas a todos os tipos de pessoas, como nesse mundo de Deus tem todo tipo de gente, as pessoas estão se relacionando mais facilmente com outras tantas.

Os namoros não existem praticamente, agora é “ficar” e aproveitar o momento, fazendo tudo que deseja com o outro de pronto, a permissividade dos pais é um ingrediente fundamental, onde adolescentes e crianças conhecem todos os que desejam, logo ali, dentro do quarto.

Muitas músicas, que enalteciam a mulher, hoje sumiram e deram lugares a verdadeiros Hinos da Perversão, desvalorizando as mulheres, onde muitas ainda levam na brincadeira e dançam qualquer tipo de coreografia que exaltem a libido masculina.

Os programas jornalísticos mostram rotineiramente casos de feminicídio sobre os mais diversos motivos, as mulheres nesse tempo de violência, estão voltando a ser objetos na cabeça de muitos loucos.

Todos esses problemas são frutos da educação que “a gente” tem dentro de casa, como educamos os nossos filhos, qual o parâmetro que as mulheres e filhos têm da imagem masculina dentro do nosso lar ?

Para ser homem não precisa gritar, xingar e beber, não precisa maltratar e humilhar as pessoas - muito menos as mulheres - que muitas vezes aceitam esse tipo de tratamento, em pleno século XXI.

Homens, mulheres e adolescentes têm que perceber que a educação vem da família, pois quando o “berço é enferrujado” vai produzir pessoas com mentes de trogloditas, que mesmo assim, são muito desejados por muitas mulheres, até sentirem na pele o gosto da sua má escolha.

Fale com o colunista:

marceloosouzasom@hotmail.com



LACUNAS DO "BOM SENSO"

POR CARLA DE SÀ MORAIS

Crescemos a ouvir estas palavras: bom senso.

Mas o que é o bom senso? Talvez um conjunto de factores e/ou de comportamentos que pensamos que podem permitir-nos decidir, escolher, aceitar ou recusar situações, frequentações, impulsões, entre outros.

Quando nos sentimos perdidos, fazemos apelo ao bom senso para evitar precipitações nas escolhas fáceis ou desastrosas.

Quando nos sentimos provocados, voltamos a fazer apelo ao bom senso para não reagirmos impulsivamente.

O excesso do uso do bom senso, por vezes, impede-nos de aproveitar a vida em todo o seu esplendor.

O que para uns pode ser uma qualidade, para outros torna-se num defeito!

Para viver em sociedade, somos quase obrigados a fazer uso do bom senso, para não corrermos o risco de sermos marginalizados.

Por vezes, dobramos-nos a convenções e estruturas politico/sociais, para constatarmos depois que, certos responsáveis ou dirigentes, família e amigos, patrões e colegas, exigem de nós ou de outros, aquilo que eles não conseguem nem dar nem fazer.

A falta de bom senso, é, por vezes, confundida com a falta de opção, colocando-nos etiquetas de seres irresponsáveis que nos penalizam.

Castram-nos, impedindo-nos de sermos quem somos e como somos, constroem um falso senso comum que os tranquiliza, mas que nos frustra!

O mundo está cheio de vítimas irreparáveis do "bom senso"!

UNA RAREZA ESCENICA

POR DANIEL DE CULLÁ

-Me cagüen la madre del cordero, grita un pastor, a quien se le ha despistado una cabra.

Se llama Oliveros Roldán y piensa que se la ha robado el señor cura, por culpa de que el no cree en dios y no va a misa.

-El señor cura tiene larga cola de toro, dice, y sigue, hablando solo: que me lo han dicho la “Bueyona” y la “Catavinos”, que cuentan que, en el centro cultural del pueblo, viendo la película Bienvenido Mr. Marshal, la “Bueyona” perdió una sortija, que luego encontró la “Catavinos” en el pene del cura.

“Los hombres en el pueblo llevan valientes cuernos, y el señor cura uno bien grande, cual unicornio, puesto en la frente, y en el culo unas cencerillas”, cantan las dos cuando van a la taberna y están bien “mamadas”.

Veo al pastor, ahora, limpiándose el culo con papel colorado. Su zamarra está hecha de penachos de lana de cabrito. Ha guardado las ovejas y cabras en el aprisco, marchando hacia una cueva, que dicen en el pueblo que fue centro de reunión de caballeros templarios, donde hacían guarrerías y orgías sadomasoquistas aprendidas en sus cruzadas, practicadas, principalmente, a las puertas de Jerusalén.

Le sigo, recordando a esos dos primeros enamorados maricones Durandarte y Orlando, primeros en la historia del romancero sarasa, que llevaban un aro de buey en la nariz, y zapa-tillas de esparto en los pies.

Todos los días se citan en un pinar del Toboso para hacer esgrima con sus penes antes de penetrarse alternando sus ojetes de unos culos

como capachos de molino. El pastor, cual conde Galalón, lleva su pene fuera y colgando, ocultándose detrás de un matorral, y yo más atrás.

Ya da principio la tan lucida carnal lucha de sainete carnal unipersonal. Parece que juegan con penes de cartón, colgajos de salchicha y, viendo la erección de cada cual, es lógico que intentara cada uno penetrarse a la vez, lo cual están haciendo con postura no hallada en ningún Kamasutra, frente a frente.

-Cuán largo es el Amor, le oí jadear al pastor.

- ¿Qué se estará haciendo el muy cabrón?, me pregunté.

La paja del mete y saca no se hizo esperar y, cuando terminaron su penetración mutua, vimos que sus penes eran unas berenjenas redondas.

-Te has portado bien, defecador de tuertos, le dijo Durandarte a Orlando; a lo que este respondió:

-Cual burro me has hecho el culo pedazos, maricón de mierda.

-Y tú qué traidor, majete, le replicó Durandarte. Siguiendo:

-Lo que podía haber sido vida y dulzura, ha resultado ser una mierda, porque te has cagado, cacho guarro en toda la literatura erótica a una sola hoja de carnal papel jodido por ambas caras.

Se encerraron en sus pantalones y un escuadrón de pedos como los que expelieron en su tiempo Héctor y Aquiles, que ya oliera y cantara, en su día, Homero, salieron del culo de los dos, marchando hacia el pueblo, perdiéndoles de vista justo al tiempo en que cerraban sus braguetas con una rareza escénica amariconada.

El pastor ya se había corrido. Tendido está sobre el suelo, en voz alta diciendo:

-Vaya tramoya la de la polla.



CÃO DE (P) RAÇA

POR GIOVANNI SILVEIRA



Poços de Caldas. 12 de fevereiro de 1974. Luiza moça recentemente casada e linda por natureza. Negra de volumosos cachos e de olhar cigano, trabalha em uma loja de vinhos suecos. Naquela manhã, como de costume, tomou o segundo ônibus desde sua casa até o centro. Seu trajeto requeria de si dois transbordos e, isso já não a incomodava devido à troca de pessoas, ares e, até mesmo, de ambiente. Para ela, era como mudar os móveis da sala. O marido era um ranzinzo advogado de uma empresa conceituada na cidade e almejava, intensamente, ter um filho. Não seria muito fácil, pois ele era estéril e, apesar de incontáveis tratamentos feitos, não havia surtido nenhuma solução. Não até agora!

Luiza desceu no terceiro ponto, como de costume. Chovia muito! As pessoas passavam tresloucadas entre si e não paravam para observar em seus entornos.

Um cachorrinho, com as quatro patas brancas e de focinho marcado, perambulava por ali, buscando algum sinal de comida... nem que fosse um resto! Cão de (p) raça! Comovida e indignada, ela tirou da sua bolsa dois pães de queijo com pernil e uma toalha de rosto. Aqueceu o animal e o alimentou. Ao aproximá-lo do seu seio pôde perceber uma sensação inusitada! Maternal, talvez! Sensação única e indescritível. Não podia demorar muito, pois o tic tac do relógio diminuía seu dia. Por outro lado, sentia-se totalmente responsável por aquele ser indefeso e de grandiosa alma. Levantou-se, sorratamente,

e levou-o consigo, para debaixo de uma varanda de telhas coloniais francesas, impressionada com tanta falta de sensibilidade dos chamados humanos, talvez, apenas seres, pois de humanos não haviam nada.

O pobre cão de (p) raça coçava feito louco, embora tivesse com aquele cheirinho de “murriinha” indicando que o único banho era só o da chuva! Como Luiza se apaixonou eu não sei, mas tinha um grande amor envolvido. Era diferente o que ela sentia! Desde o primeiro momento se encantou pela história que aquele cão carregava consigo, interessando-se pelas marcas, pelas cicatrizes, pelos mal cortados pelos e pelas unhas por fazer. Era animal maltratado mesmo, com um corpo dolorido, denunciando as marcas do tempo. Parece que seu olhar dizia que queria mudar de (p) raça, de vida, enfim, que queria ser diferente! Não queria mais aquele medo, aquele desalento, já que suas ásperas patas denunciavam o (tão leve) peso do seu corpo e a injustiça da ingratidão.

Nos olhos, haviam manchas brancas transpassadas entre as extremidades, como se quisessem dizer: (Onde está??) “Ordem e Progresso”.

Entremeio a tantas chuvas, o pobre cãozinho tremia a Parkinson e, impiedosamente, seu olhar marcava a intensidade com que o tempo, não satisfeito com sua presença, findava-lhe aos poucos. Aquele olhar refletia a insensatez dos bancos do jardim! Puxa! Como eram frios! Mas, era cão de (p) raça e ninguém quer cão de (p) raça, afinal, não tem um nome estranho como “golden retriever, doberman, husky siberiano...” para designar um troço que eles cruelmente chamam de raça!



Imagem by Fofuxo

Pra falar a verdade, acho que nem nome o coitado tinha!

Como era dolorido para Luiza vê-lo estar ali, naquelas sub-humanas condições e como era (in) oportuno vê-lo dividir o mesmo cobertor juntamente com os mendigos, que, nessa altura, também já estavam todos encharcados. Quanta irresponsabilidade social! Por entre as roupas e os amontoados de tralhas, os mendigos também carregavam pelos sobre o corpo, parecendo homens de (p) raça. Puxa vida, será que todos ali seriam de (p) raça?!

Por falar em praça, Luiza não vê mais aqueles amores românticos nos bancos do jardim, afinal, não há espaço.... Ninguém quer ver isso, ou melhor, ninguém quer enxergar, de fato, esse cenário! Se bem que, nos domingos sim, há!

Domingo é dia de ir encontrar o cão de Raça, que muitos fazem questão de ter, só para fazer a alegria da neta, da sobrinha, da tataraneta... Os cães de (p) raça ficam todos deixados de lado.

Passam imperceptíveis aos olhos das pessoas. A mocinha, filha do professor de Geografia até tenta ajudar, mas a mãe não deixa, pois o cãozinho certamente tem alguma doença!

E ela poderá se contaminar...

Quanta inocência! Certamente, Luiza diria para o cãozinho não se aproximar, afinal, humanos contaminam!

Parece que sua rotina já está marcada. Anda, sorrateiramente, pelos cantos, esquinas e lixeiras, buscando algum resquício de comida, alguma migalha de pão e/ou alimento velho.

Os pincéis do tempo já tingiram seus pelos de branco, aliás, de certa tonalidade de cinza escarlate. Os seus movimentos já são, nitidamente, reduzidos e frágeis...

Parece que tem uma profunda esperança de que tudo mude!

Só que carrega nos olhos o medo, muito medo! Talvez, porque foi alvo de agressões, de violência, do destino. Mesmo assim, não perde a esperança, abana o rabo como se quisesse agradecer, afinal, apesar de não ser um cão de raça, carrega um grande humanismo vivencial! Há aí, nitidamente, uma carência de amor, pois o debilitado animal não larga nem mesmo os companheiros de boêmia, que, agradecidos, trazem restos do pouco alimento que lhes sobra (quando sobra...). Todo retorcido, o pobre cãozinho se levanta do



colo de Luiza, despertando de seu (tão) vagaroso sono. A moça não consegue compreender como ele dormia em meio a tantos gravetos e sacos plásticos, que, inclusive, hesitou em se retirar, mas viu que ele precisava de ajuda! É como se seus pulmões inspirassem um singelo socorro e como se cabelos desarrumados estivessem implorando para que aquele corpo tenha o direito de descansar em paz.

Ao vê-lo ali, subhumanizado, Luiza lembrou-se de sua mãe, nas tantas noites de natal, respondendo às suas solicitações de fome: “Dorme filha, que a fome passa!”. Resultado: A fome aumentava mais ainda.!

A vontade de Luiza era ser útil, cuidar, encaminhar ao veterinário, pedir para medicá-lo, para poder ficar com ele de plantão e para curá-lo. Mas, era tudo muito difícil, muito caro... E, ao pedir ajuda, constatou que ninguém queria vê-lo! Todos estavam ocupados demais. Ninguém se importava com ele! Afinal, era velho e tudo que é velho a gente abandona, néh?! Um dia, fizeram a gente acreditar que jogamos fora, ou não damos a mínima importância, para tudo o que for velho. E nele já não havia aquela pose mais, pois parece carregar o peso de todo o seu destino, de toda a sua sina, como, dizia meu avô, o peso de um vagabundo de marca maior.... E

era como se já tivesse nascido condenado, sem fazer nada de crime! Parece até história bíblica, néh?!

Só porque é cão de (p) raça!

Seu olhar pesaroso, Luiza não esquecerá jamais! Após ficar com ele por horas nos braços e lhe dar um pouco de amor, o cão de (p) raça, prontamente, levantou-se e seguiu sentido Avenida do Contorno.

Parece que já sabia que não podia ficar ali e que não havia espaço para ele. Andar sereno e calmo.

Passos cambaleantes. Sem dúvida nenhuma, ela se lembrou do seu sistemático avô, quando ia, às sextas-feiras, na sua casa e não aceitava o café!

Tinha um olhar distante e vago.

Talvez, quisesse ser de raça ou, quem sabe, que existissem pessoas que aceitasse sua (p) raça. Bom, o cãozinho parou, olhou para trás, como se quisesse agradecer e insistiu em seguir.

A essa altura, já compreendia que seu destino é, mesmo, vagar sozinho...

Isso fez Luiza pensar muito sobre a velhice. Ali estava o cão pobre, velho, com fome, jogado à própria sorte.

Ninguém pensava nele, que, a essa altura, já não tinha energias suficientes para poder mais correr atrás das bolinhas ou dos gravetos jogados e nem para fazer a alegria da criançada.

Um obrigado ele esperava ouvir agora, e se pudesse falar verbalmente, talvez, diria assim:

“Não faço distinção de pessoas, não me importo com a religião, opção sexual, posição social, cor, estilo de vida. Eu me importo em te fazer feliz”. Ele seguiu como um senhor encurvado, sem rumo certo. Naquele momento, correram lágrimas dos olhos de Luiza, pensando no quanto ainda somos incapazes de resolver o problema do outro e de nos entregar de fato. Não se sabe quando seremos carentes como esse cãozinho, mas esse dia vai chegar, mais cedo ou mais tarde, pois a velhice traz consigo uma “ideia de jogar fora”, de inutilidade.

Há, um frio imenso nesse inVerno de cidade!!

Luiza não foi trabalhar, nesse dia, e voltou para casa se sentindo um cãozinho sem raça!



JUNTE-SE A NÓS!

VENHA ESCREVER NO VARAL!

Nossa próxima edição será sobre o Planeta Terra e todas as suas belezas e problemas.

Da proteção ambiental e animal, passando pela reciclagem do lixo e o até mesmo os grandes desastres que têm ocorrido, nós vamos falar sobre a Natureza e seus habitantes!

Venha também, envie seu texto até dia 25 de julho. Distribuição da revista no final de agosto.



**A justiça dos homens pode ser cega.
Mas eu enxergo o direito dos animais!**



EU DEFENDO OS ANIMAIS!

7 VANTAGENS ADOTAR CÃO ADULTO

- Não crescem mais
- Aprendem mais rápido
- São mais amorosos
- São mais calmos
- São mais obedientes
- Requerem menos caminhadas
- Latem menos ou quase não latem



Adotar é um gesto de amor!

Não compre animais, adote! Não contribua para a cruel indústria da venda de animais!

MOMENTOS PERDIDOS

POR GEORGINA CAÇADOR

Fui ontem passar na tua porta.
Estava lá uma rosa,
Que no seu veludo
Tinha pousada, uma pequena gota
De água da chuva.
Um manto vermelho
Em espetáculo de vida
Como o vinho tinto da uva.

Ontem fui ver-te amiga,
Saber tudo de ti
Aquilo que sei que nunca vi.
Ontem estive a um passo de te abraçar,
Sair para a rua contigo a dançar.
Rir-me abrasivamente
Duma ninharia,
Sem motivo aparente,
Só porque te via.
Ontem eu queria beber um café
Comer um bolo,
Falar horas ao redor do teu chalé.
Ontem tudo estava ao alcance de uma mão,
Até comer frutas sentada no chão.

Quem me dera ontem
Para não pensar no viver
Para não pensar
No que ainda tenho que colher.



CANTINHO DAS PALAVRAS

MARIA
DELBONI

QUE, QUÊ / POR QUE / POR QUÊ / PORQUE OU PORQUÊ? QUAL USAR?

Não sei bem quando começa a idade dos porquês, mas com certeza todos nos passamos por ela. A descoberta do mundo ou a tentativa de explorar o desconhecido leva a criança a esta etapa de sua vida onde ela insiste em questionar o mundo que a cerca. E os adultos, claro, são o alvo destas perguntas. Perguntas que são às vezes fáceis, às vezes inconvenientes e muitas vezes perguntas que a gente gostaria de não responder.

Mas sem dúvida uma das perguntas que deixa muitos sem respostas é a de como usar corretamente as modalidades dos quês e porquês.

O uso dos porquês é um assunto muito discutido e traz muitas dúvidas. Vejamos a possibilidade de esclarecer o emprego dos porquês para que não haja mais imprecisão a este respeito.

Por que

O por que tem dois empregos diferenciados: Quando for a junção da preposição “por” mais o pronome interrogativo ou indefinido “que”, e possuir o significado de “por qual razão” ou “por qual motivo”, sempre para uma pergunta, quer no início da frase, quer no meio dela:

Por exemplo: “Por que você não vai ao jogar bola? (por qual razão)

Não sei “por que” não quero ir. (por qual motivo)
Quando for a junção da preposição “por” mais o pronome relativo “que”, possuirá o significado de “pelo qual” e poderá ter as flexões: pela qual, pelos quais, pelas quais.

Por exemplo: Sei bem por que ele não veio à festa. (pelo qual motivo, por qual razão)

Por quê

Quando “vier antes de um ponto”, seja ponto de interrogação ou de exclamação, o “por quê” deverá vir acentuado e continuará com o significado de “por qual motivo; por qual razão”.

Por exemplo: Vocês não comeram tudo? Por quê?

Andar cinco quilômetros, por quê? Vamos de carro.

Facilitando “por que” para perguntar no início da frase – use, assim, por que, separado e sem acento.

Por que, no fim de frase para exclamar ou interrogar use “por quê” acentuado.

“Porque” escrito junto e sem acento é conjunção causal ou explicativa, com valor aproximado de “pois”, “uma vez que”, “para que”.

Por exemplo: Não vou ao baile “porque” tenho que estudar para a prova. (pois)

Não fale mentiras “porque” prejudicará você mesmo. (uma vez que, pelo fato de)

Porquê escrito junto e com acento é “substantivo” e tem significado de “o motivo”, “a razão”. Vem acompanhado de artigo, pronome, adjetivo ou numeral.

Por exemplo: O porquê de não estar conversando é porque quero estar concentrada. (motivo)

Diga-me um porquê para não fazer o que devo. (uma razão).

O “quê” é uma palavra que não pode ser verbo e indicar uma ação, ou numeral e indicar números, seus múltiplos ou frações, mas pode se transformar em muitas classes gramaticais como por exemplo.

POR QUE
? **PORQUE**
POR QUÊ
PORQUÊ

POR QUE
? **PORQUE**
POR QUÊ
PORQUÊ

POR QUE
? **PORQUE**
POR QUÊ
PORQUÊ

Será pronome exclamativo: Que lindo!

Será pronome interrogativo: Que? Não acredito.

Será pronome relativo sempre que puder ser substituído por “qual”: O livro que li era de contos fantasiosos.

Será conjunção quando não puder ser substituído por “qual” ou “onde” e terá sua classificação de acordo com o sentido implícito: Trabalhei tanto que estou cansada. (consecutiva) / A medida que estudava, aprendia (proporcional)

Ainda como conjunção poderá introduzir orações substantivas: Urge que estudes / Prometo que lerei os livros. Onde “que estudes” e “que lerei os livros” são sujeitos oracionais, sujeito e objeto direto dos verbos que as antecede. “o teu estudo urge”; sujeito; “Eu prometo a leitura dos livros” objeto direto.

Em todas estas situações o “que” não levará acento, contudo quando ele for introduzido por um determinante – um artigo, um pronome etc. – ele será substantivo e levará acento. Por exemplo em: “Ele tem um ‘quê’ de estranho. “Este ‘quê’ não deve vir aqui.

Simplificando os acentos ocorrerão sempre que o “quê e “o porquê”, vierem antecedido de determinantes ou no final de frases exclamativas e interrogativas.



* a * d * o * t * e u * m * a v * i * d * a

NUVENS NORDESTINAS

POR GILBERTO NOGUEIRA DE OLIVEIRA

Hoje é uma linda noite. Um foguete pipocou no ar.

O céu está cheio de nuvens semelhantes a ilhas.

Parece um mapa.

A lua se esconde e tudo escurece,

As nuvens se assemelham

Às terras secas e quebradas

Dos sertões nordestinos.

Agora elas se separam

Cada vez mais e mais.

Vão se desintegrando,

Deixando o domínio para a lua.

Neste momento, o céu é uma paisagem.

A lua clareia o infinito

Que se torna azul escuro,

Azul puro dos oceanos.

O azul do céu que é um oceano,

Vão invadindo as nuvens que são as ilhas.

O bravo e pacífico oceano

Vão destruindo as ilhas que também são resistentes,

Bravas, fortes e pacíficas.

Agora, o oceano afundou algumas ilhas.

As que restaram se uniram

Formando uma grande ilha,

Com a forma de uma baleia.

E a baleia era viva.

E por ser viva, espirrou seu jato d'água

E molhou a terra.

Era chuva para os nordestinos

E eu acompanhei tudo

Do meu posto de observação.



A woman's face is visible through a window covered in raindrops. She has a contemplative expression, looking slightly away from the camera. The background outside the window is blurred, suggesting an urban or suburban setting.

A ESPERA

POR GRAZIELLA TOGNETTI

Nos vidros da janela
A chuva caía.
Batia...e batia.....

Olhava la fora.
Ele se fora.
Não mais voltara.

A chuva forte batia
A água escorria
qual lagrimas em desalento.

Seu olhar se perdia
ao longe. Corria
entre arvoredos silvestres regado.

Ela o esperava,
Mas ele não regressava
Tudo acabado estava.

O eco da infinita promessa
No coração que batia,
“ Para sempre” dizia....



DICAS DE PORTUGUÊS

RENATA CARONE SBORGIA

... e naquele silêncio entre corpos encaixados lançou a pergunta fatal: Qual o meu melhor sentimento? O nu. In : Trechos Tecidos com Palavras... Sentimentos... Afins... Sem Fim...

Madras/Editora/Renata Carone Sborgia

1) Maria tem um “ **blogue**” com muitos acessos na internet!!!

Parabéns, duplamente, Maria: pela escrita usada de forma aportuguesada e pelos acessos!!!
Vejam, queridos leitores, sobre as expressões aportuguesadas, porém não utilizadas com frequência por nós. No exemplo acima: usamos a expressão **blog**.

Explicação:

Quando tratamos de estrangeirismos - palavras estrangeiras que são incorporadas ao nosso idioma - muitos defendem a ideia de que tais termos devam ser aportuguesados, o que, de fato, ocorre com várias palavras em nossa língua. Nesse processo, os vocábulos são submetidos às regras ortográficas vigentes na língua portuguesa, buscando-se equivalentes do ponto de vista fonético. Na prática, todavia, o que se observa é que geralmente as grafias originais continuam tendo preferência no uso, embora as formas aportuguesadas já se encontrem dicionarizadas.

Veja a seguir 15 palavras aportuguesadas que raramente utilizamos:

1. Blogue (Blog)
2. Bufê (Buffet)
3. Caubói (Cowboy)
4. Chantili (Chantilly)

5. Drinque (Drink)
6. Eslaide (Slide)
7. Flã (Flan)
8. Leiaute (Layout)
9. Motobói (Motoboy)
10. Náilon (Nylon)
11. Rali (Rally)
12. Roque (Rock)
13. Sedã (Sedan)
14. Sítio (Site)
15. Tíquete (Ticket)

2) Todos dizem que ele tem uma “**boa vida**”!!!

Com certeza!!! Poderia estudar o português!!!
Correto: **boa-vida** (com hífen----Plural: boas-vidas)

OBS.: grafia conforme o Novo Acordo Ortográfico vigente em 1 d janeiro de 2016

3) Pedro tinha “impresso” o texto todo.
Não conseguir a devida nitidez do texto!!!

O correto é: **imprimido**

Regra fácil: Tópico gramatical—Verbos Abundantes

São os que têm mais de uma forma no particípio: o **REGULAR** (com desinências **-ADO e -IDO**) e o **IRREGULAR**.

Vejam: o **PARTICÍPIO REGULAR** dos verbos **LIMPAR** e **IMPRIMIR** é, respectivamente, **LIMPADO** e **IMPRIMIDO**. Já o **PARTICÍPIO IRREGULAR** é **LIMPO** e **IMPRESSO**.

Mas quando usar um ou outro?

Isso vai depender do **VERBO AUXILIAR**:

1ª) Com **TER e HAVER**, usamos o **PARTICÍ-**

PIO REGULAR. Então, dizemos:

Pedro TINHA (ou HAVIA) IMPRIMIDO o texto todo.

2ª) Com os verbos SER e ESTAR, usamos o PARTICÍPIO IRREGULAR:

O texto ESTAVA IMPRESSO na casa dele.

PARA VOCÊ PENSAR:

Hei....Escute esta aqui... Está com dúvida??? Se viramos??? Se viramos menina, namorada, mãe, amante, ficante, enrolante, esposa, namorada... Se viramos artistas, escritoras, pintoras, narradoras de histórias, protagonistas, vítimas, vilãs, leas, alucinadas... Se viramos nos caminhos andados no ora com passos bem dados no ora tropeçados...Se viramos santas, doidas, onças,-gatas, mansas , delicadas ... Se viramos a mesa, o jogo, um soco, a página da vida...Se viramos profissionais, guerreiras do dia a dia, na saúde, tristeza, doença e alegria... Se viramos??? Viramos sim a nossa vida do avesso, as outras, os sentimentos, sabores, dissabores... Sempre viramos pela nossa essência fatal de mulher seja o qualquer que vier. Onde está este tal instinto feminino??? No DNA. Vira??? Se vira sempre. Meu amigo o instinto é feminino, marcado com afeto, num sentido ou em vários trilhos, que seja bem dito, sem dúvida agora... E se vira???... Sim: vira e gira.

Renata Carone Sborgia

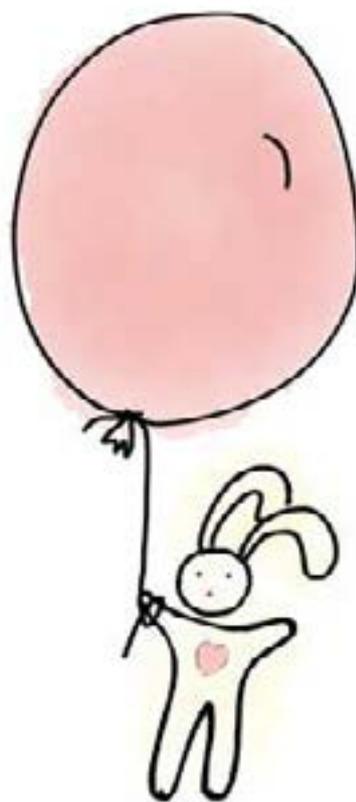
Contatos com a colunista:

Facebook: Renata Carone Sborgia

Instagram: Renata Sborgia

Twiteer: @renatasborgia

LinKedln: Renata Carone Sborgia



**VOE CONOSCO:
ESCREVA!**

– Edição de novembro, TEMA LIVRE. Envio de textos até 25 de setembro.

A edição comemorativa dos 7 anos de existência do VARAL DO BRASIL virá com tema livre. Envio de textos até 25 de setembro. Você poderá enviar textos sobre os mais variados assuntos. Os textos podem ser crônicas, poemas, contos, trovas, artigos... Você escolhe! A revista será distribuída no final do mês de outubro.

Edição especial de NATAL, que será distribuída no final do mês de novembro.

Envio de textos até 25 de outubro. Todos os textos deverão falar do tema Natal e/ou de Ano Novo, assim festejando estas belas datas que tanta alegria nos proporcionam. Você pode escrever em verso ou prosa.

HOMEM LIVRE NOVO LÍDER

POR HAZEL DE SÃO FRANCISCO

O homem livre deve trabalhar com afinco, nunca permanecer na ociosidade esperando que “tudo caia do céu”.

O Senhor do Universo fornece ferramentas e inteligência para que o homem construa o seu mundo que será moldado por si mesmo através do Livre Arbítrio na busca do Caminho que julgar ser o melhor para si.

Livre, o homem tem seus limites que devem ser respeitados para que não caia na perdição.

Aquele que se esconde na ociosidade deve ser afastado da Comunidade, pois ao invés de cooperar e um peso que atravanca a evolução.

Aos dirigentes que possuem os títulos outorgados pela Sociedade, pelas Leis dos Homens, mas que poucas benesses realizar, conhecerá o caminho da derrocada.

Se o homem usar o Conhecimento com a Sabedoria suas virtudes serão multiplicadas.

Um líder verdadeiro, não nos moldes que conhecemos: déspotas, corruptos...

Para se Líder necessita adquirir conhecimentos para exercer suas tarefas com harmonia e equilíbrio.

Ser Líder e saber Ser.

Trabalhar no aspecto Humanístico na Sociedade, onde todos tenham reconhecido seu papel, trabalhando nas tarefas que lhe estão atribuídas e recebendo o pagamento pela sua execução.

POR TRÁS DOS BASTIDORES

Por Júlia Fernandes Heimann

As vidas paralelas de pessoas públicas despertam curiosidade e servem de temas para filmes e livros, que se tornam, assim, informações complementares.

Há muito, os dramas ou aventuras por elas vividos seguem rumo paralelo à história oficial. Isso remonta a séculos e serve, em linguagem conotativa, para dar colorido às narrações referentes.

A vida amorosa de Cleópatra inspirou vários filmes; a da czarina Catarina, a Grande, da Rússia, também.

As duas sempre apareceram como mulheres frávolas, no entanto, foram dotadas de extraordinária inteligência.



No início do século 19, vamos encontrar Carlota Joaquina, esposa de D. João VI, como amante insaciável de alguns subordinados bonitos e fortes. Dizem que teve alguns filhos com eles, mas foram registrados como se fossem de D. João VI.

A história do romance de D. Pedro I, de Portugal, com Inês de Castro, embora remonte ao século 14, ainda é comentado.

O casamento de D. Pedro I com Dona Constança, moça castelhana, foi imposto pelo pai, D. Afonso IV, para garantir o reino. Com a comitiva da noiva, veio Inês de Castro e D. Pedro logo, por ela se apaixonou. Casou-se com a prometida, mas teve vida paralela com a linda Inês. D. Afonso IV, dando ouvidos aos invejosos da corte que o persuadiram, mandou executá-la. Os quatro filhos do casal estavam presentes na hora da execução. Dom Pedro I tornou-se, então, seu inimigo feroz, só não guerreando contra o pai pelos rogos da mãe, a rainha Beatriz.

Quando subiu ao trono, ordenou que os restos mortais da amada fossem transferidos para o Mosteiro de Alcobaça, exigindo que, quando morresse, fosse enterrado no mesmo local.

E os túmulos de mármore permanecem, até hoje, um em frente ao outro, como a perpetuar essa linda e triste história de amor.

No início de século 19, o nosso imperador D. Pedro I, filho de D. João VI, teve, entre várias aventuras, um amor extraordinário por Domitila de Castro Canto e Melo – a Marquesa de Santos. Ela deixou o marido, o alferes Felício, e D. Pedro relegou a esposa, a Imperatriz Leopoldina, a segundo plano. Mandou construir um palacete - que permanece até hoje no Bairro de São Cris-



tóvão-RJ, para a amante e um túnel do Palácio Imperial até o palacete da Marquesa, para seu livre acesso quando a quisesse visitar.

Vindo para a República, encontramos muitas histórias com o Marechal Deodoro da Fonseca.

Dizem que seu relacionamento conturbado com uma linda moça o fragilizou e ele, em 1821, renunciou à presidência. Seu vice, Floriano Peixoto, tomou posse. Nas “redes sociais da época” corria o boato que tinha um romance secreto com a prima Josina. Foi esse presidente que mandou prender Chiquinha Gonzaga e rasgar suas partituras por considerá-las ofensivas.

Depois veio Washington Luís que mantinha um aposento nos fundos do Palácio da Guanabara para receber moças bonitas, principalmente atrizes francesas que visitavam o Brasil.

Campos Sales tinha o apelido de pavão porque era vaidoso ao extremo e se vangloriava das conquistas amorosas que fazia.

Vindo mais para perto, encontraremos no livro de Adelaide Carraro: “Eu e o Governador” descrição pormenorizada de suas aventuras com dois governadores de São Paulo.

Embora não tenha citado nomes, ela os descreve de maneira que poderemos identificá-los sem dificuldade. O livro, lançado em 1977, bateu recorde de vendas e chegou rapidamente à 19ª edição.

Claro que são histórias oficiosas que seguem paralelas e servem, apenas, para termos uma ideia do que acontece nos bastidores, mas dão bastante colorido às narrativas!

Quantos livros e filmes já foram feitos com esses assuntos e sempre fizeram sucesso! Não é só a “Dona Candinha” que gosta de saber da vida dos outros...

Vidas paralelas às oficiais sempre fizeram parte de personalidades famosas e os escritores abelhudos ou curiosos gostam disso.

Todos os citados no texto fazem parte do passado. No entanto, algumas personalidades atuais poderão render bons livros e filmes, futuramente; é só irmos registrando os acontecimentos.

Pois é. “E assim caminha a humanidade”...

(George Stevens/1956)





Relembrando: EUROPA BRASILEIRA 4 Asco

POR URDA ALICE KLUEGER

Estou aqui a lembrar do que me contou o João. Claro que o nome dele não é João, pois não sou tansa o suficiente para botar o nome verdadeiro dele e fazer com que ele incorra no desagrado dos poderosos que poderão se armar com represálias e acabar com o pobre trabalhador blumenauense, oficial pedreiro, que ganha a vida com dignidade construindo as casas e os edifícios para a burguesia. João é jovem, é casado, tem três filhinhos – com seu suado salário comprou um terreninho numa encosta e construiu uma bela casinha também para si, fez varanda, garagem, a mulher dele botou cortinas nas janelas, plantou roseiras na frente – a vida ia que era uma beleza, João pensando em arranjar um cachorrinho para brincar com as crianças, quando veio o Desastre, a Desgraça – e numa tarde de chuva, em novembro de 2008, a casinha e o terreno dele escorregaram morro baixo, e mal e mal ele conseguiu salvar a família. Faz algo como 105 dias que tal ocorreu, e João teve a grande sorte de não ter que ir com a família para um dos

muitos abrigos da cidade, onde ocorreram coisas que nem se acredita – um cunhado dividiu com ele a casinha onde morava, e lá também havia duas crianças.

Tá, há 105 dias atrás esta minha cidade estava em tal caos que só estando aqui para acreditar, e faltou comida na casinha onde João se abrigara.

Tal não seria problema, claro, as estradas de acesso à cidade mal davam conta de deixar passar os caminhões e caminhões de donativos que chegavam de todo o país e do exterior, tanta comida que agora, passados os tantos 105 dias, o responsável pelo assunto na cidade andou informando que ainda há 200 TONELADAS de donativos estocados.

E João foi em busca de comida para a sua gente.

- Amiga – ele me disse – perdi a conta de quantos cadastros tive que fazer aqui e ali para ganhar algo para trazer para as crianças. Se eu conseguisse um quilozinho de arroz que fosse já ficaria feliz – não havia mais nada para as crianças comerem.

Pois vocês acham que João ganhou um quilozinho de arroz? Ganhou nada! E tinha gente ganhando carros tão cheios de comida que as rodas ficavam meio arriadas de tanto peso! Quem será que levou tanta comida para onde?

Sei que João e sua gente nada ganharam, tiveram que se virar com a fome, vendo gente com carros de rodas arriadas de tão lotados passarem defronte da casinha onde estavam abrigados. João é preto, sua família também. Será que isto tem algo a ver? Talvez tenha, talvez não, pois também ouvi diversas pessoas brancas me contando histórias muito parecidas.

Daí fico lembrando de outras histórias ouvidas

nestes últimos 105 dias, como o daquele homem que estava num abrigo, e ajudou a descarregar de um caminhão caixas e caixas e mais caixas de sobrecoxa de galinha desossada, pitéu caro e raro, e ficou com água na boca, esperando para comer ao menos umazinha, quando ela fosse servida, só que naquele abrigo nunca se comeu sobrecoxa de galinha desossada. Para onde foram aquelas caixas todas?

Para um supermercado, ou talvez para os amplos congeladores de burgueses que fedem?

E lembro mais: da minha amiga Janete (claro que também não sou tansa o suficiente para dar o nome verdadeiro da Janete!), que é da APP de uma escola, e que faz poucas semanas estava na escola e veio uma mãe buscar uma lata de leite para seu bebê. Ela atendeu à mãe, deu o leite para o qual aquela criança estava cadastrada, e juntou ao leite algumas caixinhas de água de coco. Nunca estive naquele abrigo e não sei quem o dirige, mas foi o tal diretor (ou diretora) quem partiu para cima da Janete: não era para dar a água de coco. Janete já teve suas crianças, sabe que elas precisam de suplementos além do leite, e rebateu a proibição – por que não podia dar, se era coisa de doação? Levou uma bronca – não era para dar e pronto. Fico pensando em qual supermercado deve estar sendo vendida aquela água de coco proibida, ou em qual geladeira de qual burguês ela está...



tar cada história que acabo sabendo, mil folhas talvez não fossem suficientes.

E agora estão jogando comida fora, comida cuja validade venceu! Quantas toneladas estão jogando? Não sei, mas desta vez não tenho como passar por mentirosa, pois antes de mim a imprensa radiofônica e televisiva noticiou, com as devidas imagens e tudo – disseram-me também que saiu em jornais de papel, mas eu, pessoalmente, não botei os olhos neles, e então não faço afirmações a respeito.

Mas o quilo de arroz que foi negado às crianças de João está lá no lixo da cidade, e tantas outras coisas, tantas outras!

Quando a imprensa começou a noticiar, as autoridades disseram que era coisinha de nada, comidas que já tinham chegado vencidas há 105 dias atrás. Uma ova que era! Era a comida que foi negada a tantos Joões e tantas crianças, brancas e pretas, decerto para se ver quem podia levar maior vantagem com o que sobrasse.

Sei que você doou, e você também, e você outro decerto também – e não me esqueço daquele homem de Salvador que apareceu na televisão, ganhador de salário mínimo, mas que também conseguiu doar um pouquinho...

Sinto asco de certa parte da humanidade que é capaz de deixar criancinhas sem um quilo de arroz ou uma água de coco, para jogar comida no lixo depois. Ai, que asco que sinto!





E A LUA SE RUBORIZOU...

Era um dia quente da primavera, que mais parecia o ponto alto do verão, dia 27 de setembro de 2015 quando a repórter de um canal de televisão anunciou:

- Hoje, teremos mais uma oportunidade de ver a lua em tamanho maior e com cores de sangue, já que este fenômeno acontece raras vezes, devido ao alinhamento do sol, terra e a lua.

A noite foi aguardada pelos habitantes do planeta Terra com bastante expectativa, principalmente aqueles jovens roqueiros que assistiam a mais uma edição do Rock In Rio, em sua última noite.

E ela veio aparecendo aqui onde eu estava, em uma região rural, e brotou por detrás da Serra da Babilônia, uma das que estão no entorno do Parque Nacional da Serra da Canastra... Nasceu vermelha, nada alegre como sempre nos emociona, parecia sofrer algo em seu interior, no seu coração, se é que lua o tem.

Abaixei a câmera com que fazia algumas fotos, sentei-me em uma cadeira de balanço... e iniciei uma reflexão do porque daquela tristeza estampada pela nossa amiga de noites dela cheia. Queria entender o que teria feito aquela lua tão apaixonante se ruborizar a ponto de perder o brilho ofuscante de todas as vezes que temos costume de vê-la, e aprecia-la. O que a fez mudar?

Afora o fenômeno, conjecturei: Será que está envergonhada de seu grande parceiro e amigo de trilhões de anos, o planeta terra? Não, o planeta não lhe fez nada para que sentisse esta vergonha

CAUSOS DO MONTANARI

CARLO MONTANARI

toda! Mas pode ter sido algo que os próprios habitantes deste planeta tenham feito. Ah, sim, só pode ser isso! O “homo Sapiens” encenou tantas coisas erradas durante os períodos de sua “civilização” (entre aspas mesmo) que a está envergonhando muito, mas muito mesmo! E ela, a lua, sempre observou de bem perto a tudo, estarrecida a cada nova “burrada” do homem. Vez por outra se ruboriza como que fazendo um alerta, sabendo que sempre gostamos de observa-la.

Sim, É UM RECADO!!!

Quem sabe agora, depois de tantas decepções, entendamos como ela usa de um fenômeno para nos alertar mais uma vez, para nos fazer acordar e TENTAR NOS SALVAR, OFERECENDO-NOS UMA ÚLTIMA ESPERANÇA. Vamos aprender a ler as várias faces da lua... E mudarmos comportamentos, assim espero... E pensei alto, falando comigo mesmo: continuarei fazendo a minha parte!... E você?



Imagem by Viktoria-Lyn



INSANIDADE

POR IOLANDA MARTHA BELTRAME

Estruturas interagem
Rios, mares poluídos
Vida a se extinguir

Torna e retorna em nuvem negra
Muito rastro de insanidade
Contamina o ar já envenenado
Põe todo o verde na queimada

Teimosia incontida do querer,
Desmedido, se autojulga semideus
Altera aquilo que lhe aprouver

Surreal, transmuta o insano
Condena a utilidade e a beleza
Afronta a benéfica natureza
Degrada o próprio se Humano

O LIVRO MATINAL DE TODOS NÓS

Por Isabel C. S. Vargas

Amanhece e os raios do sol trazem a mensagem
De que tudo começa novo em cada amanhecer.
São páginas em branco do livro da vida
No qual podemos escrever muitas histórias.

Deus nos dá um livro em branco ao nascer
Podemos escrever histórias de amor
E, geralmente, a maioria tem uma assim
Ao nascer neste mundo tão cheio de incógnitas.

Escrevemos histórias de batalhas vencidas,
Ou não, mas igualmente importantes
Histórias de superação, de heróis do cotidiano
Nas quais podemos ser personagens bons, ou não.

Neste livro não material, mas real, cabem sentimentos
Que poderão ser alegria ou tristeza, amor ou desamor
Orgulho ou vergonha, certezas ou arrependimento
Por ações mal escolhidas, resultados desastrosos.

Neste livro somos mocinhos ou vilões
Nele está inserido em todos os momentos
O livre-arbítrio que permite que tenhamos
Escolhas em todas as ações a serem realizadas.

Se choramos no final da história, temos que aceitar.
É a colheita de cada semente inserida nas palavras
E, nas ações. Podemos nos enganar? Errar? Sim
Mas podemos a cada momento escrever novas histórias.

O livro de cada amanhecer está sempre em branco
Dando a todos nós a possibilidade de mudar
E, no final dele termos uma avaliação generosa
Daqueles que partilharam a escrita conosco.





**QUANDO A LITERATURA ALCANÇA A
TODOS ELA SE TORNA IMPORTANTE!**

VARAL DO BRASIL

**DESDE 2009
FAZENDO LITERATURA PARA TODOS!**

**Neste período em que estaremos com as atividades da revista
reduzidas, duas coisas são importantes:**

- Não envie a mesma mensagem mais de uma vez. Ela será respondida, apenas tenha paciência.**
- Percorra nosso site, lá você encontrará todas as informações necessárias para participar conosco!**



FORÇA NEGRA

POR JAIME CORREIA

Preto, não te enganes,
Sai do pé desse doutor.
Um dia sentirás na pele
A consequência da tua cor.

Esse que se deleita
Com tuas bajulações,
Amanhã porá grilhões
Em tuas esperanças.

Preto, sê tu mesmo,
Nunca degrau rasteiro
Para ascensão alheia
E queda dos próprios ideais.
Negro ferindo negro,
Pobre ferindo pobre – creia,
Não é este o caminho.

Arrebenta esses grilhões,
Alforria tua mente escrava,
Vai preto, mostra que
Essa raça é brava,
Mostra a força dessa cor.
Vai preto, grita forte
Nossa liberdade
Sai do pé desse doutor.





PRÍNCIPE ENCANTADO

POR JACKMICHEL

Quando a neve dos invernos dos anos
descambar sobre tua cabeça
e teus cabelos tornarem-se alvos,
como o cimo dos montes nevados...

Quando o frescor do riso empalecer
na flor rúbida do teu lábio mádido,
em ânsia fatal de morrer,
como cisnes tristes de real plumagem...

Quando em teus olhos luzir, bruxuleante,
a luz das alvoradas,
embaciada num enterro de matizes,
dirigindo-se a místicos prazeres...

Não importa, amor! Que serás para mim
um príncipe encantado!...

Em horas mágicas de divino acento,
pensarei nos cerúleos céus, na sua vastidão infinita,
e meditarei sobre sua perenidade...
pensarei nos frutos opimos que caem das árvores, sazoados,
nos solos dos pomares e são mais saborosos...
pensarei no grande Farol de Lindau,
na Torre de Hércules, na Catedral de Reims,
a permanecerem soberanos atravessando os séculos...

E concluirei que o tempo
conhece a perfeição da arte na Natureza;
e ao invés de destruir a obra, como ao todo,
aquela que elegeu, venera,
e seu hábil cinzel alinda e encanta!



LIVROS LIDOS

POR LUIZ CARLOS AMORIM

Recebi, há um bom tempo atrás, um e-mail de uma amiga escritora de Anitápolis, sobre a criação da ONG Viva Cidade, com o objetivo de promover áreas como a cultura, meio ambiente, turismo, lazer entre outras. A ONG estava angariando livros para formar uma biblioteca para comunidades carentes daquela região.

Então lembrei que já escrevi sobre iniciativas interessantes para se conseguir acervo e iniciar uma biblioteca em uma entidade, associação, escola, bairro, comunidade. Uma delas era uma campanha de um grande supermercado pedindo doação de livros para criar uma biblioteca numa pequena escola de interior.

O retorno foi bom, uma boa quantidade de bons livros – principalmente infanto-juvenis – foi arrecadada, uma nova biblioteca foi formada e muitos pequenos estudantes foram beneficiados. Estudantes que estavam a uma grande distância de uma biblioteca municipal ou estadual – o que significa custo de passagens de ônibus para chegar até lá – e também não tinham acesso à internet.

Há algum tempo, participei de uma gincana para confraternização e comemoração do aniversário da uma grande empresa.

E sabem qual era uma das tarefas? Além do leite em pó ou em pacote, para doação a comunidades carentes, marcava ponto quem trouxesse mais livros em bom estado ou novos, com bom conteúdo para constituir uma biblioteca em uma entidade de assistência a crianças carentes e escolas de primeiro grau mais distantes.

Fiquei feliz pela iniciativa e pela participação: centenas de livros – no geral bons livros, uma boa maioria deles livros infantis e infanto-juvenis, mas também romance, poesia, crônica, didáticos, autoajuda, técnicos.

Fiquei surpreso com a qualidade e quantidade das obras.

É impressionante constatar-se o fato de que guardamos, em nossas casas, muitos livros que já lemos, e que ficam lá, indefinidamente, enfileirados em estantes, sem que ninguém os abra. Então, quando há uma oportunidade, não é agradável dar sobrevida a uma coisa que estava morta, sepultada?

Pois um livro numa biblioteca pode ser lido por inúmeros leitores, pode ser consultado por um número de pessoas que não podemos precisar.

A ideia não é nova nem original, mas é ótima para incentivar as pessoas a fazerem um expurgo em suas estantes e ver o que pode levar descobertas, o mundo da imaginação, arte, cultura e conhecimento para outras tantas pessoas.

Como vimos e sabemos, quase todos temos, sempre, livros que já lemos. Então porque não atender ao apelo que não quer calar e doá-los para que possam iniciar uma nova biblioteca?

Convido-os a doarem quantos livros tiverem e puderem, preferencialmente para crianças e jovens, a uma biblioteca de escola, mesmo à biblioteca municipal de sua cidade, à biblioteca de alguma associação, livros para outras faixas de idade também podem ser doados, pois há muita “gente grande” que gosta de ler, mas não pode comprar livros. Como disse a minha amiga, é uma oportunidade de fazermos alguma coisa. Podemos fazer a diferença. Então, mãos à obra, livros fora das estantes, a caminho de alguma biblioteca. Qualquer tipo de biblioteca, principalmente as menores e mais carentes.



EM BREVE...

A revista Varal do Brasil trará uma edição especial dedicada ao LIVRO! Livros impressos e digitais serão nosso tema, mas também os escritores, editores, leitores, críticos, produtores e agentes literários...

Se você tem algo a dizer sobre o assunto, é a hora! Fale bem... ou não... de um ou mais tópicos que serão abordados na edição, enviando texto (s) para varaldobrasil@gmail.com.

Não fique de fora, venha!



PAMONHA DE MILHO

Ingredientes

Serve: 10

7 espigas de milho verde

1/2 xícara de açúcar

1/2 colher (chá) de sal

1/2 xícara de leite de coco

4 colheres (sopa) de leite

Modo de preparo

Preparo:30mins/ Cozimento: 1hora/ Pronto em:1hora30mins

Descasque as espigas de milho e reserve as palhas.

Debulhe o milho e coloque os grãos com o resto dos ingredientes no liquidificador e bata bem.

Coloque um pouco da massa em numa palha do milho e faça trouxinhas amarrando a ponta com um cordão.

Leve uma panela grande com bastante água para ferver ao fogo médio.

Ponha as trouxinhas de milho na panela de água fervente e cozinhe por cerca de 1 hora ou até que estejam firmes.

Escorra a água e arrume as pamonhas numa travessa e sirva quente.

Fonte: <http://allrecipes.com.br/>



A BUSCA DO GUERREIRO

POR PEDRO AROSSA

As imagens se sucediam como num filme. Uma imensa montanha negra elevava-se soberana na paisagem, a sua volta a neblina arrastava-se como um fantasma a guarda-la. De repente, uma explosão de energia e, eu agora rodopiava numa galáxia cercado por milhões de estrelas, tudo era pura energia! Como por mágica, o universo calou-se e, me vi ajoelhado junto a uma enorme pedra de formato peculiar tocando-a com grande reverência. Todas as noites o mesmo sonho, repetia-se como um presságio de que algo espetacular estava por vir. Um arrepio me trouxe a realidade.

Passadas quase duas semanas eu me convencerá que o cenário daquele sonho era uma imensa montanha a poucos quilômetros de minha cidade, conhecida por sua história e natureza mística; não foi difícil identifica-la.

Era um sábado de madrugada, início de junho, sempre muito frio na região, eu estava de partida. Minha intuição me guiava e mesmo que me escapasse o real sentido de tudo aquilo, eu iria investigar. Minha pequena mochila - sempre à mão, ganhou mais algumas coisas, então parti determinado e sem saber o que esperar daquela aventura.

Nos primeiros raios de sol eu estava no sopé da montanha - o sol se elevava lentamente as minhas costas, dando aquela monumental muralha natural ares de castelo medieval. Provavelmente, mais duas horas de caminhada morro acima me colocariam no topo.

Já no topo eu contemplava aquela imensidão verde recortando o azul do céu. A temperatura era amena e uma leve brisa do mar soprava leve sobre a montanha. Minha busca pelo local do sonho já se iniciará na subida, mas até agora não havia localizado nada que se assemelhasse.

Um dia inteiro de tentativas frustradas não me desanimou.

Minhas buscas - meio malucas, eram naturalmente difíceis. A noite muito gelada exigia uma parada. Sobre minha cabeça a vastidão do universo era avassaladora, mais parecia um tecido negro salpicado de pequenos diamantes.

Pouco tempo depois, eu partia novamente em direção ao outro lado da montanha. Um comando invisível havia me trazido até ali, eu não ia desistir! O caminho - iluminado apenas pela luz da minha lanterna serpenteava sobre a crista, eu estava extremamente alerta - não podia ser diferente, um vacilo e despencaria centenas de metros. Após horas de buscas avistei uma pequena trilha que parecia terminar em algo como uma gruta - um bom lugar para passar a noite.

A luz da manhã se espalhava emprestando a toda aquela imensidão um brilho espetacular que se estendia até o mar. Eu dormira muito bem, sentia-me completo e revigorado. Há bem da verdade, não sentia necessidade de nada, não queria partir! Assim que me pus a caminho, senti algo como se alguém tocasse meu ombro - era uma sensação ancestral e reconfortante, algo como um chamado.

Virei-me de repente e me deparei com uma visão incrível - aquilo não era uma gruta, mas sim a parte inferior da rocha que eu vira nos meus sonhos.

Uma grande esfera de cerca de cinco metros de diâmetro, cortada ao meio e com sua parte chata

voltada para cima em meio à grama. Na verdade se parecia com uma lápide.

Incrédulo diante daquela materialização física de meus sonhos eu queria toca-la. Fui subindo e me acercando daquela verdadeira escultura.

Quando toquei sua superfície, foi como tudo explodisse a minha volta, tudo se fundiu como numa redoma de prata, eu me sentia encapsulado. Tudo brilhava, girava, e um calor torpe envolvia-me numa sensação de calma. Eu flutuava suspenso no espaço eterno. Vi-me de novo em meu próprio sonho, parecia mesmo que jamais havia saído dali. Mais rápido ainda - tudo cessou!

Agora tinha certeza, que ali, naquela montanha mágica era o destino final de minha jornada. O chamado invisível do Guerreiro me trouxera até seu túmulo. Inundado de todo aquele poder, ajoelhei-me e orei. Ali eu ainda retornaria muitas e muitas vezes.



BOLO DE MILHO

Ingredientes

Rende: 1 bolo médio

1 lata de milho verde (escorrido)

3 ovos

½ xícara de óleo

1 copo (250ml) de leite

2 xícaras de açúcar

1 xícara de fubá

3 colheres (chá) de fermento em pó

1 xícara de farinha de trigo

Modo de preparo

Preparo: 10 mins / Cozimento: 40 mins / Pronto em: 50 mins

Preaqueça o forno a 200° C.

No liquidificador, bata o milho verde, os ovos, o óleo, o leite e o açúcar, até ficar bem homogêneo. Separadamente, peneire o fubá, o fermento e a farinha. Adicione a mistura líquida e mexa bem para incorporar.

Leve para assar em uma forma untada e polvilhada por aproximadamente 40 minutos.

Fonte: <http://allrecipes.com.br/>



SEJA HUMANO

POR RENATA IACOVINO

“Adote um animal de estimação fora do comum!”, “A adoção é um ato de amor para o animal e para você”, “Não compre animais... Adote um amigo. Vida não se compra”, “Ajude a ajudar, seja humano!”, “Amizade não tem preço. Não compre animais, adote.”

Estas frases fazem parte de algumas das campanhas de entidades que recolhem e abrigam animais.

Como acontece com praticamente todas elas, há muita dificuldade nos quesitos manutenção, doações (tanto dos abrigados quanto de alimentos, rações, produtos de higiene e limpeza, remédios e dinheiro) e reconhecimento daquilo que se faz sem almejar algo em troca.

Talvez aí esteja uma das maiores razões para a discriminação de entidades e pessoas que lidam com a causa animal: como não há nenhum outro interesse, a não ser a própria causa, a maioria dos seres humanos passa a não ver com bons olhos as atitudes que cercam essa legião.

Porque, afinal, nesse mundo inescrupuloso em que vivemos, como é possível agirmos sem nenhum outro interesse que não o fim em si? Inconcebível imaginar....

Por isto, quem sabe, tantos desafetos? É... e aí a causa torna-se mais nobre ainda.

Voluntários que abdicam de suas vidas para defender um interesse maior - e que é, no fim, de todos nós, não apenas dos irracionais - sofrem duplamente: pelo preconceito de outros que não conseguem compreender a extensão e a complexidade desse ato, e pela dor do próprio animal.

A impotência e os limites que se impõem em algumas situações são verdadeiras provas de fogo.

Aí está o real sacrifício humano, sem simbolismos, porque diante de tanta injustiça, falta de apoio por parte de quem poderia oferecê-lo, e exaustão física e psicológica, esses anjos continuam sua missão.

Se Deus existe certamente condena atitudes que afrontem os animais. Mesmo assim, muitos racionais que acreditam ser superiores, acham que os irracionais estão excluídos desse universo.

A razão, infelizmente, vira-se contra nós, pois apenas com os óculos que ela nos oferece não é possível enxergar o que vai além.

Humildade, solidariedade, companheirismo, desprendimento e altruísmo são bens que muitos de nós não possuímos.

Em tempos de egoísmo e narcisismo, perdemos a noção do que é bom e do que é mau.

A convivência com os animais nos dá esse parâmetro, essa maturidade, devolve-nos a nossa essência.



Imagens by Patricia Valenti

As fotos foram tiradas no Zoo do Bronks, em New York



PRESENTE PARA REBECA

POR JANIA SOUZA

Rebeca, Rebeca!
Quão bela boneca tu és!
Teu meigo sorriso exala perfume de lírio
e purifica as duras rachaduras
da seca terra dos homens sem Deus.

Rebeca, Rebeca!
Tudo passa na vida
dores
alegrias
sofrimentos
mas a sede da existência clama aos desalentados
e envia um raio de sol nas asas do Anjo da Guarda
barco da esperança
na transposição das trevas à luz.

Rebeca, Rebeca!
Enxugues as lágrimas
deixes essa luz vestir teu semblante de princesa
pois vales mais que mil camelos
por seres abençoada Filha de Deus!

Na terra dos homens
Ó doce Rebeca
Apenas a palavra é eterna.



O PARDAL SEM RABO

POR ROBERTO ARMORIZZI

Minha casa ficava em São Bernardo, um lugar bem afastado da civilização, mas eu gostava muito de lá.

Nossa escola era pública, aliás a única que existia por ali. Naquele tempo sobravam vagas, e as crianças nunca ficavam sem estudar.

Eu era um menino, desses que se podia classificar como “levado”, talvez porque fosse bastante sonhador e, por isso, sempre estava inventando as mais diferentes brincadeiras.

Eu tinha um amigo que morava no outro quarteirão. Ele se chamava Juquinha. Este era de verdade, mas havia outros invisíveis, os quais não tinham nome, pois eu considerava que eles simplesmente eram.

Todo dia minha mãe me acordava bem cedo para ir à escola, e quando voltava da mesma, eu almoçava e ia correndo brincar.

De tardinha, quase à noite, meu pai chegava do trabalho e me chamava para estudar. Eu não gostava muito, pois era hora de parar com minhas brincadeiras.

Numa dessas tardes de folguedo, eu estava brincando no quintal quando reparei que um pardal estava em seu ninho, no telhado da casa, mas com o rabo para o lado de fora. Eu, como era um garoto peralta, quis logo arranjar um jeito de capturar aquele passarinho. Para isso, peguei bem depressa uma escada e escalei a mesma até alcançar as penas da exposta cauda. Quando logrei êxito neste intento, puxei para fora do ninho aquela assustada avezinha que, desesperadamente, começava a bater as asas, na tentativa de escapar daquela desfavorável situação. Todo o esforço despendido fez com que as penas se



soltassem, ficando as mesmas em minha mão. Neste momento, fiquei frustrado em meu intuito de caça ao ver aquele serzinho alado, a fim de aliviar um pouco seu cansaço, pousar por uns instantes sobre o muro, olhar para mim e, logo em seguida, alçar voo, desaparecendo no meio da mata.

Durante muito tempo aquele simpático pardalzinho sem rabo apareceu por lá pousando sobre os galhos e entre as folhas das árvores, mas tratou de transferir seu ninho para outro local mais seguro.

Hoje, mais de cinquenta anos depois, ainda existe em minha mente a lembrança daquela romântica figura. E, numa bonita manhã de sol, perguntei a mim mesmo:

- Onde será que anda o tal pardalzinho sem rabo?

E num repente, olhei pela janela e vi pousado num dos galhos da árvore em frente um belo passarinho sem rabo. E era um pardal!

Bastante surpreso, exclamei:

- Faz muito tempo, não pode ser ele!

Mas na verdade, lá estava. Olhou para mim, soltou um piado característico e voou, desaparecendo em meio aos prédios do bairro.

Meus olhos ficaram tristes com saudade de um tempo em que pássaros logravam voar livremente pelos bosques, onde um dos poucos perigos que podiam encontrar era algum menino travesso a tirar as penas de sua cauda.



O BANHO

POR VERA DE SOUZA OLIVEIRA

Corria sereno sobre as pedras que refletiam o ouro do sol. Arrepiou-se de prazer e malícia, quando os seios túrgidos e morenos mergulharam na água gelada do fosso. Encapelou-se quando a brisa fria arrepiou a pele salpicada de pingos d'água que brilhavam. Aplacou-se quando o corpo gelado fugiu para as margens de areias ásperas, cujas pedrinhas resplandeciam as cores do arco-íris e secou, morrendo de amores, quando pequenos pés se afastaram, levando para longe tanta beleza.



O CATADOR DE PAPEL E SEU FIEL ESCUDEIRO

POR TOTONHA LOBO

Continuo encontrando o catador de papelão puxando seu carrinho, na Rua JV da Cunha e Silva, quando entro em Assis ou de lá saio. Os horários são variados assim como a altura do papelão no carrinho. O carrinho anda mais cheio do que vazio e vou explicar porque cheguei a essa conclusão.

As placas de papelão são colocadas uma sobre a outra e vão formando andares como num prédio com elevador. Conforme se avolumam as placas no carrinho, o cachorro preto, amigo que acompanha o catador de papelão, vai se deixando enxergar. Muitas das vezes quando o encontro, enxergo apenas a cabeça do cão. Em outras vezes, já chego a ver a cabeça e o pescoço por inteiro. Ainda tem a pose de peitoril, pescoço ereto e cabeça virando como uma sentinela aten-

ta. E quando o carrinho está em sua carga total, lá está o fiel escudeiro de corpo inteiro, como um equilibrista bem treinado, andando de um lado para outro com total controle da área e altura do espaço onde se encontra. Serve ainda o cachorro de peso para os papelões, às vezes em excesso, não caírem e se espalharem pelas ruas.

Não sei onde essa dupla de velhos amigos mora. Nem quero que aqueles papelões sirvam a eles ou a outras pessoas como cama, nas noites quentes ou fria da cidade, por falta de uma casa ou lar. Encanto-me com que vejo: dois amigos que apesar das diferenças de espécies se entendem, trabalham, se ajudam mutuamente e se fazem companhia.

Quando o carrinho está quase cheio, com catador de papelão meio arriado pelo peso e o fiel escudeiro encima todo galardão, penso o quanto temos de admirá-los e agradecê-los pela ajuda na preservação do meio ambiente para as próximas gerações.

Eu agradeço pelos meus descendentes. Com sua licença leitor, agradeço por você também.



CHEGO AOS SETENTA

**POR CERES MARYLISE
REBOUÇAS**

O tempo nunca é generoso: sempre marca na pele e nas entranhas guardando o eco dos prantos e dos risos transbordados que para mim já não têm sabor de derrota ou de vitória.

Minhas histórias, estas nunca se apagarão porque estão gravadas no coração e suas cores nunca poderão ser mudadas.

Minha memória baila desenhando lembranças, mas chora quando as esculpe naquele abraço forte que sempre me fez falta.

Ando entre o mergulho e o voo, entre a incerteza e o medo da certeza.

A essa altura da vida desejo muito pouco: amar a todos e poder abraçá-los em todas as geografias, em todas as raças e em todos os idiomas.



Imagem by JB

AMOR VERDADEIRO SEGUNDO CANTARES

POR CLÉA PAIXÃO

Deus é romântico! E nos ensina que o amor verdadeiro sabe ESPERAR. O amor verdadeiro é EXCLUSIVO.

O livro da Bíblia conhecido como “Cântico dos Cânticos” ou Cantares descreve o amor romântico desde seu início e passando pelos altos e baixos do namoro, noivado, lua-de-mel e cotidiano do casamento.

Inclui dois refrãos que revelam as características do verdadeiro amor, e que se repetem em vários momentos do livro:

1. “Não acordeis nem desperteis o amor, até que este o queira.”
2. “O meu amado é meu, e eu sou dele; ele pastoreia entre os lírios.”

**O princípio não pode ser mais claro no plano perfeito de Deus :
Eu não sou meu, eu pertença ao outro!**

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu... tudo fez Deus formoso no seu devido tempo, afirma o livro de Eclesiastes. Como aplicar esse princípio do amor que espera?

As frases são repetidas em momentos de intensa paixão entre a noiva e o noivo, ela exorta suas amigas sobre a natureza do verdadeiro amor. O amor verdadeiro sabe esperar, e por isso, pode desfrutar ao máximo as delícias que Deus sempre tencionou para o casal. Amor verdadeiro não é precipitado, precoce, adiantado ou impaciente. Não precisa manipular as circunstâncias para “ganhar” o amor. Não precisa seduzir para



chamar atenção para si mesmo. Não precisa “se entregar” com medo de perder o amado.

Alguns religiosos ou não acham que Deus fica vermelho ou gagueja quando toca em assuntos românticos. E que Cantares narra o amor entre Deus e a igreja ou entre Deus e Israel, seu povo escolhido. Nada mais distante da verdade! Deus não somente fala sobre a paixão romântica, como também foi Ele quem a criou e abençoou. Não é estranho que Ele dedicou um livro inteiro da Bíblia sobre o assunto.

Nada mais normal do que uma palavra divina sobre o mais importante dos relacionamentos humanos: AMOR. Deus se interessa no desenvolvimento do amor matrimonial, inclusive o “namoro”, as núpcias, a lua-de-mel e o cotidiano da vida a dois. Deus fala, sim, sobre amor e paixão, e não gagueja!

A mensagem do livro deixa claro: Deus criou e abençoou o amor verdadeiro entre um homem e uma mulher.

Por que alguns apressam o amor? Lembrem-se de que provavelmente existe alguém neste mundo com somente seu nome escrito na tábua do seu coração.



QUIMERA II

Por José Carlos Paiva Bruno

Ah quem me dera; encontrar perdido,
Conversar a Lua; seduzi-la nua...
Ah quem me dera, tido em fantasia,
Converter a rua, terminar a surra...

Quem me dera; tempo deste ou daquela...
Beijar a nata, batom na gravata...
Quem me dera... Escrever a carta,
Ganhar de mim, bilhar do Jobim.

Viva esfera. Gira Ela; sorte assim,
Ontem é uma linha já escrita.
Beleza aflita em amor de fita,
Agora alpendre seresta, porta de festa.

Reverência ginga do bom malandro,
Canapé cigano, sapo na festa do Céu...
Glamour de rainha; descortina vinha,
Encontro mudo, do beijo tudo...

Clareia surdo, anúncio da bateria,
Musa minha, soando tarol da vertigem,
Cuíca sorrindo, todo segundo evolução...
Pandeiro vibrante concentração.

Almas de casal, coisa e tal...
Mestre-sala e Porta-bandeira, estandarte emoção,
Samba decote da sorte, matando a morte,
Vera de luz, câmera, ação...

MORTE NA CATEDRAL

POR JOSÉ HILTON ROSA

É cedo! Chega para rezar
Orando os surdos
Sempre querendo pecar
Um corpo caído sem dó

De mãos juntas
Olhos fechados para o chão
Joelhos na penitencia
Pedindo o perdão

Sem entender os deuses
Sem ninguém para falar
Com medo do silencio
De novo volta a pecar

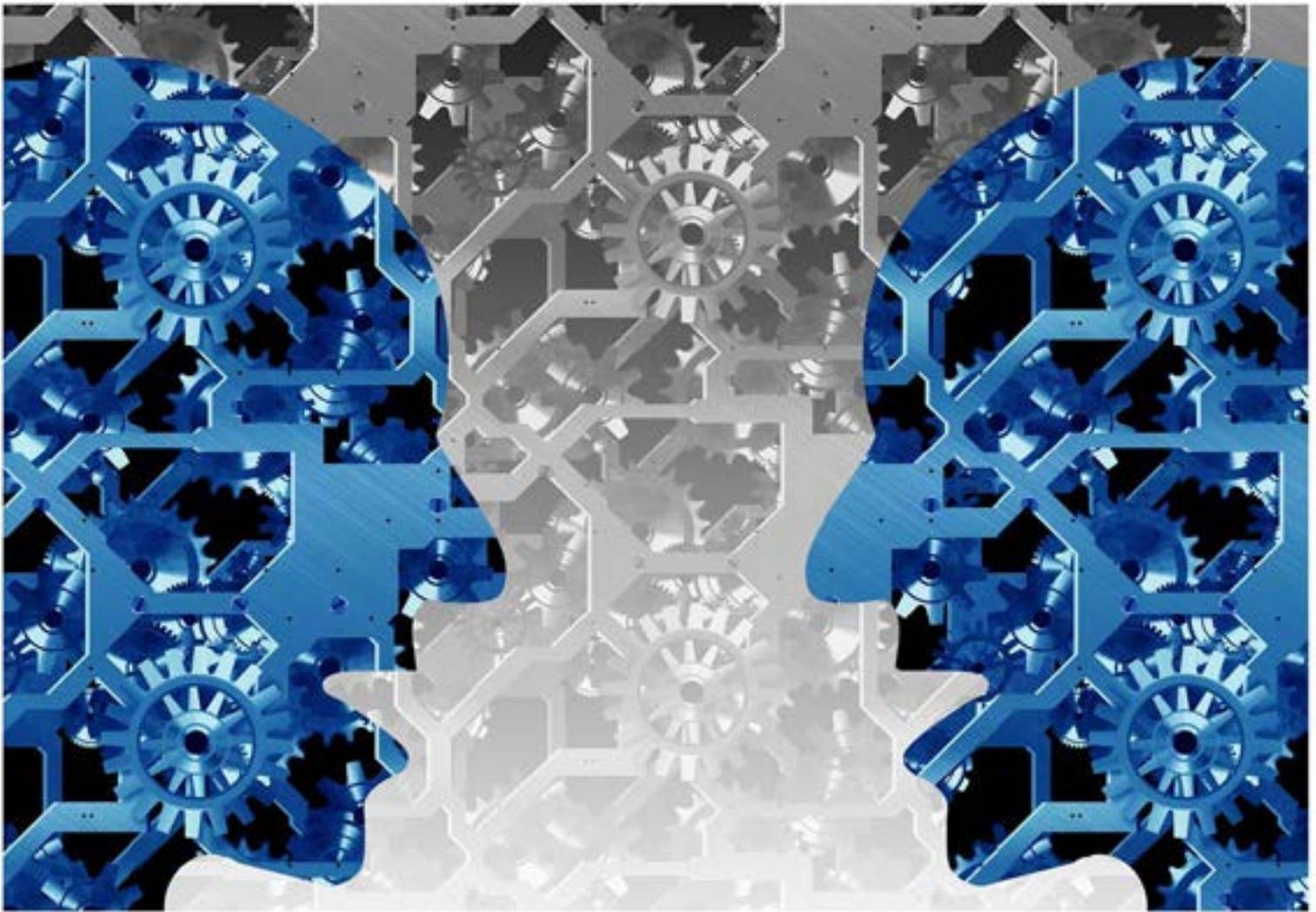
O santo na parede
O corpo no chão
Com o sangue ainda vivo
Sem nada na mão

Onde anda o padre?
Rezando um terço?
Ninguém para contar a história
Pensando no abraço e no beijo na mão

A imagem que viu
Depois de recordar
Foi o corpo
Que ajudara enterrar

Depois descobrira
Que aquele corpo
Estava ali
Para se canonizar

Séculos passaram
O espírito voltou
Pedi para junto dele ficar
Agora para ele rezar.



DÍALOGOS

Por Kleber Nunes

As vozes não cessam
É impossível impedi-las
Dizem sim
Dizem não

Não se calam
E não há como ignora-las
Dizem vai
Dizem fica

O diálogo continua
Ininterruptamente
A alma questionando a vida
E a vida justificando



CHEGOU O DIA DE MAIS UM ADEUS...

POR ELISA ALDERANI

O ditado que diz que: “Tudo tem a hora certa” foi para mim confirmado esta semana.

Depois de uma longa espera de quase dois meses para receber o documento de transferência do carro, em poucos dias consegui vendê-lo. Tudo aconteceu muito rápido: um amigo foi o porta-voz de meu desejo de venda e conversando com outro colega, ele logo entrou logo em contato comigo.

Assim com o documento pronto e o amigo gostando de meu carro, o negócio saiu rapidamente.

Hoje de manhã desci no pátio do prédio, olhei para o carro, e procurei a melhor posição para fazer uma foto dele para lembrança... Iniciei o trabalho procurando o melhor lado, recordando todas minhas emoções vividas dentro dele. Des-

de o primeiro dia que o comprei e entrei nele, passaram-se vinte anos! Muitos? Nem percebi, pois foram tantas coisas de que sempre me ocupei neste tempo, mas agora chegou o momento das medidas certas e de ficar mais calma, sem estresse.

O trânsito ficou muito caótico e indisciplinado.

Senti que era hora certa de parar de dirigir.

Quantas caronas dadas às amigas, aos doentes, até a alguns padres para levar conforto e unção, ou velórios; levei com ele a Sagrada Comunhão às pessoas camadas; levou-me a reuniões a saraus poéticos, festas de aniversários e médicos... Quantas vezes ele me ouviu falar sozinha; às vezes chorar, ou rir. Senti minhas emoções?

Alegrias e tristezas misturaram-se nesta manhã de lembranças. Mas, como sempre assumo as minhas decisões. Ao final resolvi tirar quatro fotografias dele. Calmamente sentei, dei partida; conferi se não havia esquecido alguma coisa no porta-luvas, sai e tranquei a porta novamente e voltei para o apartamento. Confesso que nem me olhei no espelho para ver minha expressão, talvez um pouco triste.

Mais tarde, chegou a hora do cartório, assinaturas e burocracias com meu filho, meu anjo da guarda vigilante, e discreto amigo.

Com extrema gentileza trouxe o comprador até minha morada para a entrega definitiva! Seguiu um aperto de mão, um aperto no coração e última olhada de despedida. Com decisão apertei a tecla do controle remoto do portão eletrônico olhando-o ao sair devagarzinho...

Adeus meu carro amigo “ESCORTE HOBBE”, obrigada pela companhia e pelo serviço prestado durante todo este tempo, você foi o fiel companheiro de vinte anos de minha vida.



ONTEM E HOJE

A DIFERENÇA MARCA

PRESENÇA ...

POR ELOISA ANTUNES MACIEL

Ontem- menina serelepe, saltitante e feliz, segurava as mãos dos pais, gesto que lhe causava uma dupla satisfação, por carrear um também duplo sentido de proteção: segurança e afetividade...

Já adentrando a juventude, desde o final da adolescência, a afetividade dominava o gesto: segurava a mão do parzinho afetivo - ou este segurava a sua mãozinha... E assim seu “andar de mãozinha” superava o duplo prazer da fase infantil.

E também assim se manteve até o advento da adultez jovem.

Sucedeu-se a fase seguinte – que assinalava o advento da adultez média, marcada por compromissos como formaturas e outras solenidades que comportavam “dar o braço” em menção de apoio formal, sendo que os casamentos constituíam a maioria dessas solenidades.

Geralmente era convidada para o papel madrinha, e assim essa fase parecia ser a mais extensa até que lhe surgiu o chamado “par perfeito”... Estilo formal e conservador, somente dispensava o “andar de braço” em situações reconhecidamente informais, como um piquenique entre suas famílias. Por aí. (E daí o compromisso firmado com garbo, para o qual subira airosoamente a longa escadaria da charmosa Catedral Metropolitana da Capital do Estado em que residia)...

E essa fase, embora com variantes, ou residuais da fase anterior, perdurou por longo tempo, ou seja, enquanto o seu marido viveu...

Uma vez viúva, seus passeios “de braço” guardavam características peculiares, conforme o (a) acompanhante ou acompanhado (a): um sobrinho ou sobrinha afoito (a) ou apressado(a), uma parenta com dificuldade de locomoção, um(a) doente a quem socorria, ou uma “dama do passado” que primava pela formalidade em seus passeios... Enfim, sempre era ela, a viúva solidária, que amparava solícita as pessoas que nela se apoiavam em seus andares e determinadas jornadas providenciais...

E essa fase encerrou-se em período de tempo bastante inferior ao das fases anteriores: a “viúva solidária”, sofrendo de limitações gerais de saúde, teve, conseqüentemente, seus movimentos limitados e, por conseguinte, seus deslocamentos prejudicados...

Nessa fase, a mais longa de todas (as anteriores), não teve o benefício do “amparo solitário”, ou seja, o braço de alguém que - desinteressada e solidariamente – a amparasse...

Esse amparo já estava sendo “terceirizado”...

E a menininha de ONTEM, que crescera e amadurecera oferecendo o seu braço ao amparo amoroso e/ ou solidário, HOJE depende do “braço mercenário” de uma acompanhante/cuidadora...E o auge dessa sua atual situação se deu em crucial ocasião em que penosamente se apoiava no braço da acompanhante para acessar uma clínica localizada ao topo de uma escadaria muito semelhante à da Catedral em que se casara – e que, embora esta fosse significativamente menos longa,- evocava o escrachante contraste com a longa escadaria que acessara no dia feliz do seu casamento...

No entanto, ainda que houvesse tentado emitir um “gesto de desabafo” ao pressionar levemente o braço da acompanhante - e balbuciar um som quase inaudível- esta simplesmente fingiu não haver percebido o seu gesto. E praticamente a “arrastava” degraus acima...

Decepcionada – mas resignada –, a ex noiva feliz conjecturava sobre as diferentes situações:

ONTE X HOJE.... Quanta diferença...

A GRANDE FRAQUEZA HUMANA

Por Lenival de Andrade

Entra ano e sai ano e nada muda
Continua a mesma coisa
Nada é feito
Pelos que verdadeiramente precisam
Prometem mundos e fundos
O possível e o impossível
Não fazem nada
Não passam de mentiras esfarrapadas
Conversa fiada
Tempo desperdiçado
Jogado fora

Algumas pessoas ridículas
Querem que sejamos sacos de pancadas
Até sorriem para ironizar
Quando você precisa e procura alguém
Que lhe prometeu isso e aquilo
Fazendo-se de bonzinho
Negam-lhe tudo

Está mais do que provado e comprovado
Nessa grande mentira social
E armada arapuca

Enquanto essa elite sem DEUS dominar,
Nunca ouvirão os humildes

O baiano Caetano Veloso citou que:
Enquanto os homens exercerem seus podres poderes
Irã prevalecer a corrupção maldita

Gilberto Gil completou e definiu
A raça humana como uma podridão

Zé Ramalho disse que mesmo sendo duro tanto ter
que caminhar

E dar muito mais do que receber
Sabe que é dando que se recebe
E é morrendo que se vive para a vida eterna

O Cearense Raimundo Fagner falou que:
Quem é rico mora na praia
Mais quem trabalha nem tem onde morar
Quem não chora dorme com fome
Mas quem tem nome joga prata no ar

O Paraibano Chico César
Mesmo com seu peito Catolaico
Definiu em uma de suas canções Catolé como praça
de guerra

E digo que a riqueza atrai amigos
Enquanto a pobreza os selecionará
E o tempo tudo dirá

Novamente Zé Ramalho
Paraibano de Brejo do Cruz
Disse não saber nada do que queria saber

O mineiro rei da MPB Roberto Carlos citou que:
Quem sabe menos das coisas
Sabe muito mais que ele

E eu reconheço que:
Quanto mais estudo e aprendo
Mais não sei de nada
E sempre teremos algo mais a adquirir e a aprender
E digo mais:
Mesmo sendo taxado ridiculamente com calúnias e
difamações
Não me troco por certos
Que se dizem os sabichões
E como diria o Doutor da Matemática Lenimar
Nunes de Andrade:
Na verdade, não sabem nem dez por cento do que
dizem saber

DEUS tudo pode
Tudo espera
E tudo contempla
Só sei que nada sei

O cantor Léo Jaime nos anos 80
Foi muito feliz quando disse:
Que os melhores momentos da vida não são
manchetes do jornal
Completo dizendo que deveriam ser
E que nada mudou

Vindo do exterior,
Ritchie se deu bem no Brasil
E preferiu a menina veneno
Ou a mulher invisível

Enquanto Erasmo Carlos falou que:
Mesmo a mulher sendo considerado o sexo frágil
E mesmo sendo forte não chega aos seus pés

O saudoso Tim Maia
Pedi motivos para ir embora

E o Rei do Baião e Artista do Nordeste Luiz Gonzaga
Disse em uma de suas canções que:
Quem é rico anda em burrico
E quem é pobre anda a pé

Às vezes
A começar por mim
Seja sentado
Em pé, ou deitado
Na rede ou na cama
Quero e estou falando
Dessa enorme fraqueza Humana

O TESOURO

POR LY SABAS

Estava sentada no chão, pernas cruzadas em uma posição nada confortável para sua artrose, e tinha espalhado ao seu redor diversas caixas que tirara do armário. Em duas delas guardava seu tesouro. Sua memória fotográfica. Procurava por uma foto onde estava registrada a sua raiz: a família de sua mãe. Lembrou-se, de repente, que a mesma estava em um álbum que fora de uma tia e agora sua filha mais nova era a guardiã. Começou a recolocar os diversos álbuns, saldo de uma vida tão longa, nas caixas.

Desfolhava cada um examinando com carinho, passando os dedos nos rostos amados e derramando algumas lágrimas de saudade.

Trêmula de emoção encontrou um, cuja capa representava um campo com a grama azulada por uma enorme lua cheia e salpicado por várias flores. Fecha os olhos e apertando-o contra o peito, levanta-se com dificuldade. Flexiona as pernas respirando fundo e caminha até o sofá, estrategicamente posicionado embaixo da grande janela. Era ali que passava a maior parte de seus dias, relendo o passado.

Este álbum especial havia sido criado exatamente para isso. Para que fosse possível rever o passado, de forma cronológica e também, por que não, poética. Eram fotos de suas meninas, sempre juntas. Uma de cada ano.

Na primeira via-se uma garotinha, com um sorriso muito mais do que lindo, segurando ao colo toda orgulhosa, um bebê ainda carequinha. Nas outras, em diferentes posições, ora abraçadas ou simplesmente encostadas, transmitiam um amor genuíno que ia dos lábios até os olhos cor de mel.

Por essas preciosidades podia acompanhar o desenvolvimento de seus amores.

Observar os diversos tipos de cortes nos cabelos cacheados. Divertir-se com os penteados que

iam da tradicional maria chiquinha, passando pelos espetados do final dos anos oitenta até chegar ao longo displicente da adolescência, que se transformou no bagunçado arrumadinho da idade adulta. Relembrar os brinquedos favoritos e as cores preferidas na infância, que não diferiam muito das utilizadas na maturidade. E o estilo das roupas? Eram décadas de moda! Havia também os amiguinhos de quatro patas.

**Ah! Que saudade daqueles gatos...
Em outras fotos ficava latente o cuidado que tinham com os corpos bronzeados.**

Mas, em todas, se notava o jeitinho doce de uma e o dinâmico da outra.

Foi até a última foto, viajando nas recordações, beijou com carinho o barrigão que abrigava sua neta e sorriu feliz ao verificar que ainda havia alguns plásticos a serem preenchidos. Quem sabe, teria tempo de ver uma foto em que as rugas empanariam um pouco o brilho daqueles olhares confiantes?

Recosta a cabeça no sofá e, como faz há tantos anos, agradece ao céu a dádiva de tanto amor.



PÉS CANSADOS

POR MARCIA AGRAU

Pobres pés masculinos
contraídos
isolados
comprimidos.

Tolhidos em seus passos
dentro de lustrosos sapatos,
dentro de seus bicos tão chatos...
dentro desse aperto de vida!

Pobres pés masculinos
que, ao invés dos pés femininos
que tem direito 'a escolha,
um sapato fechado que recolha
e proteja nossos pés dessa lama
ou sandálias que aos pés não abrigam
mas que a estar presos também nunca obrigam,
quase descalços e soltos e livres,
quase despídos e folgados os pés...
(Nossos caminhos são fáceis de andar.
Mesmo nos saltos podemos ousar.)

Pobres pés masculinos cansados!
Passos contidos, eles são levados
nas corredeiras da vida, assim, imersos.

Lembro as gravatas a deter palavras.
Lembro as gravatas a conter os laços.
Penso os pés livres a correr, moleques,
sem as medidas e os salamaleques
a jogar bola de meia entre meus versos.



MÃE DA NOITE

**POR MARIA APARECIDA FELICORI
(VÓ FIA)**

A mãe da noite apareceu
E veio o lusco fusco
E em seguida escureceu
Foi devagar nada brusco.

Noite grande noite pequena
Não se sabe porque o céu fecha
Mas chega a lua tão amena
E as estrelas vêm de alguma brecha.

Com a alua e as estrelas
O céu vai clareando
A Mãe da Noite finge não vê-las
Parece que elas não estão chegando.

Abra os olhos Mãe Noturna
Que o tempo está passando
O dia vai chegar oportuno
O sol esconderá lua e a estrela... clareando.



MORTE

POR MARIA DE FÁTIMA JOAQUIM

Cavalga na opalina esfuziante
Vagueia no bulevar
Atiça cardume soberbo
Desperta na asa da alma.

Insana lança dispara
Rasga o chão sagra a fenda
Arde dilacera enlouquece
Entorpece a lucidez.

Jorra labaredas bêbadas
Tropeça em coríndon enfurecido
Abraça o silêncio da dor.

Lagostim assustado
Deixa a costeira em suspiro
Navega em lágrimas ácidas.



AMIGO PAPAGAIO OU AMIGO CACHORRO?

Por Rogério Araújo (Rofa)

Ninguém vive sem amigos. Muitos que são mais egoístas até podem tentar esconder a importância das pessoas em sua vida, mas logo perceberão que é impossível viver sem uma boa amizade.

O que não falta neste mundo é tudo qualquer tipo de amigos e podemos destacar dois que muito farão a diferença para bem e para o mal:

- Amigo papagaio – é aquele que fala pelos cotovelos. Não para um segundo com a língua, mas no fundo no fundo não ajuda muito não. Porque fala demais, mas ajuda de menos. Parece que o cérebro não acompanha as ações além da fala.

- Amigo cachorro – é aquele não no sentido pejorativo da palavra, mas no melhor dos sentidos, da amizade entre o homem e o cachorro, por exemplo. É o amigo que, em referência a este, está pronto para fazer a festa e também te apoiar quando está triste. Pode te impulsionar para frente e proteger quando alguém quer te fazer mal.

O famoso escritor e psicólogo Augusto Cury disse que “As crises não afastam os amigos, apenas os selecionam”. Não é quando estamos na melhor fase que percebemos os verdadeiros amigos, mas quando estamos na pior.

Deus em sua infinita bondade nos deu esses “anjos na terra” chamados amigos.

E você, quantos tem em quantidade e qualidade?

Percebeu a importância e diferença do amigo papagaio e do amigo cachorro?

DÁDIVAS DE DEUS

Por Rosa Izabel Spagnuolo

Meus pais me fizeram rosa, para florir e perfumar os dias de quem faz parte da minha vida. Sou poeta, mãe e avó e com alegria e prazer desejo compartilhar um pouco de mim. Tenho três filhos: Leandro, Lucinéia e Lucas. Bem assim nessa ordem.

Leandro e Lucinéia têm a mesma idade. Ambos nasceram no mesmo ano e não são gêmeos. Nasceu o primeiro e Deus permitiu que eu engravidasse logo a seguir.

Confio de coração que isso aconteceu para um ser companheiro do outro e os dois meus amigos, parceiros desde pequeninos.

Em outro momento entenderão que me refiro a determinado período de nossas vidas, ocasião que fomos morar bem distante de todos os nossos familiares e amigos por questão profissional. Anos depois, para completar nossa alegria chegou mais um pequerrucho, o Lucas. O caçula sortudo, pois ao nascer, foi privilegiado por ter os irmãos para brincar e ajudar a cuidar dele. E como cuidavam!

Cresceram crianças saudáveis, viveram uma meninice feliz, fizeram traquinagens como toda criança, mas devo registrar não perderam a infância, apesar de começarem a trabalhar muito cedo.

Estudaram, aliás, sempre foram ótimos alunos. Grande orgulho em minha vida. Tornaram - se adolescentes, adultos e se casaram.

Lucas, o caçula, esposou Michelle e fizera - me avó pela primeira vez contribuindo para vir ao mundo minha princesa e amada neta Sarah, hoje com três anos. Graciosa, esperta e feliz.

Acreditem: ser avó é tão emocionante quanto ser mãe! Com uma vantagem. Avó tem mais tempo para mimar os netos, embora a energia seja limitada.

Minha filha Lu e seu esposo Roni estão tranquilos em relação à maternidade. Vivem plena lua de mel. Fico um pouco saudosa pelo fato de morarem em outra cidade, mas nosso contato é diário e constante.

Dizem que ser avó é ser mãe duas vezes; portanto, em comemoração ao dia das Mães, resolvi homenagear com um magnífico presente: o de avó. Neste ano de 2016, serei avó novamente.

Recebi a notícia e, embora quisesse gritar ao mundo essa alegria, publicar e compartilhar com todos, me contive, pois, a primazia de divulgar tão sublime e maravilhosa notícia cabe primeiro aos pais.

Sinto- me agora, na condição de poder compartilhar que vem aí outra princesa: Helena.

Meus filhos, dádivas de Deus, e para completar essa alegria, as netas Sarah e Helena que me proporcionaram imensa gratidão.





NO LUGAR DO OUTRO

*“Grandes pensamentos se originam no coração”
(Luc de Clapier)*

POR SUZANA VILLAÇA

Fiquei posicionando minhas dúvidas nestes tempos de incerteza, lembrando tópicos vivenciados nas terapias a que me submeti e investigando os tropeços em minha vida, com um desejo sincero de encontrar saídas dignas de ser uma pessoa melhor.

Enquanto ia me despidendo de desculpas, transferências inúteis e excesso de autoconfiança, deixando cair máscaras e ilusões inconsequentes, acordei.

Nada mais é gratificante que ver minha imagem refletida no espelho das verdades sedimentadas ao longo da minha caminhada insólita e reveladora; tudo ia se encaixando em vertiginosa cadência e percebia minhas dificuldades sendo buriladas sem fantasias e assumindo contornos claros de falhas acumuladas sem o relógio das condições ou circunstâncias desconhecidas com as quais temos de lidar em nossa vida diária.

Fui familiarizando-me com tantos motivos para deixar vir à tona fatores desconhecidos que existem no mundo cuja retórica compromete nosso

comportamento e, na maioria das vezes, detona reações imprevisíveis e nos coloca em posição privilegiada para superar desafios.

Neste parâmetro singular, está nosso coração, fonte geradora das nossas mais poderosas vitórias, em que nada desvirtuará metas idealizadas para estar de bem com o mundo.

Foi assim que cheguei a conclusivas revelações de que, apesar de tudo, a maneira segura será sempre me colocar no lugar do outro, simplesmente porque vou dimensionando suas reações no mais amplo sentido da palavra, um exercício existencial de sabedoria indiscutível.

Nessa mudança de posição, vou minimizando decepções e resgatando a autoestima com naturalidade destituída de equivocadas interpretações para abrir diálogos e com isso minhas maiores pontuações sinceras serão abençoadas. Com base nessa reflexão, comecei a sair de meu mundo pequeno e marcado de egoísmo, voltando meu olhar às crises presentes hoje em toda nossa humanidade, e me fiz presente em diversos segmentos da nossa comunidade planetária, onde os valores estão sendo mobilizados por situações conflitantes e colocados à margem do bom senso sem a menor referência ética.

O lugar do outro é geralmente ignorado, pois as linhas do imediatismo, modismo e ambição estão demarcadas pelo poder de alcance do sucesso a qualquer preço, gerando comportamentos nada louváveis e cristalizando a violenta máxima do “salve-se quem puder”.

Senti que há uma incontrolável desvalorização dos nossos desejos de criar um *modus vivendi* capaz de nos tornar pessoas melhores e mais humanizadas pelo fato de estarmos cercados por regras defeituosas desses tempos de racional convicção de que a vida é resultado de um boicote às pretensões da sensibilidade, pois nós humanos constantemente nos comparamos aos outros quando não competimos com eles, o que talvez seja o motivo de tanto desamor e intolerância.

Mas, se compartilharmos as desventuras e venturas, vamos sair de nossa zona de conforto, ao nos colocarmos no lugar dos que partilham nossos valores, investindo nas experiências generosas e fraternas.

Lembro aqui que “O amor não é algo a ser compreendido; é algo a ser vivido” e começa a acontecer quando nos colocamos no lugar do outro e ouvimos o silêncio de nosso coração.

A ÚLTIMA HORTA DO CENTRO DE BLUMENAU

Por Urda Alice Klueger

Disseram-me que ele morreu com 88 anos – deve fazer, portanto uns 60 ou 70 anos que aquela horta existe, bem na esquina da Alameda com a rua Coronel Vidal Ramos, que antigamente se chamava rua Paraná. Faz duas semanas que ele morreu – chamava-se Arno Zendron, e eu o conhecia de vista desde criança. Pertencia a uma família longeva – é de estranhar que não tenha completado o século, como outros dos seus irmãos, mas há que se convir que 88 anos também é uma idade respeitável.

Seu Arno Zendron morou quase naquela esquina que citei acima por toda a sua vida – disse quase, porque ele morava um tanto fora da esquina – quem morava na esquina era a sua horta.

Faz uns 30 anos que comecei a prestar atenção naquela horta. Trinta anos atrás Blumenau crescia, sumiam as vacas de atrás das casas, novas gentes, novas caras e novos costumes vinham fazer ninho na nossa cidade. Apareceram os supermercados, com vidros resplandecentes e espelhos nos seus setores de horti-fruti-granjeiros; apareceram os frangos congelados e resfriados nos longos balcões de vidro, apareceu o leite “de pacote”. Paulatinamente, as hortas de Blumenau foram abandonadas; já não se criavam mais galinhas atrás das casas, venderam-se as vacas. O símbolo da resistência dos tempos antigos, em Blumenau, era a horta do seu Arno Zendron: no centro da cidade, em área nobre, que ia, aos poucos, sendo rodeado por edifícios de apartamentos, ela resistia, e tinha de tudo: a cebolinha, a salsa, as cenouras, a couve-flor, a alface, o aipim. Agora de cabeça não lembro bem das árvores, mas acho que há algumas bananeiras, um pé de pêssego, ralas árvores que não deveriam tirar o

sol das hortaliças. Galinhas também andavam por lá; eram poucas, mas de vez em quando as havia, bem como se o tempo não tivesse passado, bem como se ainda se vivesse nos tempos da colonização, antes que o mundo tomasse o ímpeto de transformação que acabou tomando.

Eu prestava a maior atenção naquela horta; sabia, o tempo todo, o que ela representava, e que ela era a última.

Faz poucos dias que soube que o seu Arno Zendron tinha viajado para outras plagas. Fui lá olhar a horta, então. Ela já está um pouco descuidada, com capim crescendo nos canteiros, bem como fica uma horta antes do seu último suspiro. Enquanto o seu Arno esteve doente, ela começou sua despedida. Penso que ninguém irá ressuscitá-la, que está irremediavelmente condenada à extinção, para dar lugar, daqui à pouco, a um outro qualquer edifício de apartamentos.

Chegou ao fim a última horta do centro de Blumenau. É como se tivesse acabado uma antiga resistência. É muito triste.



Imagem by Espaço Casa

A ESCOLA REINVENTADA E O DIREITO À EDUCAÇÃO

Por Aldo Moraes

A realização da Semana de Ação Mundial pelo direito a educação 2016 com promoção da Unesco e Unicef nos faz refletir sobre a escola que se nega a ser uma experiência inteligente e inovadora para as crianças do Brasil, mas que insiste em dar bônus e prestígio através de testes racionais que atendem apenas ao momento da prova.

Ambiente da diversidade, ainda mais num país miscigenado como o Brasil, a escola deveria dar crédito e condições para que floresçam experiências voltadas ao embate intelectual, à tolerância, ao conhecimento do outro e, sobretudo à vivência do saber.

A geração do celular e do iphone não descobriu a escola como terreno fértil para o experimento científico, a criação ou a transmissora de um legado pacificador que poderia ser ampliado com os recursos da tecnologia.

Se os espaços físicos são deprimentes e nada estimuladores na maioria das escolas públicas brasileiras, por que o fator humano não pesa a favor da escola?

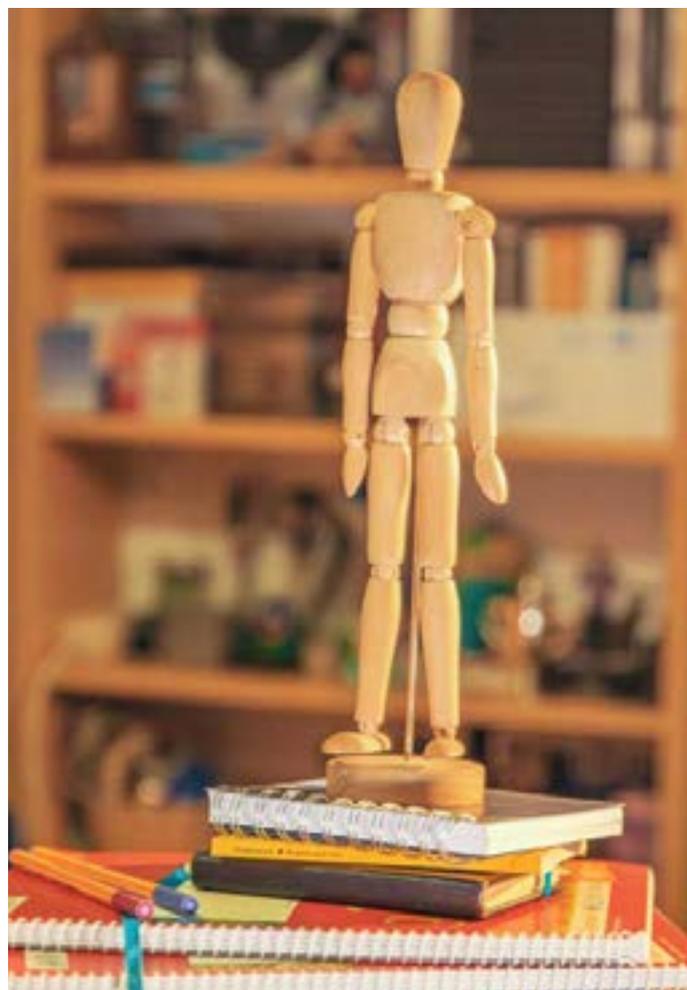
Esta possui um cronograma anual, uma grade, equipe pedagógica, professores e supervisores.

Ainda assim, a educação não avança e os alunos a sentem como um peso que tem data para acabar. Por outro lado, a juventude atual se rebela a todo momento, é dispersa e não contempla a análise do passado.

Vive num presente contínuo, como argumenta a psicologia contemporânea.

E é claro: os professores se encontram num beco sem saída, atormentados e pressionados com o cenário atual. Mas talvez por isto mesmo, as soluções devam ser inovadoras e em conexão com o cotidiano da geração desta época, sem esquecer de fazer um “link” com a história e o passado que nos fez chegar até aqui. Mas não pode viver de pedagogias ultrapassadas.

A escola do futuro que queira sobreviver como espaço da inteligência e integração humana precisa ser repensada. E se reinventar!



BANCO DE PRAÇA

POR ANCHIETA ANUNES

Era eu que estava sentado naquele banco de praça, lembra? Já era a boquinha da noite e uma brisa suave e preguiçosa embaraçava meus cabelos brancos. Eles brincavam no topo de minha cabeça como galhos secos empurrados pelo vento do verão.

Sentado naquele casqueiro de madeira na praça da cidade, eu olhava à minha frente a esquina do mundo. Um prédio de cinco andares em formato de cunha, com o vértice apontando na direção de meu nariz, começou a acender seus olhos noturnos, brilhando na noite que, devagarzinho ia chegando para assustar as crianças, para acolher os desocupados, para encher de sombras as praças, as ruas, os cantos escondidos. Mais um dia que se ia, nos deixando mais velhos, mais sábios, mais cautelosos e lentos.

Naquela esquina passavam gentes de todos os credos, raças, idiomas, tendências e desejos. Po-

dia-se notar o caminhar das desigualdades, as esperanças embaralhadas nos desvios das paixões, a quebra do protocolo, as pernas trôpegas da indecisão.

Naquela esquina, o semáforo abre passagem para o progresso, em detrimento do sossego, quando vem abafar as conversas sem compromisso, romper o silêncio provocado pelo arrastar das chinelas no pátio da Igreja. Os antigos não querem progresso, não querem barulho de teclas, assobios de celulares, endereços eletrônicos. Querem somente uma coisa de nome bem curto: paz. Somente, nada mais.

Eu quero aos pouquinhos, ir me enrodilhando em torno de mim mesmo, apagando minha voz, escurecendo minha figura magra até desaparecer aos olhos alheios. Quero roncar meu sono, babar meu descaso, sonhar bravatas épicas e acordar para o novo dia, antigo como antigamente, como o móvel velho da casa vetusta da qual faço parte, não como objeto, mas sim como avô amável.

Quero novamente a serenidade de antigamente para viver um dia de cada vez. Para que pressa, se temos toda a eternidade para desfrutar da sabedoria acumulada durante os pingos dos dias que já não voltam?

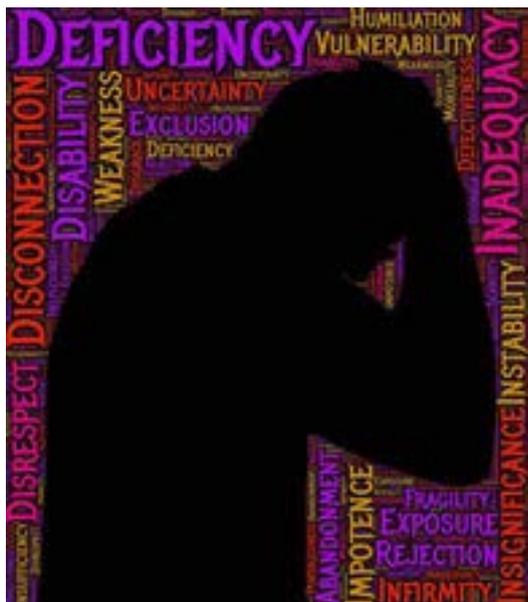


EMPATIA E APATIA: COMO SOBREVIVER NESTE MUNDO?

Por Jacqueline Aisenman

Ando sinceramente incomodada com a situação no Brasil e no mundo em geral. Do Brasil, particularmente com a situação política, claro, mas também com situações que envolvem outras questões que me afligem bastante porque sim, sou brasileira de nascimento e coração apesar da distância física existente.

Pensei que já estivesse de certa maneira habituada a saber de casos difíceis, coisas que sempre me dão uma vontade enorme de vestir uma roupa, ir para a rua e gritar, fazer qualquer negócio, mas não deixar passar em branco. Daí vieram as histórias daquelas moças no Piauí e no Rio de Janeiro que foram brutalmente estupradas e onde vi o quanto as pessoas ainda julgam (e condenam) as mulheres por suas atitudes e roupas, minimizando os atos vis cometidos contra elas.



Fiquei dias me sentindo mal, naquele espaço onde tudo o que somos é nada, onde tudo que fazemos é inércia, onde tudo que falamos não passa de “textão”, textinho ou comentário que se

ignora. Comecei a perceber, juntando os pontos de lá e cá, a insignificância que a emoção sentida pela gente tem diante de uma sociedade que majoritariamente não se sente nem um pouco responsável pela violência social, moral, física e ideológica que atinge todo o país. Percebi que há pessoas que estão encarceradas em seus (pre) conceitos não confessados e ainda se encolhem dentro de um orgulho malsão.

Foram passando os dias e casos e casos foram surgindo e inundando as virtuais leituras doloridas e melancólicas. Mas continuei.

Foi quando li um depoimento de uma jovem senhora, moradora de rua em São Paulo, que de repente um sino tocou dentro da minha cabeça e acabou por bagunçar tudo, me dando vontade de desaparecer (literalmente) da vida social que me rodeia, fosse ela real ou virtual. A empatia que me é natural sentir por indivíduos que nem conheço, veio com força total, porque me fez pensar em mais fatos que já acompanhei anteriormente e dos quais sequer ainda me recuperei. A gota d'água chegara ao meu pote!

A moça em questão contava em seu relato, ser uma advogada de profissão que, tendo trabalhado para um grande escritório de advocacia, perdera o emprego após ter descoberto segredos e falcaturas de seus chefes, o que a fez, honestamente, denunciá-los à justiça. Conta ela que depois deste acontecimento, não só perdeu o emprego, mas nunca mais conseguiu encontrar outro, tão grande a barreira que construíram para separá-la da sua profissão.

Amigos, colegas e familiares ficaram contra ela, se afastaram, negaram qualquer apoio. Resultado de tudo isto: ela hoje é uma moradora de rua que, sentada numa calçada, exhibe um papelão onde lê-se “Faxina R\$ 60,00”.

E pasmem: a advogada conta ser mais simples ganhar esmola ali sentada do que receber um sim à sua proposta para faxina!

Não, não foi o preconceito que me levou ao choque. O que me levou ao choque foi ver mais uma



vez a desonestidade vencendo. Uma vez mais os maus-caracteres sendo a escória que costumam ser e ainda assim, vencendo. E também, me fez pensar nas quantas histórias similares a esta não levaram outras pessoas a ter que viver nas ruas, a ser internadas em hospitais psiquiátricos, empriionadas injustamente e até eliminadas.

A ponta do iceberg da desonestidade é gigantesca, agora imaginar sua dimensão total.... Isto eu sinceramente nem consigo, pois não cabe em mim tamanho mal!

Viver honestamente, com honradez e decência, está ficando não só difícil, mas até mesmo perigoso. A impressão que dá é que estamos vivendo dentro de um daqueles livros ou filmes de suspense, onde os complôs são tão intensos, obscuros e intrincados que ficamos inertes esperando a próxima reviravolta sem saber que ação podemos tomar sem que sejamos, nós também, comprometidos no esquema.

E, pior de tudo, sem nunca saber quem são os verdadeiros vilões...

Como continuar sendo humano sabendo que um menino que lava louças morre apanhando do próprio pai pela suspeita de ser gay? Que mu-

lheres precisam confessar suas intimidades publicamente para que as autoridades tomem (Talvez!) conhecimento das agressões e abusos dos quais são vítimas frequentemente? Não, não vou continuar esta lista que seria imensa (e atroz) porque o mal que sinto é cada vez maior.

Gosto de pensar que ainda faço parte dos “mocinhos” desta história toda. Mas mesmo dentro deste pensamento, me questiono: até onde o silêncio é voz e o conforto do meu lar pode ser minha plataforma de luta?

Fico sem palavras, sem ar, sem vontades. Apática, diante da empatia sentida pela dor de pessoas que não conheço, mas das quais sinto na alma o sofrimento. Então, quando começam a secar algumas das lágrimas, ou mesmo usando-as como tinta, escrevo. Ou silencio de vez. Questão legítima de sobrevivência para a qual ainda não encontrei resposta.





O AMOR

Por Marilu F Queiroz

Ah! O amor...
Constrói vidas em torno dele.
Se manifesta, se impõe,
sem barreiras ou exigências.
Só retribui sem cobrança
o que temos para trocar.

Se ao mesmo tempo
podemos construir alicerces,
também movemos barreiras.
Levantamos vidas opacas...
Oprimidas pelo sofrer
de estar só sem amar.

Ah! o amor...
Só ele é capaz de fazer redimir
a obscuridade alheia.
Erguer da solidão e tristeza,
as cores alegres e alvissareiras,
para sermos plenos e felizes de novo!

FIM DE TARDE

PORMARLENE B. CERVIGLIERI

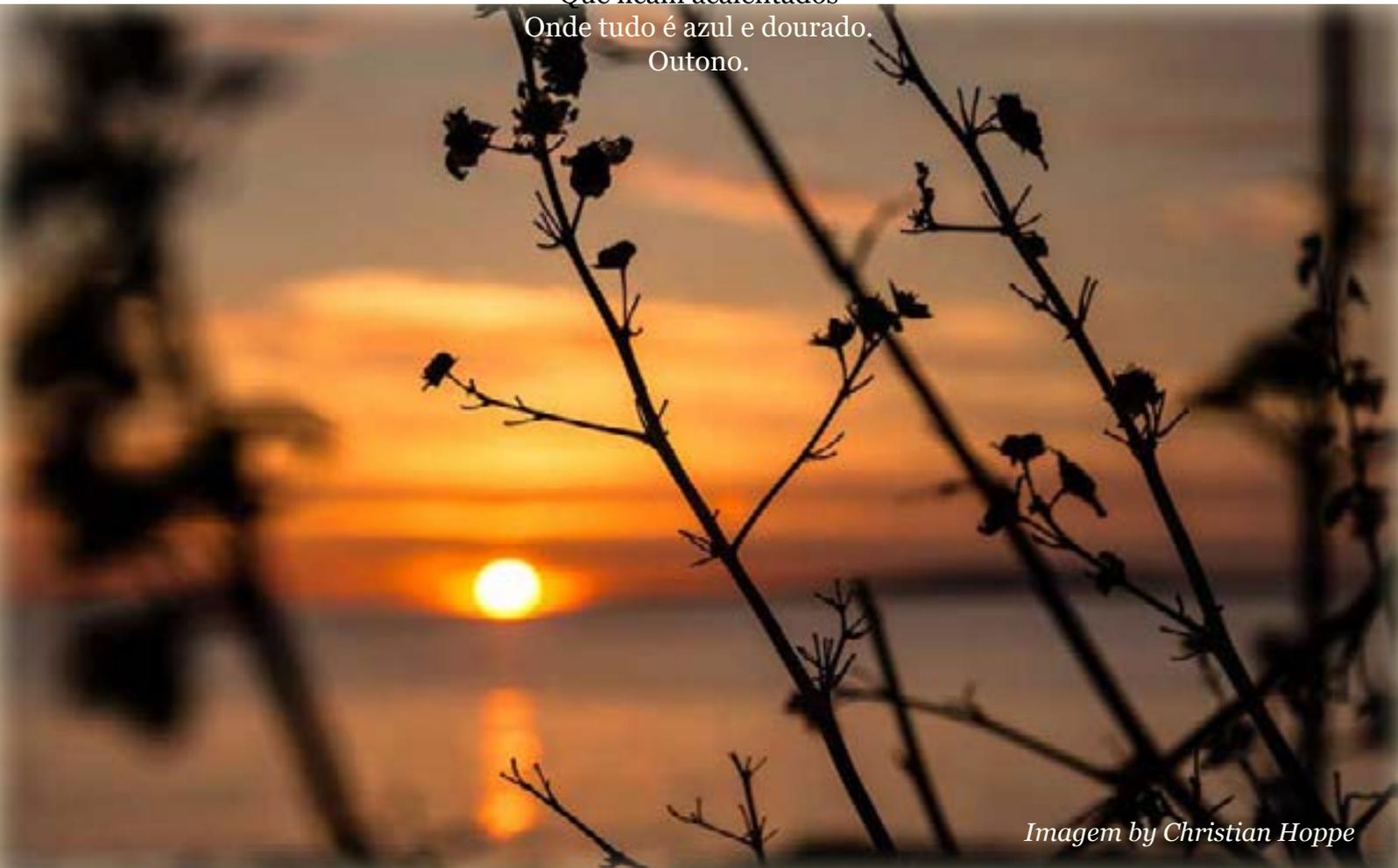
Sinto sua aproximação
Com seu manto escuro
Todo salpicado pelas estrelas
Junto ao clarão da lua!

Noite amiga aproximando-se
Trazendo uma calma serena
Com o frescor do vento
Acariciando meu rosto,

E quase que num esforço,
Tento manter meus olhos abertos.

Em minha mente
O rodopio de pensamentos,
Num giro silencioso e constante.
Levando-me a longas distancias
Em busca das lembranças.
Já dormentes e ancoradas.

Neste embalo de paz profunda,
Meu corpo adormece agradecido
Embalado pelas ondas do mar
Chegando a mim nos sonhos
Que ficam acalentados
Onde tudo é azul e dourado.
Outono.





EU SOU A LUA

POR MARLY RONDAN

Sou Lilith, sou a Lua,
Lua Negra, Lua Nova,
Dentro da noite tão nua
O amor fez a minha alcova.

Sou a Lua prateada,
Dou consolo pros amantes.
Lá no mar, nas enseadas
Sou guia dos navegantes.

Eu sou a Lua Crescente,
Atendo os feitiços teus;
Para um coração doente:
Flores, fotos, camafeus.

Sou Lilith a preterida,
A Lua negra ou Minguante,
Por Lugh fui escolhida;
Só no eclipse... ser sua amante.





FALTAS

POR MAURÍCIO LIMA

“Falta muito para chegar lá?”
Eu pensava ao caminhar
Havia faltado dinheiro para pagar o trem

Faltava alguém me ligar
para algo me anunciar
mas não ligaria ninguém

Eu ia atrás de algo para suprir as faltas
mas sempre faltava algo para ir atrás

Para a aeronáutica
faltaram alguns centímetros
Para ser corredor
faltou fôlego
Como contador
faltei demais
Como professor
sempre fui faltoso
Como jogador de futebol
só cometia faltas
Aí tentei ser poeta...
faltam palavras



CAOS

(Uma opinião pessoal)

POR IVONITA DI CONCÍLIO

O conceito de caos é mais antigo do que a Literatura. A Bíblia, primeiro livro impresso, em seu introito da Criação do Mundo diz: “no princípio era o caos”, ou seja: uma confusão total. Arrumar esse estado de coisas não deve ter sido fácil. Mas, convenhamos, será que foi totalmente organizado o tal “caos”?

Sim, porque, ainda conforme o Gênesis foram postos na Terra um homem e uma mulher e deles e sua descendência dependia conservar “arrumação da casa” (ops, do caos).

Será que a ideia de fazer o boneco de barro, soprar vida em suas ventas, extrair uma de suas costelas e criar uma companheira foi a melhor coisa para endireitar tudo?

Parece que não, pois desde o começo a Humanidade mostrou-se beligerante, invejosa, ambiciosa e corrupta.

Não pretendo retratar a História da Humanidade, que mesmo sem aprofundamento nos deixou marcas de sua passagem com guerras, inquisições, opressões, muito embora também nossos

antepassados nos tenham legado tantas descobertas e invenções. Porém, como meu tema é o caos vou deixar as descobertas, invenções e a grandiosidade dos homens para outra ocasião.

Volto à desordem, ao mesmo tempo em que tento analisar o que está acontecendo ao mundo.

As constantes alterações climáticas vêm mostrar à nossa geração que a devastação de florestas, desvios hídricos e outras agressões à Natureza – sistemáticas e selvagens – destroem nosso próprio meio-ambiente.

Já no que se relaciona ao homem e sua busca insana de progressão pessoal, a sede de conquistar melhores posições e maiores vantagens, nos deparamos com o quadro político mundial deste Século XXI tão conturbado.

A vaidade, o egoísmo, o fanatismo, a insensibilidade humana e outros interesses, ao invés de seguir uma linha de aprimoramento do segmento social de alguns povos estão promovendo um retorno ao caos presumido na Bíblia.

Talvez minha opinião laica seja porque faço parte dos acontecimentos “ao vivo” e sou cúmplice da nossa História atual. Tenho noção de estarmos em transição e sei que novos acontecimentos, paulatinos como foram as “eras” que forjaram nosso presente estão se formando para

meus descendentes. Vivo o momento como ele é, enquanto que o passado veio a mim através de livros, na sua maior parte.

Viver e conviver com o presente, de certa maneira, é instigante. Provoca uma necessidade de saber o porquê de certas atitudes radicais. Por exemplo: procuro entender os desacertos do Oriente Médio e sua cultura conflitante com a cultura ocidental.

Tento compreender a arrogância dos “ditadores” intitulados presidentes da África e da América do Sul, para citar os que subjugam seus comandados sem nenhum pudor e se tornam absolutos em nome de uma proteção ao seu povo, inexistente.

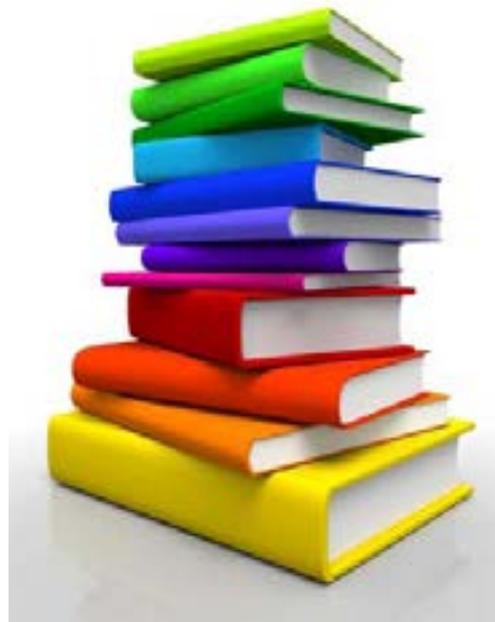
Com poucas exceções, no que se refere à política, vejo nações que primavam pela honestidade de seus líderes sendo, aos poucos, protagonistas de desmandos e corrupção. Será que eles “primavam” mesmo ou não sabíamos?

Antes, os veículos de divulgação eram precários impedindo que as notícias nos chegassem imediatamente.

Em 1945, quando nos inteiramos dos fatos - aqui no Brasil - há alguns dias Hiroshima e Nagasaki já haviam sido arrasadas pela bomba atômica e a Segunda Guerra acabara.

Voltando ao quadro do nosso país de hoje, a constatação de que uma antiga frase que dizia: “família que canta unida permanece unida”, atualmente é válida, porém, no sentido negativo: “família que rouba unida...” É pai, mãe e filho(a) envolvidos na Lava-Jato e em outras nomenclaturas dadas às comissões que avaliam os desvarios de políticos e empresários brasileiros.

São acusações, demissões e outras “ões” na alta cúpula da Presidência da nossa República... É ou não um verdadeiro CAOS?



SUGESTÕES PARA VOCÊ, ESCRITOR: ONDE DOAR LIVROS!

Na Suíça:

- **Association Don du Livre:** Foi para esta Associação tão empenhada em não deixar que livros novos ou usados permaneçam esquecidos, que o Varal do Brasil teve a grande satisfação de doar cerca de 500 livros em junho.

Fundada em 1998, a associação foi reassumida em 2006 por dois habitantes da cidade de Veyrier (cantão de Genebra): Mireille Barbier e Olivier Gonnet.

O objetivo é criar, desenvolver e equipar bibliotecas de escolas, universidades, cidades e centros comunitários, tanto nos países do Sul e Europa Oriental como em todo o cantão de Genebra. E isto é possível graças a você!

Não jogue fora seus livros, doe para esta Associação!

Os livros são classificados, em dezenove categorias e entregues gratuitamente a instituições ou associações que são beneficiadas.

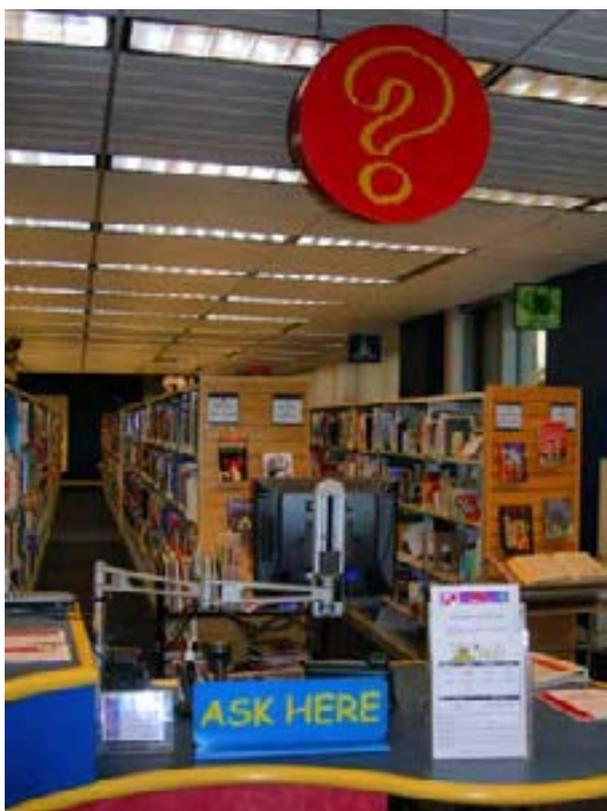
Grande parte dos livros que a associação recebe é graças a doações realizadas durante o Salão do Livro e da Imprensa de Genebra, mas você pode

contatar “Don du Livre” para doar seus livros durante o ano todo, pois eles possuem um depósito especialmente para guardar os livros que depois serão triados.

Veja só: Em 2010, 318.000 livros foram disponibilizados; 520 associações e instituições foram convidadas a receber os dons; 27 países se beneficiaram desses livros.

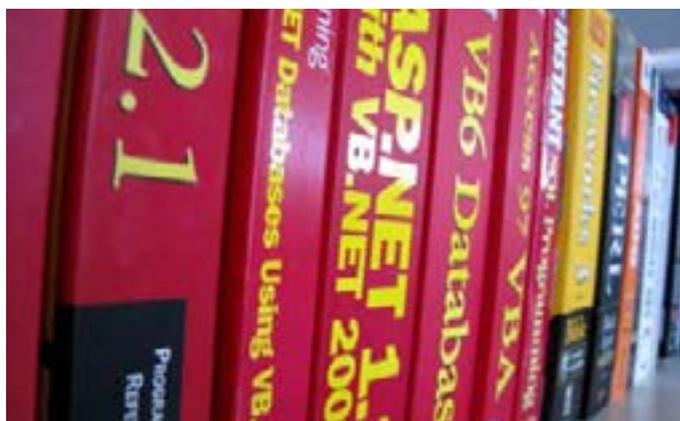
Vários moradores da cidade de Veyrier são voluntários leais, ajudando no árduo trabalho de triagem, classificação e disponibilização dos livros.

Mora por aqui? Você também pode vir ir ajudar, se gosta de ler e tem tempo livre!
Para dar nova vida aos seus livros:
dondulivre@gmail.com /
Tel.: (004122) 890 02 31



NOTA

O Varal do Brasil não estoca livros e, portanto, não poderá intermediar nenhum tipo de doação para a Suíça ou para outros países. Agradecemos a compreensão!



BIBLIOTECAS BRASILEIRAS

Numa generosa sugestão do escritor Jefferson Barbosa da Silva (Garoeiro), seguem informações e *links* para bibliotecas no Brasil.

Você escritor, estará não somente presenteando o leitor ao doar seus livros, mas também a si mesmo!

Aqui abaixo, o *link* de acesso para as bibliotecas públicas registradas no Brasil (atualização feita em 2015). Informe-se sobre como doar livros!

<http://snbp.culturadigital.br/informacao/dados-das-bibliotecas-publicas/>

Sobre as Bibliotecas Públicas brasileiras, nos envia Garoeiro o seguinte:

Com o intuito de apoiar o desenvolvimento das políticas culturais nacionais voltadas para bibliotecas públicas municipais e estaduais, o SNBP realiza sistematicamente a atualização dos dados acerca desse tipo de equipamento cultural. A última atualização foi realizada em abril de 2015, dentro do escopo do Projeto Mais Bibliotecas Públicas.

São 6102 bibliotecas públicas municipais, distritais, estaduais e federais, nos 26 estados e no Distrito Federal, sendo:

- 503 NA REGIÃO NORTE
- 1.847 NA REGIÃO NORDESTE
- 501 NA REGIÃO CENTRO-OESTE
- 1958 NA REGIÃO SUDESTE
- 1293 NA REGIÃO SUL

Não fique com livros guardados, nada melhor para um livro do que estar nas mãos dos leitores!

UN SOPLO DE LA NADA

POR YANNI MARA TUGORES TAJADA

Es la tarde que agoniza entre los pinos
es la tarde que se muere en noche oscura,
y es la noche que me muestra su figura
zigzagante transitando los caminos.

Yo lo sigo con mis pasos peregrinos
y lo sé, ya no está aquí, es mi locura,
mas lo siento recorrerme con dulzura
y tocar toda mi piel con dedos finos.

Goza el cuerpo y en mi mente yo deliro
si no está ¿dónde se pierde este suspiro?
¿Queda entonces mi palabra aprisionada?

¿En la tarde que agoniza entre los pinos
o en la noche que transita los caminos?
Él ya es polvo y yo soy soplo de la nada.

BALANÇO

POR ANA ROSENROT

Balanço...
da criança a brincar,
do mar a dançar,
do sino a badalar,
do coração ao se apaixonar...

Balanço...
da música a tocar,
do telefone a vibrar,
do corpo a exercitar,
do vento a soprar...

Balanço...
dos pés a sapatear,
das contas a pagar,
da vida a organizar,
do mundo a girar...

Balanço...





ESCOLA LUÍS DE FRANÇA

**POR ANTÔNIO MARCOS
BANDEIRA**

Na Escola Luís de França
Trabalhamos com amor
Trabalha-se com fervor
A criança a ensinar
D. Rejane, a orientar
A todos nós professores
Meus colegas desbravadores
André Filho a coordenar
A todas as nossas ações
E nossas realizações
São os alunos educar

Eugênio a administrar
A escola financeiramente
Nossa escola? É diferente!
Projetos educacionais
Teatro, dança especiais
Temos Feira das Nações
Cultuando as tradições
Temos jogos escolares
Exposições singulares
Olimpíadas e muito mais

Professor nas olimpíadas
Do nosso Rio de Janeiro

Pro Brasil ao mundo inteiro
Professores capacitados
Serviços gerais tarimbados
Cozinheiras especiais
As secretárias? Demais!
Nosso porteiro é de primeira
À comunidade a servir
Na educação verdadeira!

Aos pais muito obrigado
Por ter em nós confiança
Aos alunos? ESPERANÇA!!!
E um futuro de mudança
Um Brasil com mais pujança
De fraternidade e amor
Educação de valor
Com alegria sem dor
E viva a educação
Que feita de coração
Jesus Cristo é o Senhor!!!





BRASÍLIA “VENTURIS VENTIS” - AOS VENTOS QUE HÃO DE VIR

**POR BRASILMAR NASCIMENTO
ARAÚJO**

Todas as cidades existentes no mundo, independentemente da cultura de cada povo criam vínculos inseparáveis, com cada uma dessas sociedades. Seja no folclore, nos ritos ou como se dispõem os traços urbanístico-arquitetônicos de cada uma delas, ou seja, tudo é indissociável!

Em 1883, o padre italiano Joao Melchior Bosco (1815-1888), conhecido como Dom Bosco teve uma profecia que surgiria entre os paralelos 15 e 20, do Hemisfério Sul, a Terra da Promissão de riqueza inconcebível. Exatamente nessa área é onde foi construída Brasília, no interior de Goiás, com a participação maciça do povo brasileiro os quais passaram para a história como Candangos – foram protagonistas de um projeto ousado

de rara beleza, Brasília: um marco da engenharia moderna do século XX!

Em 21 de abril de 1960, é inaugurada Brasília, um dia histórico para o Brasil no Centro-Oeste do planalto brasileiro de Goiás. A capital brasileira, à época da construção de Brasília era no Rio de Janeiro, desde 1763, mas já era idealizada para o centro do país, desde 1716, pelo Marquês de Pombal (1699-1782), então primeiro-ministro de Portugal, o Brasil sob a luz do domínio português. Como também fazia parte das Constituições de 1891, 1934 e 1946, a sua edificação dentro da mesma localização. Escreveu em seus artigos, em 1813, o jornalista Hipólito José da Costa (1774-1823), do Correio Braziliense, editado em Londres em defesa da interiorização da capital do país, para uma área “Próxima às vertentes dos caudalosos rios que se dirigem para norte, sul e nordeste”.

A construção da nova capital só foi possível graças à determinação do presidente brasileiro Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976), o qual planejou e construiu em seu governo (1956-1961), Brasília: Capital da República Federativa do Brasil. “Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das mais altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada, com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino”. Presidente Juscelino Kubitschek, em 02/10/1956, no início das obras de Brasília.

Importantes colaboradores do presidente Juscelino foram decisivos para a construção de Brasília, entre eles: o arquiteto Oscar Niemeyer (1907-2012) “O escultor de espaços”; o paisagista Burle Max (1909-1994) “O poeta dos jardins”; o urbanista Lúcio Costa (1902-1998) “O homem que inventou Brasília”; o administrador Israel Pinheiro (1896-1973) “O homem que dirigiu a construção de Brasília”; o engenheiro Bernardo Sayão (1901-1959) “O desbravador” e o engenheiro civil Joaquim Cardozo (1897-1978) “O homem que calculava”. E entre outros personagens que fazem parte da história de Brasília podemos destacar: o escultor e desenhista Athos Bulcão (1918-2008) “O artista de Brasília”; a artista plástica Marianne Peretti “A Dama dos Vitrais” e Dona Sarah Kubitschek (1909-1996) “A eterna primeira-dama do Brasil”.

Brasília é única, como dois corpos que não ocupam o mesmo espaço no mesmo tempo. Linda, emblemática e acolhedora. A cidade que impressiona pela arquitetura dos vãos livres e das curvas espetaculares; como a Praça dos Três Poderes composta pelo Palácio do Planalto (Executivo), Supremo Tribunal Federal (Judiciário) e o Congresso Nacional (Legislativo).

Monumental, sem deixar de ser terna. Serena e de intensa luminosidade proporcionada pela generosidade de muito sol, inclusive no período da estiagem quando florescem os ipês que culminam em paisagens deslumbrantes dando vida à cidade – onde habitam brasileiros de todas as 27 unidades da nossa Federação.

Brasília, equilibrada no eixo central do planalto brasileiro de Goiás, como uma mãe de avental à espera do filho que estar por vir. A capital de todos os credos, da multiplicidade racial e do verde abundante é também território internacional com mais de cem embaixadas aqui estabelecidas de países de todos os continentes.

Assim é Brasília que encanta com sua leveza e projeto arquitetônico que arrebatou todos os povos. O arquiteto Niemeyer sintetizou em uma célebre frase o que representa para o Brasil e o mundo o conjunto arquitetural da Capital Federal, por ele mesmo desenhado. Disse: “Não é o ângulo reto que me atrai, nem a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual, a curva que encontro nas montanhas do meu País, no curso sinuoso dos seus rios, nas ondas do mar, nas nuvens do céu, no corpo da mulher preferida. De curvas é feito todo o universo - o universo curvo de Einstein”.

Brasília, Patrimônio Cultural da Humanidade declarado pela UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, em 1987. A “Cidade-Parque”, como é também conhecida a capital brasileira é bem situada geográfica, estratégica e politicamente. O Brasil no centro do mundo!



VOCÊ QUE NOS LÊ... SERÁ QUE TAMBÉM NÃO QUER ESCREVER?

Perguntamos a você leitor, a você escritor: Será que você ou alguém que você conhece tem um canal no Youtube (ou mesmo seja um frequentador assíduo daquela plataforma de vídeos)? A razão desta pergunta é que, por estarmos acompanhando o crescimento e desenvolvimento dos canais de vídeo e a infinita quantidade de assuntos lá tratados, achamos interessante informar os leitores sobre isto. Ficaríamos muito satisfeitos em ter uma coluna sobre este assunto. Se você gostar da ideia, escreva para o Varal enviando uma proposta de coluna para analisarmos.

E já que estamos falando sobre colunas, pensamos que seria muito interessante se pudéssemos trazer um assunto não tão óbvio para escritores, mas na verdade, totalmente ligado à literatura atual: a tecnologia! Sim, amigos, a tecnologia! Seria excelente termos alguém que desse dicas aos leitores sobre programas de tratamento de texto, livros digitais (e-books), como ler, como fazer, como distribuir. Também dicas sobre certos comandos básicos, mas essenciais, para pessoas que não se sentem muito familiarizadas com tudo isto (como salvar documentos, como fazer um backup (cópia de segurança) de seus dados, etc. Poderia também indicar programas úteis para quem escreve e tantos outros tópicos superinteressantes! Quem sabe você não é a pessoa que estamos procurando?

E-mails para varaldobrasil@gmail.com



MISTÉRIOS DO PATO (OU DA PATA)

POR MARIA LUÍZA VARGAS RAMOS

Dia desses, andando com Bruninha pelo hipermercado, parei diante de uma prateleira cheia de coelhinhos de pelúcia e perguntei a ela de qual ela tinha gostado mais. Sempre diferente e ligeira, disse que preferia um pato (na verdade uma pata de lencinho na cabeça e avental) que se escondia entre os coelhos. Eram brinquedos importados, nem sei bem de que país, diferentes, artesanais.

Pois bem, puxei o pato (vou continuar chamando no masculino como ela) pelo pescoço e dei um grito, pois ele se retorceu todo e começou a grasnar em alto e bom som, assim como os gansos fazem quando entra alguém na casa onde vivem (será que não é uma gansa?). Todo mundo se virou para ver o que era aquele barulho inusitado e depois caímos todos na risada. É claro que a Bruna não largou mais a tal ave e então descobrimos um tal botãozinho na mão enluvada dela que faz o bichinho (não é tão pequeno) dançar, cantar e se retorcer todo. Foi a sensação da noite! Até a Bisa (velho é tão criança!) só queria saber de fazer o “pato” dançar.

Para preservar o brinquedo e fazer com que dure mais um pouco, depois que o netinho também se esbaldou com ele, guardei o pato numa estante alta no quarto do Kadu. E eles se esqueceram do coitado, pois sempre surge algo novo para diverti-los.

Hoje cedo, estava rezando para um momento importante na vida de um filho, para que ele atingisse seus objetivos e lembrei-me de um grande amigo que se foi cedo demais e era padrinho dele. Sem grandes convicções, pensei que ele poderia dar uma mãozinha ao afilhado, do lugar onde estivesse. Nesse momento, só eu e Pitty (a cachorrinha) em casa ...

Tchan... Tchan... Tchan...

O pato começa a cantar e a se rebolar, aos gritos na casa silenciosa!

E agora?

Precisei apertar o tal botãozinho para ele parar, sinal de que não foi um curto circuito (pilha terá isso?).

Bem, estou arrepiada até agora e deixo a interpretação para quem entende melhor dessas coisas do Além.

Já pensaram se isso se repete no meio da noite?

Brrrrrrr.....



AVIONEZ

POR CRIS LUNA

Já prestaram atenção nas informações super-rápidas e automáticas que os comissários de voo nos falam dentro do avião? Ninguém entende nada! Sem contar que é primordial saber onde eles estudam inglês para no caso não nos matricularmos no mesmo curso. O inglês é um idioma mundial e muito importante para os meios profissionais e sociais nessa era hipermoderna. Eu, particularmente não me encanto por essa língua, pois ao meu ver antes de ter vontade de aprender um idioma deve-se acontecer um amor à primeira vista pelo mesmo, ou seja, sou leiga e devo conhecer o básico como *Good Morning* ou *Nice to meet you* (no caso de me sentar ao lado de um belo homem, gentil...) enfim, onde eu estava mesmo?? Ah, sim, entender o que eles falam é como cair de para-quedas num bairro alemão ou chinês, de repente se trata de um idioma exclusivo ensinado na formação desses profissionais e para ser utilizado única e exclusivamente dentro desse recinto.

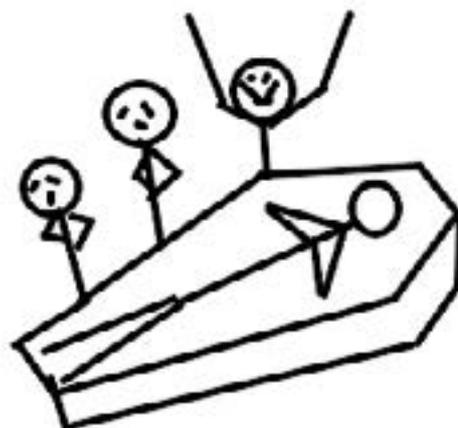
Suponhamos que o avião comece a cair? Todos precisam saber apenas a frase em inglês: *Oh my God.*

No momento em que todos se encontram assentados uma coisa é certa, uma pequena onda de medo passa na mente de cada um por me-

nor que seja, impossível não ser diferente pois se existe algo na vida em que o ser humano não exerce seu domínio é sobre o futuro, e no caso de estar dentro de um avião nas próximas horas, portanto se a aeronave cair, caiu e pronto!! Um turbilhão de sensações está pairando no ar, tristeza por deixar familiares e amigos e desbravar um outro país ou cidade, alegria, ansiedade por estar regressando e por poder chegar e abraçar aos que se ama, passear, fazer compras, enfim desfrutar de umas merecidas férias, insegurança por saber se irá aterrissar em segurança ou desconforto, pois hoje em dia já adentramos ao recinto procurando não topar com um cidadão com a aparência física e suspeita de um terrorista! O que de fato não é nada agradável! Euforia por chegar logo ao destino (no caso eu, pois sou super ansiosa). Não sabemos qual o destino e finalidade de cada viagem nem o universo de cada ser ali com suas bagagens plenas de poucos pertences (no caso de ser homem, pois se tratando de nós mulheres, levamos somente o necessário, ou seja, faltamos levar os móveis!) Documentos, sonhos, perspectivas, se o fazem por lazer ou trabalho, independente de todas essas sensações e realidades o fato é que o alívio de chegar em terra firme é prazeroso e alivia.

Quando já me encontro acomodada e presa por um cinto que ao meu ver não apresenta segurança alguma, faço uma ligeira prece no momento da decolagem e o que peço à Deus é que todos possam ter uma viagem supertranquila e já aproveitando, peço também perdão pelos pecados, aliás uma boa ocasião para acertar as contas com o divino pois no caso de não aterrissarmos da maneira habitual não haverá outra oportunidade para tais confissões e arrependimentos. E depois desses acertos espirituais fico na espera de um café! Num voo para Barcelona sentei-me ao lado de um rapaz que estava a ponto de decolar antes do avião e tremia tanto que eu não me contive e travei um diálogo no intuito de acalmá-lo, o que foi em vão, pois ele tinha de fato pavor elevado ao cubo de viajar de avião e me perguntou se eu sentia o mesmo e eu disse com um grande sorriso: Imagina! Amo viajar e o meio de transporte utilizado pouco me importa, a única coisa que me preocupa é a horas que vai ser servido o café (aliás, eu reivindicaria junto às companhias de viagem que se possível fosse nos oferecido um café de qualidade por favor!! Pois de repente pode ser minha última bebida) Mas

me dei conta de que fora um comentário desnecessário e sugeri a ele que pedisse um whisky ao invés de um *coffee*!! E para deixá-lo mais à vontade deixei que a figura ocupasse o braço do assento, o que ele fez como se estivesse sentado no sofá de casa, enfim, sem comentários... Maravilha!! Chegamos ao nosso destino, mas aí começa um outro problema: quem vai sair primeiro? Porque nesse momento o que impera é o ditado: “os últimos serão os primeiros” pois é quase isso que acontece e se fosse possível os que se encontram nos últimos assentos voariam na ânsia de sair imediatamente da aeronave. Mas para que a pressa, me pergunto? Se já pousamos são e salvos!!



E por fim também daria a sugestão de os comissários de apenas dizerem (de uma maneira menos acelerada e robotizada): Senhoras e Senhores sejam bem-vindos, não daremos nenhuma instrução hoje pois se for necessário o uso de equipamentos, vocês não lembrarão de nada mesmo e se o avião estiver prestes a cair podem gritar à vontade no idioma de cada um e *Good Trip!!!*

HOSTESS EM VELÓRIO?

POR DÉBORA VILLELA PETRIN

Uma pessoa distribui sorrisos ao som das palavras de fel contra alguns membros da família da falecida, ali mesmo no velório! Recebia as pessoas como se fosse uma festa beneficente em prol dela mesma.

Nova profissão, a tal da Hostess em velório? Ela teve um dia de fúria ou simplesmente mostrou seu lado real?! Em olhares boquiabertos muitos ficaram com a indagação de que mundo ela teria vindo, o da própria inveja alguns palpitam, outros pensam que a pobreza da alma despida pela ganância é assim mesmo, no lugar de um coração a pessoa possui um dispositivo do tipo calculadora de cifrões, e atira os botões para todos os lados. E não é que foi verdade mesmo, a tal da Hostess “vomitou” espinhos e eram apenas cifrões que ela guardava no cérebro.



MULHER SAPIENS SAPIENS SAPIENS

POR MÁRIO REZENDE

Cerca de uma década depois da fase chamada balzaquiana, a mulherada está aí, em plena atividade, mostrando o seu interior macio numa explosão de sensualidade. Mas ao contrário do milho que só vira pipoca uma vez, a mulher inaugura a fase pós-balzaquiana cheia de experiência, porque ela teve a oportunidade de virar pipoca muitas vezes. Algumas caranguejeiras saíram de dentro do esconderijo, se depilaram e andam por aí, desfilando de new look, papando suas presas inexperientes, alimento saudável para a auto-estima e incentivo para manter a fisionomia adequada neste mundo pelos free, pelos out.

As pererecas consagradas deixaram de ficar de molho no brejo e, rejuvenescidas, depois de uma overdose de auto-estima saíram por aí em busca de sapinhos, na esperança de encontrarem um príncipe encantado, travestido de companheiro ideal, em substituição aos seus velhos e rechonchudos sapos que tiveram que aturar por causa da falta de pulinhos necessários e vão empurrando a menopausa para a frente.

Por falar nisso, tem uma amiga minha, que está justamente nessa fase de dar uma guaribada, também com a finalidade maior do que trocar somente o visual, porque ela estava lá pensando na vida, depois de dar uns chutes na bunda de uns e outros (alguns mereciam, antes, em outro lugar), até que de repente, “puff”, no seu brejo apareceu o príncipe. Não sei se é sapo, o fato é que ela segurou logo e foi pintando o bicho de Brad. Tomara que dê certo, estou torcendo por ela, apesar de que sou suspeito para falar. Animada e eufórica, resolveu até botar anel e abandonar a solteirice.

Talvez esteja dando saltos muito rápidos, pelo menos eu acho, apesar de não a conhecer, ainda - sentiu o ainda, né? -, porque pintou aqui no meu brejo há pouco tempo. Só sei que está em velocidade máxima, só para quando as paredes dos vasos ameaçam romper. Está correndo mais que o beep, beep, o papa-léguas.

Dizem os entendidos (e os metidos a), que isso não é bom, vive mais quem não esquenta, como a tartaruga, pulsação quase parando. Também, não sei se toda essa correria é por causa da pre-



paração para o corpo a corpo com Brad ou se é por conta do bread dela de cada dia que está cada vez mais duro de conquistar.

De qualquer forma, a esperança é a última que morre. Mas não considere tudo ao pé da letra, porque lá no meu jardim, a esperança (pobre insetinho), foi justamente a que morreu primeiro, sob a sola de uma sandália havaianas (não a minha, claro, porque não costumo dar chineladas à toa em bichinhos inofensivos que vivem no jardim e outros grilos, muito menos matar a esperança de alguém); talvez, por acreditar nos ditos populares sem pesquisar a razão deles. Esse da esperança, por exemplo, é bem antiquinho, vem lá dá época dos deuses e tudo por causa de uma mulher (elas estão sempre na parada), tal de Pandora.

Algumas resistem mesmo, tenho que admitir. Vivem paraplégicas, clinicamente mortas, mas não entregam os pontos, de jeito nenhum. Mesmo depois de fazerem a passagem, continuam como esperanças-fantasmas. Apesar de que tem hora que não dá para segurar e tem que se soltar igual a panela de pressão, porque ninguém é de ferro, né? Encarar a situação de frente e ir à luta com seus próprios recursos naturais, porque tem coisas que quem está de fora não conhece, como hemorroidas, que ninguém vive dizendo que tem, apesar de que hoje, até isso está difícil de esconder, senão não se aproveita a vida.

Então, eu tenho mais é que dar força para ela. Vai fundo antes que o charco comece a secar, porque passa a ser dolorido, perde a graça e o têsão também. Então, tem que aproveitar mesmo enquanto é prazeroso e gostoso demais...

BOLHA

POR HUGO FEDERICO ALAZRAQUI

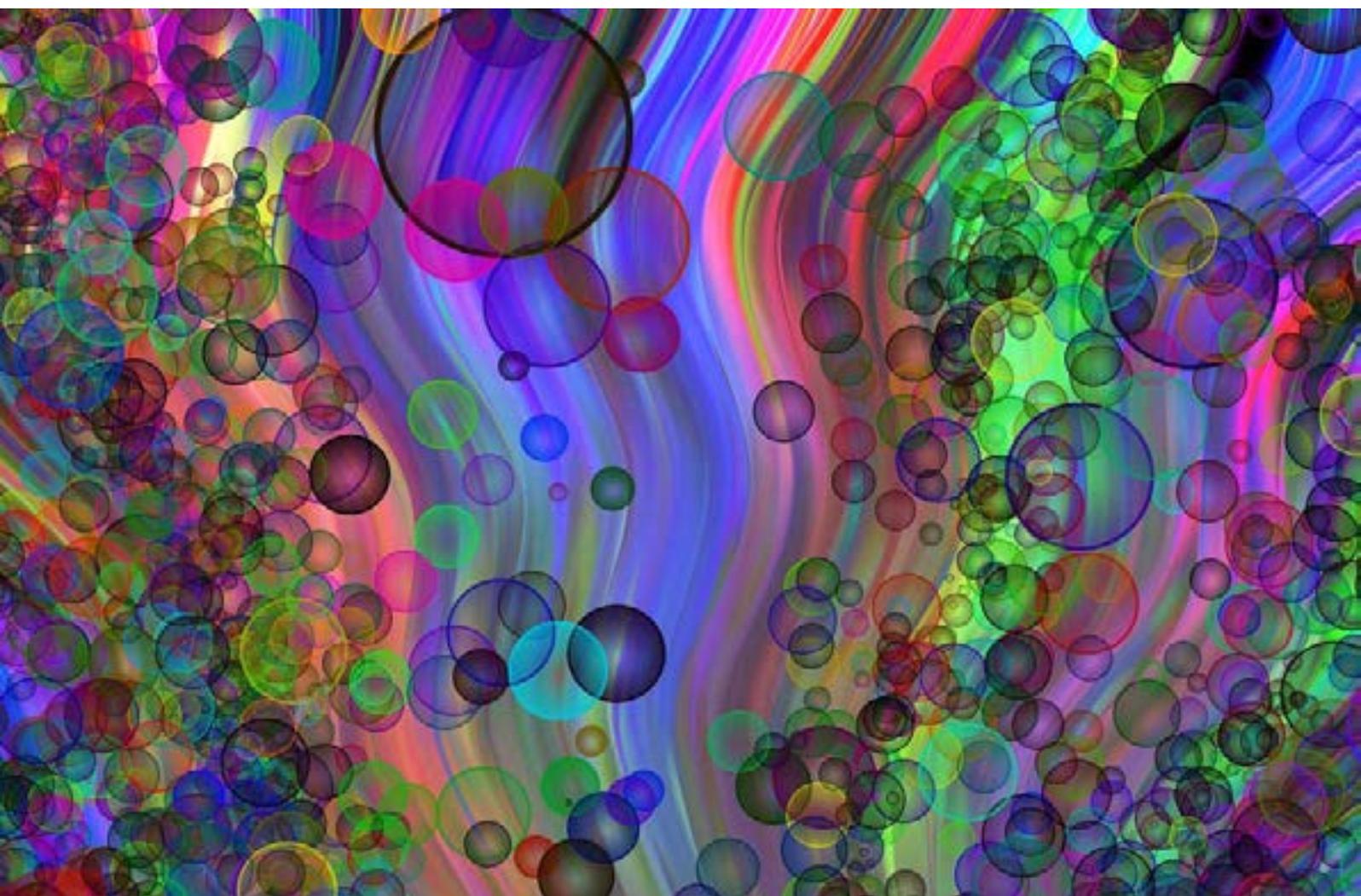
cada bolha tem sua lógica
no interior conserva a mágica
que a fecha seguindo regras próprias
dentro doutra de leis contrarias,

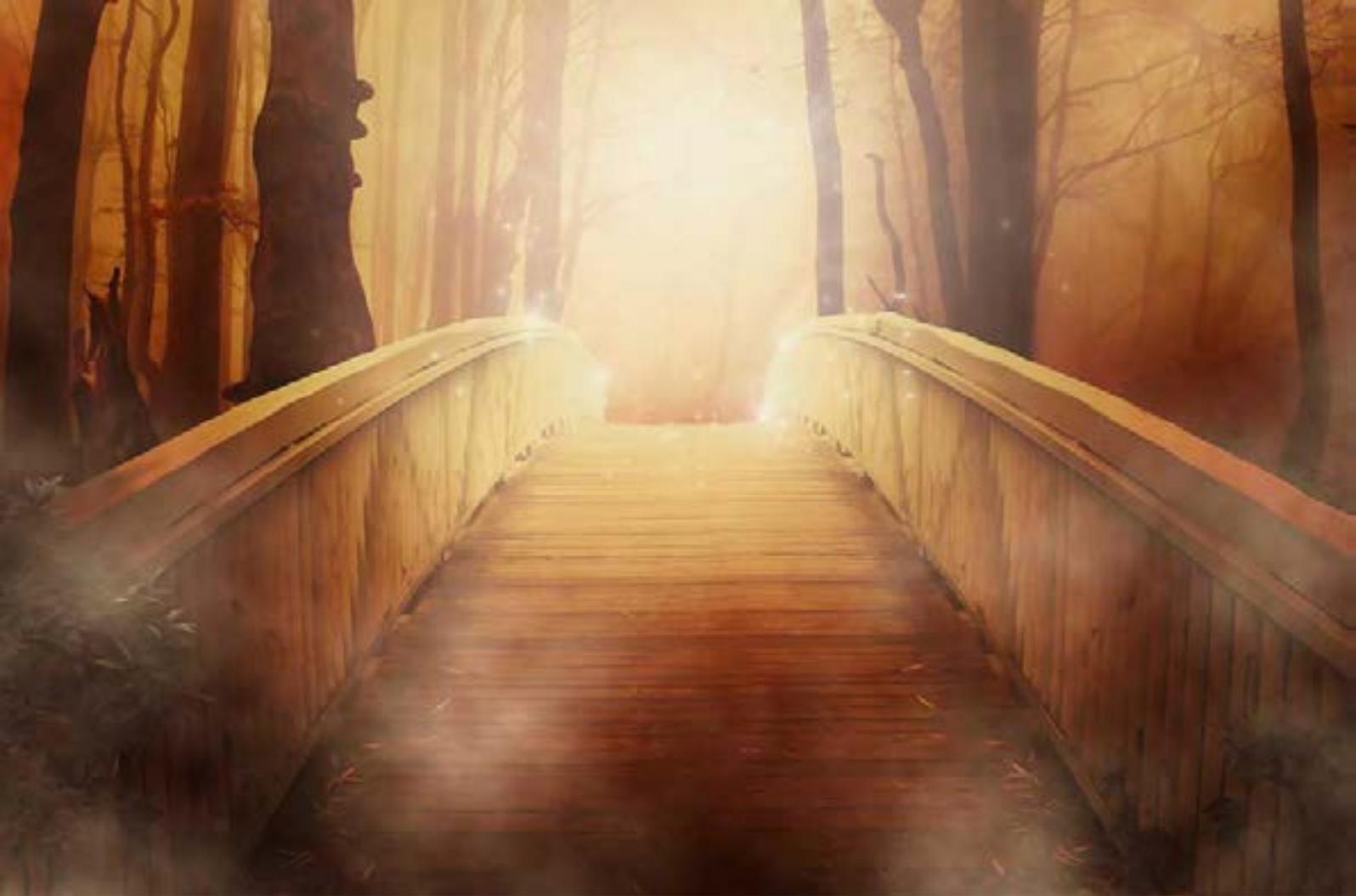
as separa a pura diferença
o limite que as une e as espaça
seus contornos que apenas se tocam
e assim um lado ao outro comunicam

esferas sutis que no ar se giram
no limite vão tornando se anéis
cortantes que brilham e o espaço inventam

são elas bordas dos olhos ao invés
passagens e canais que ocultam
os tombos do movimento a través

e rastros de perfume que deixam
no vento em que voam uma e outra vez
as vivas borbulhas que flutuam.





RECONSTRUINDO PONTES

POR CARMO VASCONCELOS

Derrubem-se as paredes orgulhosas,
erigidas na raiva dos repentes,
triturem-se os tijolos insolentes
e as pedras de arremesso, belicosas!

E desfeitos os muros corrompidos,
reconstruam-se pontes migratórias
que resgatem afectos e memórias,
em águas rancorosas imergidos!

Retome-se a palavra naufragada,
recolham-se os abraços afundados,
desafoguem-se os réus, por nós julgados...
E a travessia da paz faz-se alcançada!

Que a morte espreita e surge inesperada
e o que sabemos dela é quase nada!

O BROCHE

Trata-se de um acessório ou joia, projetada para ser usada no vestuário.

Geralmente é feita de metal, mas também é encontrada em prata ou ouro e, em alguns casos, bronze, aço ou algum outro material.

Broches são, frequentemente, decorados com pedras preciosas e pode ser utilizado unicamente como ornamento, ou, como prendedores em um manto.



O USO E A ELEGÂNCIA...

POR ANTONIO VENDRAMINI

Silhueta de mulher,
Corpo moreno e sereno.
Muito brilho nos olhos,
Um doce perfume está no ar.

Adorno brilhante e apaixonante,
Aconchego para o colo,
Reluzente, fulgurante, deslumbrante.
Som de valsa contagiante,
Passos e compassos,
Elogio enamorado,

Abraço apertado,
Beijo delirante,
Em noite estrelada.



O QUE É SER UMA IRMÃ MAIS NOVA...

POR LUCILENE ARAÚJO PÉRES

É ter alguém que é muito mais do um parente, mas que também é um amigo.

É ser confidente e ao mesmo tempo ter um confidente...

É ter um ombro para ofertar quando o irmão não está bem.

É ter alguém que briga com você e por você...

É reconhecer que a irmã possui qualidades e defeitos, assim como você.

Ser irmã nova é...

É falar abobrinhas no ouvido da irmã mais velha só para lhe arrancar um sorriso quando essa se encontra triste...

É ouvir conselhos e dar conselhos.

Ser irmã mais nova é ...

Enxugar as lágrimas da irmã mais velha ...

Mas é também chorar junto de alegria quando essa, consegue obter o sucesso.

É levar aquela bronca quando você faz algo de errado...

É mostrar com carinho que a irmã mais velha errou.

Ser irmã mais nova é ...

Sair junto mesmo quando você está a fim de ficar em casa...

É se orgulhar, sorrir, chorar, brigar e depois pedir mil perdões pelo simples fato de não conseguir ficar longe da irmã mais velha.

É não deixar a irmã desistir dos sonhos.

Buscando sempre incentivá-la.

É também ser incentivada por ela a nunca desistir ...

É descobrir com a irmã mais velha que dificuldades e desafios será algo do qual teremos que enfrentar.

Ser irmã nova é...

ser o único ser que dividiu o mesmo ventre que você !

E que foi capaz de ouvir as batidas do coração de sua mãe.

É amar incondicionalmente...

É estar junto na alegria e na tristeza.

Ser irmã mais nova é...

Saber que existe mil heróis e heroínas em quadrinhos, e que só para você a verdadeira heroína é a sua irmã mais velha.

Ser irmã mais nova é...

Amar incondicionalmente a irmã mais velha...

Assim como eu amo e admiro VC!



DO CONCRETO AO CAOS

POR PERLA DE CASTRO

Naquela tarde fria
Um sol que não ardia
Marchando uma sociedade arredia
O prédio alto de espelhos tudo refletia
Um inferno esse caos que o trânsito irradia
Com todo esse concreto, não consigo sintonia
De repente uma menina correndo pela via
Pelos dedos escorre a vida
Diante àquela cena, paralisia
Uma multidão a ver o tempo que naquele peito já não batia
Às vezes a vida judia
Do concreto agora vermelho
Também se faz poesia



CLARICE LISPECTOR

Por Walnélia Corrêa Pederneiras

dia inteiro
passeio meus olhos
páginas em folheios...
Leio, leio, leio, leio
não paro de ler
e nem quero.
Amanhã, trabalho.
Hoje creio.



RELEMBRANDO...

POR RITA DE CASSIA SANTANA DOS SANTOS

Meu coração parou,
mas ainda tive tempo de olhar o céu,
senti mãos tentando me reanimar...
Estava morrendo plena de felicidade!
Senti a doçura do momento,
entendendo que havia feito o melhor com as oportunidades que tive....
Fui sem deixar saudades e sem olhar para trás,
segui leve sem um corpo que me prendesse,
sem sentimento que me afligisse.
Segui sem forma,
ao sabor do vento,
seguindo a estrela mais alta e brilhante.
Despertei parte do Universo,
longe da hipocrisia humana!

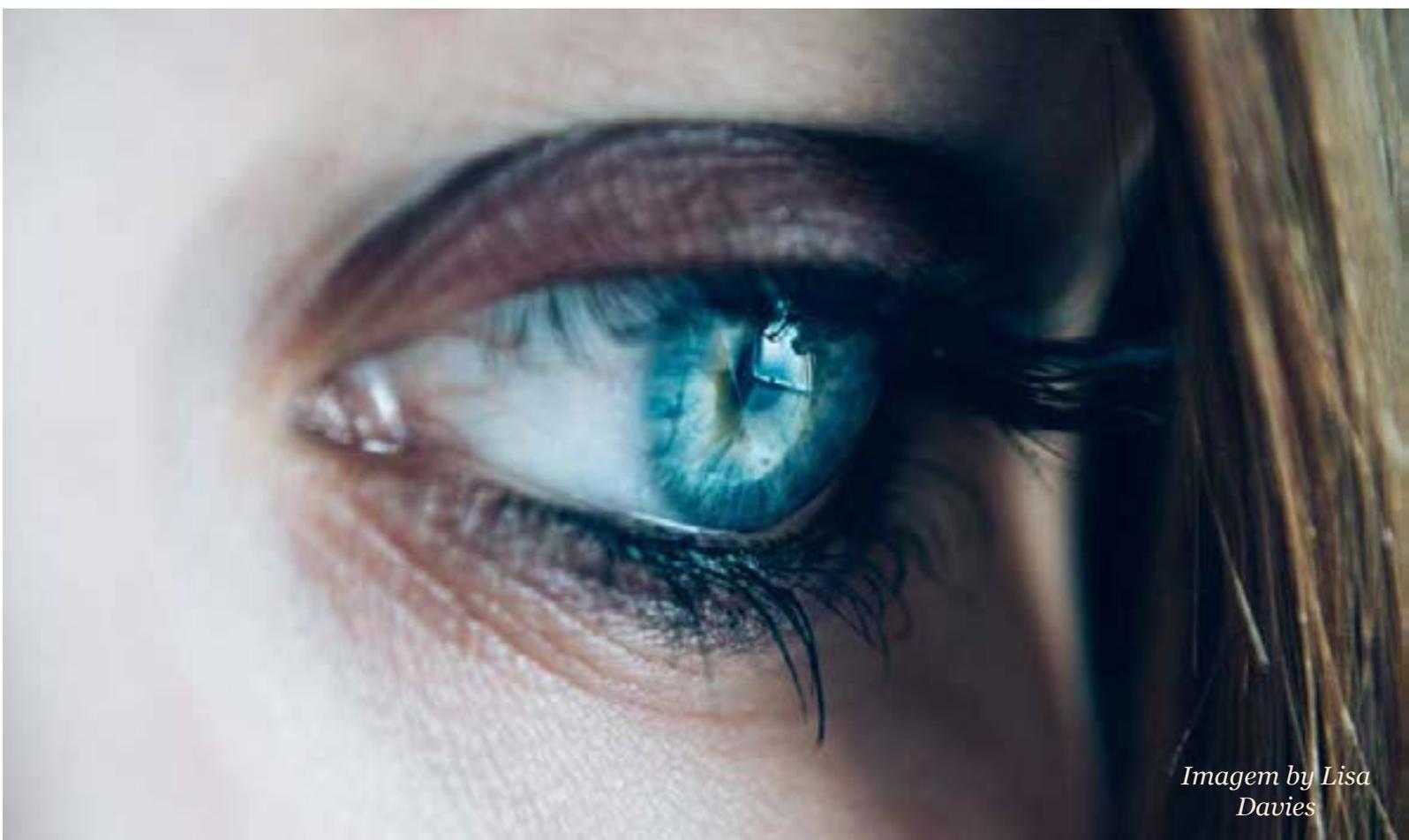
EPITÁFIO:
Aqui jaz uma mulher
que tentou ser fiel
a si mesma.

DAS PROFUNDEZAS

Por SueLy Traver

Escondemos no olhar
uma promessa de amor,
trazemos no sangue
constelações de sonhos
que pulsam anteriores à vida.

Em algum momento
já vivemos a plenitude
por isso
esse ciclo que jamais se fecha
e essa luta incansável contra a despedida.



A SURREALIDADE DE UM SENTIMENTO NATURAL

POR WELINGTON MARIANO

A dominação emocional e a perseguição mental
São razões plausíveis que impele, em mim,
Toda vontade de cobiça.

Não consigo mais olhar ninguém.
Porque mesmo olhando, só vejo você.
Tua figura reflete na íris dos meus olhos,
Toda a vontade de contemplação e desejo.
O anseio de estar ao seu lado,
Mesmo sem fazer nada...

É serio.

Poderia ficar...

Sem abraços, sem beijos, sem toques...

Até sem sexo.

Mas não resistiria se me tirassem a chance de observar cada gesto seu,
Cada colocação argumentada com base fundamentada.

Engraçado...

Sempre é fundamentada.

Delinear, perceptivamente, as expressões findadas
Em teu belo esplendor facial que o tempo deixou.
Ouvir as mais belas composições de criações próprias,
Cujo cunho literário inato surge naturalmente.

É apenas...

Fitá-lo.

E saber que mesmo distante também me olhas.

O que eu sinto não é em vão.

Possa ser algo passageiro, momentâneo,

Ou duradouro profundo...

Pare!

Pare de pensar nisso.

Vou me dedicar ao presente.

É o que eu tenho agora.

A reciprocidade que me transmite,

A cumplicidade compartilhada

E a simbiose adquirida.

É material concreto.

Juntos, transformamos o amor, objeto subjetivo intrínseco surreal,

Em instrumento palpável natural real.

É uma explosão de sentimentos que vai além da paixão,

E que chuta para escanteio a ilusão.

É novo o soletrar poético da vida,

Narrando o nascimento viril de uma nova historia,

Já traçada pelo destino e moldadas por humildes meninos.

A certeza que esta dando certo é experimentada...

Segundo a segundo.

Embasada no amadurecimento individual pessoal.

O CASAL DE PINTORES

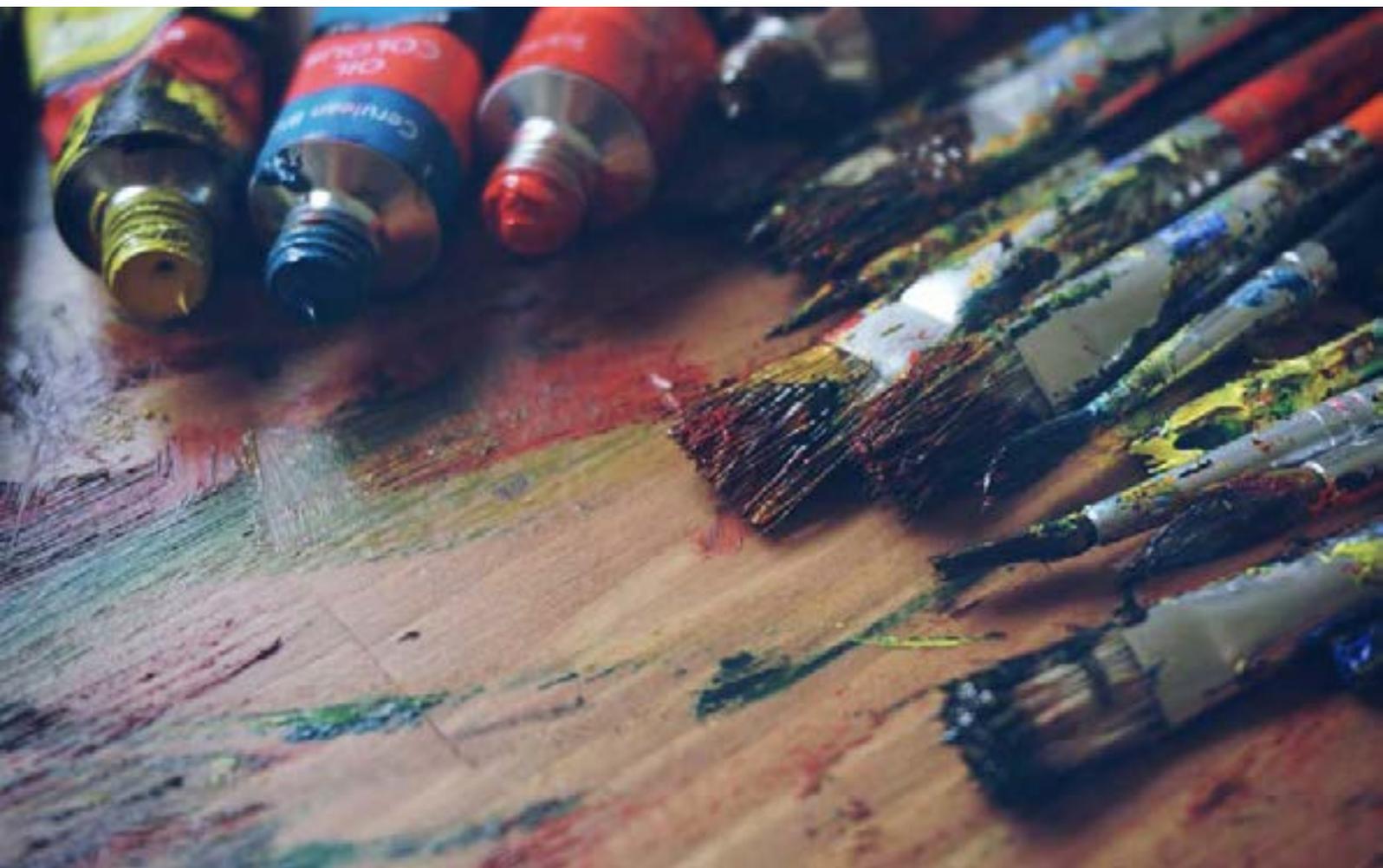
POR VARENKA DE FÁTIMA ARAÚJO

A Sra. Georgina e o Sr. George, eram um casal que se compreenderam, eles tinham sua própria língua. Ela foi professora de pintura e ele era pintor de parede. George tinha aparência banal, ele era reservado, Georgina pouco falava, ensinava os traços e técnicas aos alunos. Eles viviam às duras penas em seu apartamento, sem filhos, pode-se imaginar que o problema era estritamente de George. Então o casal exemplar, já com tempo e idade de aposentarem, foi aos seus devidos departamentos e ambos pediram aposentadoria. Todos auxílios foram descontados, foi uma lástima. Eles tiveram que sobreviver com uma parca renda.

O Sr. George de tanto abrir a janela e engolir poeira foi ficando mais calado, olhava às paredes querendo murmurar ou cantar “borbulhas de amor”.

O ar que entrava naquela casa era pesado, a Sra. Georgina adentrava para o seu quarto e começava a dar aula para uma parede: Olha, para que o desenho sobressaia, tem que apoiar a mão e arrastar o lápis com firmeza. Na técnica de pastel esfumaça e é o mesmo processo. Olhava para outra parede e falava com brandura: Para pintar com a tinta Acrílica que leva água, tem que ser rápido, pois a tinta seca logo. Se Leonardo Da Vinci tivesse alcançado a tinta Acrílica, não teria deixado poucos quadros. Leonardo Da Vinci pensava muito rápido e sua mão não acompanhava seu raciocínio, naquela época só existia a tinta óleo. Ela, saiu do quarto em passos lentos e, abriu a porta da cozinha e começou a falar com a porta: O mundo está de cabeça para baixo, os valores invertidos, todos mentindo, trapaceando os trabalhadores honestos, porta... sei que nunca vai me bater, então confio em você. Olhava para sua máquina de lavar roupa, minha amiga não faz mais barulho, não lava minha roupa e do meu esposo, não posso comprar outra, não tem no comércio que está quase falindo. Georgina encostou a porta preguiçosamente, ouviu um barulho, foi até a sala, numa poça roxa estava seu esposo sem vida. Ela abriu a porta da sala e começou a gritar: Tudo nesta vida se paga, como vou pagar o caixão, mortalha e cova para enterrar meu esposo Senhora?

Conhecer e horror deve ser uma dupla morte.



O AMOR

Por Roberto Ferrari

Ah!! O amor palavra tão fácil de ser falada, mas um sentimento difícil de ser sentido. Digo isto, pois o sentimento em si é lindo, mas tem que vir acompanhado de outras coisas para ser verdadeiro, sincero, para ser aquele que vem do fundo da alma, aquele que é fado pelo coração.

O amor sem fidelidade, sem respeito, sem cumplicidade, é um sentimento de propriedade, pois queremos que a outra pessoa seja submissa e nos achamos no direito de fazer tudo o que bem entendermos.

È uma situação que difere totalmente de uma relação benéfica, de uma relação equilibrada, enfim a relação de quem ama deve ser plena de satisfação.

As pessoas podem me perguntar: Como que você o poeta do amor consegue falar de forma tão equilibrada sobre uma relação de amor?

Respondo a todos que o amor continua sendo emoção sem muita razão, entrega total e muita química entre as pessoas, mas que querer os complementos que fazem a felicidade é obrigatório e muito normal de ser exigido.

Pergunto a todos aqueles que pensam na infidelidade, vocês gostariam que seu companheiro (a) cometesse alguma infidelidade contra vocês?

Lógico que não, então antes de pensar em cometer um ato impensado, conte até dez e esfrie a cabeça. Vale muito mais ter aquela pessoa que te ama e respeita ao seu lado do que partir para uma aventura sem futuro, mas se você achar que pode ser sério, não traia, termine antes a relação antiga para começar outra.

Não pense em testar para ver se vai dar certo, pois assim você estará magoando a outra pessoa e se machucando sem perceber.

Vocês podem me perguntar porque escrevi um texto desse do nada, e eu responderei que quanto mais vivo, quanto mais amo, mais me sinto a vontade de externar meu modo de ser na esperança de poder ajudar alguma pessoa que venha a ler o texto ou mesmo para revelar um pouco do meu interior.

De vez em quando se vocês me permitirem colocarei alguns dos meus pensamentos sobre assuntos importantes ou mesmo situações que vivenciei, espero não incomodar vocês.





HOJE SOU LUA

POR CLARICE DA COSTA

Nas travessias oceânicas
Hoje sou lua
No meu silêncio!
Embora confusa
Vou seguindo a vida;
Sem nada definido
Perco-me na razão que grita!

CAUBY E A CONCEIÇÃO

(Cauby Peixoto, 10 de fevereiro 1931 - 15 de maio, 2016)

POR TERESINKA PEREIRA

Vivo ou morto o Cauby
será lembrado em nossa casa
onde temos uma Conceição
que foi sempre o alvo de nossas cantorias:
“Conceição, eu me lembro muito bem
Vivia no morro a sonhar
Com coisas que o morro não tem...”
Mas a minha irmã Conceição
nunca morou no morro nem nunca
se queixou do cantor-compositor,
que agora vai fazer falta
nos palcos do mundo inteiro!
Cauby voltou para o morro do céu
deixando nas cidades
as suas famosas canções.



ESPELHO DE MIM

POR MÁRCIA LIMA

Minha alma ansiosa,
Na luz que me faz divina...
Escrevo este verso em prosa
Refletido nos meus sonhos de menina.

Há manchas nesse mistério
Do inabalável sonho,
Sempre levei a vida muito a sério,
Por esse motivo, eu me proponho!

Eu não busco saber o inevitável,
Dentro de mim, a luz se acende,
Fazendo de mim, um ser incansável,
E nessa busca, a poesia, se faz presente.

Aquela menina do passado,
Com imagem refletida no espelho,
Morreu, para nascer a mulher
Que não precisa mais de conselhos.

Busco a beleza
Um espelho de mim, natural,
E a graça da simplicidade
Numa linguagem pura e celestial.

Na verdade, sou muito amada,
Vestida de cores ardentes...
Uma mulher apaixonada,
Por poesias, e espelhos pendentes!

EU SOU UM ELO INCOMPREENDIDO

POR MARIA MOREIRA

Não me admira que tenhas tantas dúvidas ao que expresso!
Eu quero tantas coisas, deste universo.
Sou carente de flores desabrochando. Eu quero tanto vidas sem prantos
Sou assim tão imprudente que miro o sol sem lentes de proteção.
Eu quero cisnes azuis em lagos calmo, para acalentar os sonhos.
Sou assim mesma!
Eu quero tanto ver um sorriso de criança aos oitenta anos
Como se fora em terras prometidas.
Eu quero o vento soprando em todas as direções.
Espalhando as folhas cobrindo o chão.
Eu quero as lágrimas da chuva só para molhar a plantação.
Porque não dizer de mim mesma?
Eu quero paz, entrecortada por sinos repicando
Quero campos verdejante no deserto das almas
Eu quero anjos coroando os santos
Antes que eu me despeça deste bruto mundo
Eu quero águas fresca descendo as colinas
Para que a vida siga assim mesmo.
Sou forte fraca, busco a perfeição, sou um tanto lenta
Esta ciranda de pensamento quase me arreventa
Sou a contradição que faz história com o passar do tempo
E não lastimo os meus sofrimentos.
Sou um esboço de coisas não provadas, sou...
Sou deste jeito mesmo rejeitada.
Eu quero flores balançando ao vento
Quero ver pobres e ricos se abraçarem em eterno contentamento.
Eu quero ser simplesmente aquilo que meu desejo alcance
Eu quero ver o poder do povo um dia ser reconhecido
Coisa que para mim ainda soa ao longe, mas...
Dizem que a vida é assim mesmo.
Eu quero tantas coisas que fogem de mim
De tanto tentar e não ver fim, penso em desistir
Mas também sei que devo prosseguir.
A vida é bela para quem não se cansa com os sacrifícios
Transformando as lutas em seu benefício.
Por isto sigo assim mesmo...
Eu quero a alvorada cheia de ternura até ao entardecer
Para os nossos dias ter valido a pena.
Eu quero tanto um querer sem fim
Quero a arte ao meu entorno, mesmo que seja em pequeno bojo!
Eu quero você bem original nesta vida que é um carnaval.
Eu quero tudo isto para o mundo inteiro.
Por sorte sou assim mesmo: não sou o último nem o primeiro.
Destes meus desejos sou prisioneira.



A BARREIRA DO AMOR

POR JOEL DE ARRUDA

No dia em que te conheci,
Senti algo no coração.
Achava que era doença,
Mas descobri que era paixão.

Infelizmente, eu tive que me mudar
E com saudade estou aqui.
Mas, nunca senti por outra pessoa
O mesmo amor que senti por ti.

O tempo se passou
E até hoje não pude te ver.
A distância impede que eu te veja,
Mas não impede que eu ame você !

Nascer, crescer, reproduzir e morrer
É uma lei da vida que eu não acho legal.
Por ser humano eu morrerei,
Mas nosso amor viverá por ser imortal.





O VARAL DO BRASIL, SEU FUNCIONAMENTO E SEUS OBJETIVOS

O VARAL DO BRASIL foi iniciado em novembro de 2009 na forma de um caderno literário informal feito no programa Word, no formato de documento comum, e teve sua primeira edição (número Zero) impressa e distribuída, além de enviada por e-mail. A partir do número 1 a revista, já com vários participantes, passou a ser apenas distribuída digitalmente.

Com o passar do tempo passou-se a realizar a revista no programa Publisher, transformando depois o documento em PDF, conservando a alegria que conquistou escritores e leitores.

A ideia de criar a revista nasceu do desejo de sua fundadora, Jacqueline Aisenman, de realizar um elo literário permanente entre o Brasil (seu país de nascimento) e a Suíça (seu país de ado-

ção e onde vive por mais de vinte e cinco anos), de uma forma descontraída e que pudesse ajudar a divulgar novos escritores, abrindo espaço para aqueles que não tinham como divulgar seus escritos. A ideia também sempre foi de unir as pessoas, escrever “em grupo”, ter um canto de amizade literária, inclusivo para quem escrevesse e que desse aos leitores a ocasião de se familiarizar com a literatura. Esta última, na visão de muita gente, não passava de um assunto de interesse para certas elites, visto o preço dos livros e a forma como sempre fora conduzido o assunto, resumido a intelectuais e escritores nacionais e internacionais reconhecidos e seus papos e escritos tão distantes da população em geral.

Os cadernos e sites literários existentes, realizados num linguajar formal e distante, não abriam suas páginas para a diversidade cada vez maior de escritores que aos poucos surgia. Jacqueline, que muitas vezes se sentira desestimulada de participar em tais meios literários, desejava a existência de literatura mais popular, que fosse próxima das pessoas e do que elas gostavam de falar. Surgiu daí o VARAL DO BRASIL, “literário, mas sem frescuras”, espaço democrático, aberto e destinado a todos os apaixonados pela escrita e pela leitura que se sentiam de certa maneira excluídos.

O nome surgiu das lembranças e experiências de Jacqueline que, nos tempos em que residia

no Brasil, participou de muitos “varais de poesia” em universidades e praças. Estes varais aconteciam graças a professores universitários em sua maioria, alguns já escritores, entre eles o catarinense Alcides Buss, que reuniam grupos de poetas e, juntos escreviam poemas em cartolinas que depois eram “penduradas” em varais esticados em locais públicos, levando ao povo, nas ruas, a beleza da poesia.

Rapidamente, o VARAL DO BRASIL desenvolveu um laço de amizade entre autores e leitores residentes nos mais variados locais, nos diversos continentes. Pessoas que antes temiam o meio literário intelectualizado e que escreviam, viram na nova revista literária, uma oportunidade de divulgação de seus trabalhos de uma forma desenvolta, sem as “frescuras” que em geral costumavam afastar escritores iniciantes e leitores menos pretensiosos.

A carência por uma literatura mais popular na Língua Portuguesa era evidente.

O caderno literário modesto e com suas ilustrações coloridas e alegres, misturando poesia com contos, crônicas e até mesmo receitas culinárias, encontrou seu público nas pessoas que, apreciando a literatura, não se sentiam à vontade para ler o que, em tantas ocasiões, nem mesmo compreendiam o significado. Outros ainda, que não ousavam mostrar seus escritos, viram na nova plataforma de publicação, a ocasião de publicar o que escreviam sem o receio julgamentos inoportunos.



Ao longo dos anos foram muitos os que mostraram sua lavra literária pela primeira vez em nossas páginas! Junto destes debutantes literários uniram-se ao VARAL escritores mais experientes, outros até já reconhecidos pelo público. Nas ecléticas páginas do VARAL DO BRASIL, nunca houve distinção entre os participantes. A igualdade já se fazia transparente na confecção de um sumário sem uma ordem específica (muitas vezes nem mesmo seguindo a ordem alfabética) e onde não constam até hoje os números das páginas ao lado dos nomes dos participantes.

Este fato, motivo de reclamação de alguns que não entendiam o propósito, sempre fez com que cada leitor, escritor ou não, percorresse a revista em sua integralidade para ir, aos poucos, encontrando os autores publicados. Também não são colocadas coordenadas como biografia, idade, origem, enfim, nenhum tipo de informação que possa categorizar ou diferenciar os participantes. Exceção feita aos colunistas, que estes têm seus dados e referências para contato publicados nas suas colunas.

Os textos para a revista são hoje recebidos não somente do Brasil e da Suíça, mas das mais variadas regiões do planeta, sendo que mesmo pessoas que não são originalmente de Língua Portuguesa enviam textos traduzidos para o Português.

Atualmente, desde 2014, têm sido recebidos também textos em Espanhol. Na revista VARAL DO BRASIL são recebidos e encorajados todos os gêneros e estilos literários. Dentro da prosa e do verso, das crônicas aos contos, das trovas aos sonetos, passando por estilos originais e até mesmo criações de novos autores e etc., preenchem as páginas da revista literária que não mede es-

forços para que o Português seja divulgado amplamente e enaltecido. E além da literatura ela mesma, publica-se textos acadêmicos, sendo que estas publicações têm garantida aceitação e divulgação em escolas secundárias e universidades, graças ao fato da revista ser devidamente registrada como publicação periódica online desde 2009.

Em sua informalidade, o VARAL DO BRASIL não impõe aos autores uma limitação de idade mínima ou máxima e nem exige experiência como publicações anteriores, livros editados ou recomendações de terceiros. Independe também se o pretendente integre alguma academia, organização, associação ou outro.

Cada pessoa que envia um texto tem igual possibilidade de publicação e toda participação é gratuita.

A revista é realizada sem ambição de tornar-se uma publicação profissional, sendo seu formato final um documento PDF que é disponibilizado virtualmente através das plataformas de leitura SCRIBD e ISSUU.

As publicações regulares são feitas num período bimestral, variando de tema livre aos mais diversos temas e assuntos que possam estimular a criatividade dos participantes e aguçar a curiosidade do leitor, levando-o a ter não somente momentos de distração, mas também de reflexão. Entre as edições regulares da revista, são muitas vezes realizadas edições especiais (distribuídas normalmente entre duas edições regulares) que trazem temas como Natal e Ano Novo, Mulher, Livros, Saudade, Paz, e etc.... Nestas edições, assim como nas regulares que são temáticas, os textos publicados em toda a revista tratam apenas do assunto proposto.

Recebemos, no VARAL DO BRASIL, centenas de mensagens semanalmente, sejam elas com material para publicação, para leitura e avaliação, ou também mensagens de apoio, mensagens com elogios, críticas e, claro, com muitas perguntas sobre como e onde realizamos nosso trabalho. As mensagens são respondidas na medida do possível, o que faz com que algumas vezes uma resposta possa levar dias para ser escrita e enviada.

Recebemos também um grande volume de textos para participação na revista e todos eles são sempre lidos e analisados para que uma triagem necessária seja feita. Nesta triagem são eliminadas as colaborações que não se encaixem nos padrões de publicação da revista, mas procuramos em muitos casos solicitar ao escritor que volte a nos escrever tentando novas formas de expressão ou, em caso de assunto controverso, uma mudança de tema. Faz-se o possível para publicar ao menos um texto de todos os que enviam material dentro dos prazos de inscrição, mas devido ao grande número de documentos recebidos, a tarefa torna-se praticamente inviável.

Há sete anos atuando na vasta área literária, o VARAL DO BRASIL é um caderno literário legitimamente suíço-brasileiro focado na lusofonia. É também, autenticamente, uma marca registrada na suíça (registro do Instituto Nacional de Propriedade Intelectual suíço), com o ISSN (registro de circulação) para a revista feito no serviço de registros da Biblioteca Nacional da Suíça, sediada na capital do país, Berna.

Estes registros, como revista online e como marca (patente) registrada, dão à revista sua legitimidade, o que a faz reconhecida em qualquer lugar do planeta e pelos mais diversos profissionais e entusiastas da literatura.

Visando o melhor para o leitor, o VARAL DO BRASIL não publica textos que contemham conotação político-partidária, que citem nomes de partidos ou de personagens políticos no intuito, mesmo subjetivo, de propaganda; textos que sejam de alguma forma ligados ou façam apologia a uma religião específica também são recusados, fazendo-se breve (e observada) exceção na edição especial anual dedicada ao Natal e Ano Novo ou, eventualmente, na edição especial comemorativa da Páscoa. Também não são publicados textos que possuam caráter pornográfico ou que tenham linguagem de baixo calão sem um contexto bastante definido e onde tais palavras venham a ser, se assim se pode dizer, necessárias. Textos que possam de alguma forma prejudicar o leitor, seja por teor preconceituoso, racista ou qualquer outro assunto que possa excluir alguém, não são publicados.

É permitida, no entanto, a publicação de certas opiniões que o autor possa incluir em seus poemas, contos ou crônicas, ficando a responsabilidade das mesmas inteiramente com o autor que as escreveu.

O VARAL DO BRASIL trabalha de forma completamente independente, nunca teve compromisso com nenhum organismo público ou com

alguma empresa privada e, portanto, nunca recebeu auxílio financeiro de nenhum tipo para realização de suas atividades. Isto sempre garantiu ao VARAL uma total liberdade de ação em seus eventos e publicações. Não possui representação no Brasil ou em outros países e nem associação ou vínculo empregatício com outras pessoas, jurídicas ou físicas. Todo o trabalho é realizado por Jacqueline Aisenman e membros de sua família. A utilização indevida do nome ou da marca, sem autorização escrita da proprietária, Jacqueline Aisenman, é passível de processo judicial e o foro escolhido para dirimir quaisquer questões a isto relativas é o de Genebra, Suíça.

A participação na revista nunca foi e não é cobrada, nem das pessoas que enviam seus textos para publicação, nem dos columnistas que colaboram com a revista.

Não há cotização, mensalidade, anuidade ou qualquer outra forma de demanda financeira por parte do VARAL DO BRASIL para publicação de textos na revista ou na divulgação de livros, biografias e/ou eventos em seus espaços virtuais. Se em algum momento um escritor for cobrado financeiramente ou de qualquer outro modo sutil, deverá imediatamente nos comunicar através do e-mail

varaldobrasil@gmail.com

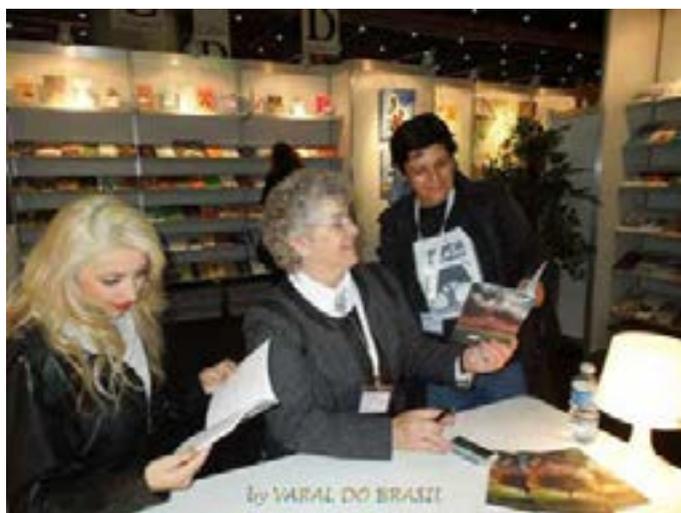
O VARAL DO BRASIL não faz divulgação de livros, lançamentos de livros e de escritores na revista e também não publica biografias ou realiza entrevistas porque desde o início foi adotada uma linha editorial para a revista que foca na publicação de textos literários e/ou acadêmicos, valorizando os autores participantes muito mais por seus trabalhos e talento e não por seus currículos. Mas atividades e eventos culturais são todos divulgados em nossos outros espaços virtuais, na medida do possível.

A revista tem no Facebook o Grupo Literário Varal do Brasil, destinado aos amigos do VARAL que desejam compartilhar seus trabalhos literários e artísticos em geral.

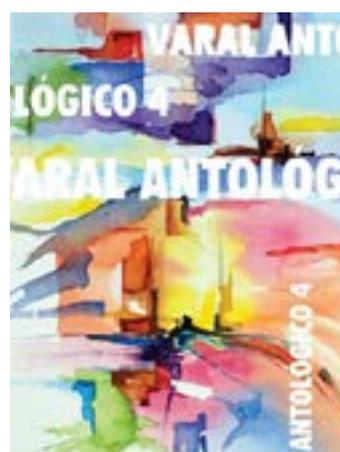


Nestes últimos anos o VARAL DO BRASIL editou seis antologias impressas (cinco da série Varal Antológico e a antologia Voando em Bando, resultado das oficinas literárias realizadas no Grupo Literário do Varal do Brasil no Facebook).

A realização de antologias contou com a cooperação participativa dos autores, mas mais de 50% do investimento financeiro final para edição das mesmas sempre foi pago por nossos responsáveis. O trabalho de edição das antologias foi feito em colaboração com os excelentes profissionais da Design Editora, de Jaraguá do Sul (SC – Brasil) e as antologias do VARAL foram lançadas na Suíça e no Brasil (Bahia, Minas Gerais e Santa Catarina) e apresentadas em diversos países.



Foi realizado durante três anos seguidos o PRÊMIO VARAL DO BRASIL DE LITERATURA, prêmio literário luso-suíço dirigido à literatura lusófona que premiou escritores nas categorias Contos, Crônicas, Poemas e Textos Infantis e que se consagrou junto ao público pela seriedade com o qual sempre foi conduzido.



A participação de do VARAL DO BRASIL no Salão do Livro e da Imprensa de Genebra, onde representou a Língua Portuguesa durante quatro anos seguidos, de 2012 até 2015, foi sempre marcante e todos os anos evidenciou-se o profissionalismo com o qual foram administradas as sessões de autógrafos e exposições e venda de livros.



Aumentando significativamente o espaço físico do estande a cada ano, atingindo a cada edição do evento um público sempre maior, iniciou a participação no evento suíço em 2012 com um estande de 6 metros quadrados e a partir de 2014 passou a apresentar a Língua Portuguesa em um estande de 50 metros quadrados.

Nosso estande apresentou e representou autores brasileiros, portugueses, angolanos, cabo-verdianos e moçambicanos.

Levou também ao evento suíço, além de livros em Português, livros em Espanhol, Francês, Alemão e Inglês. Os autores participantes, além da exposição de seus livros, tiveram momentos de autógrafos e realizaram lançamentos de suas obras individuais e antologias.

A participação de autores para autógrafos e/ou exposição de livros sempre foi cooperativamente, mas cerca de 70% do valor total do estande foi pago pelos responsáveis do VARAL.

E todo aparato e material (iluminação e energia elétrica, móveis, decoração, livros para estoque e venda, etc..) a montagem do estande total, assim como a contratação de pessoal destinado a apoio e assistência e também passagem e hospedagem dos escritores convidados, tudo foi pago pelo integralmente pelo VARAL DO BRASIL, sem subsídio público ou patrocínio privado.

Durante os eventos que realizamos, aqui na Suíça e também no Brasil, formaram-se grandes “networks” literárias que possibilitaram aos autores participantes uma visibilidade internacional como em nenhuma outra feira literária internacional realizada na Europa ou outro continente, assim como em nenhuma outra plataforma de exposição.

De nossas participações no Salão do Livro de Genebra, dos eventos organizados no Brasil e do intercâmbio realizado entre o VARAL DO BRASIL e escritores presentes, surgiram excelentes ideias que levaram os participantes à formação de grupos culturais independentes e à participação em eventos literários e culturais pela Europa, Brasil e Estados Unidos, assim como a formação e criação de inúmeros projetos culturais, Associações e produção de eventos culturais não





só na Suíça, mas em vários países da Europa, no Brasil e nos Estados Unidos. Nós nos sentimos felizes por ter conseguido ser a ponte e a fonte de tantas boas realizações.

Dezenas de escritores passaram pelo estande do VARAL DO BRASIL estabelecido no grande evento internacional de Genebra, entre eles os renomados Alice Ruiz, Luiz Ruffato, Marcelino Freire, Cíntia Moscovich e Ronaldo Correia de Brito, convidados especiais da revista e que tiveram destaque não somente em sessões de autógrafos no estande, mas também em participação em debates no palco principal do Salão, reservado para grandes escritores. Todos estes escritores reconhecidos do mundo literário, assim também como todos os novos escritores que aqui vieram ou enviaram livros para o evento, participaram pela primeira da maior feira literária suíça através de nosso estande. O VARAL DO BRASIL teve a honra de receber o escritor Paulo Coelho para uma agradável visita surpresa no estande em 2013 e dele recebeu os cumprimentos pela realização e pelos projetos até então cumpridos.

Mais de de 300 títulos foram expostos e ven-

didados durante os eventos. O público de Língua Portuguesa, não só brasileiro, residente na Suíça e região da França vizinha, sempre marcou presença no estande do VARAL, onde além dos livros, encontrava exposições de pinturas, artesanato e música ao vivo.

Entre os músicos que fizeram de nosso estande um lugar mais alegre, tivemos o carioca Marcos Assumpção e a dupla Dulcinéia Enferrujada, formada pelos talentosos brasileiros Gabriel e Thiago, residentes na Basileia (Suíça) e o talentoso casal Iolanda Giardello e Marcelo Madeira.

Destacou-se também pela beleza e colorido do estande graças às belíssimas pinturas de artistas como Maria Lagranha, Richard Calil Bulos, Nilda Lima, Silvia Bonafe e Isis Berlink Renault. Fomos também pioneiros ao levar a um evento do porte do Salão do Livro de Genebra, grupos folclóricos portugueses de música e dança, que se destacaram pelo amor às raízes e belas apresentações.

Durante todos estes anos, o VARAL DO BRASIL realizou com imensa satisfação a doação, entre a Suíça e o Brasil, de mais de três mil livros para associações, bibliotecas, escolas, Instituto Cultural, Consulado Brasileiro em Genebra e para a Prisão do Estado de Genebra, a qual hoje tem uma biblioteca em Língua Portuguesa.

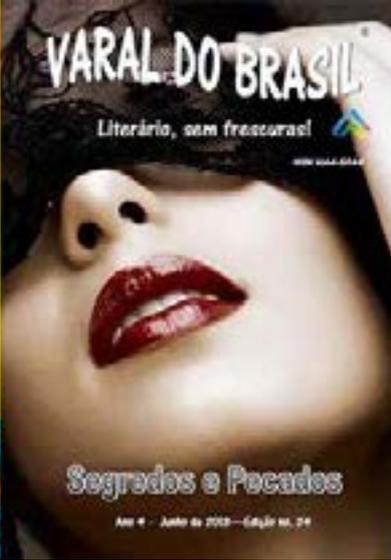
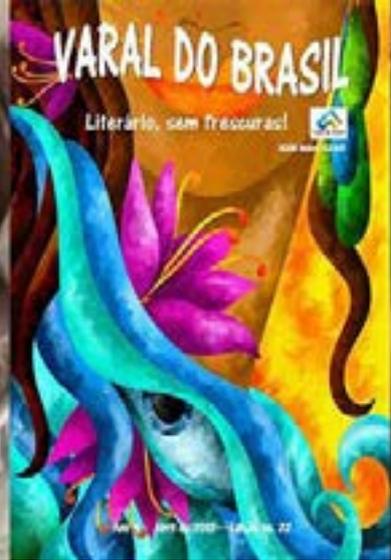
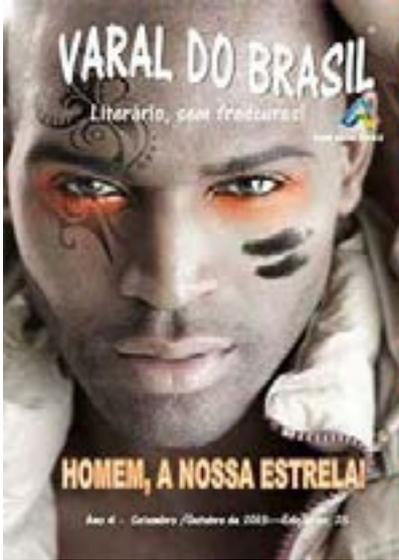
Sempre é levado adiante com seriedade o lema primeiro do VARAL, que é fazer uma literatura de qualidade, mas sem frescuras, atingindo o máximo de leitores através de atividades literárias que mostrem o talento individual de cada um dentro de um conjunto harmonioso de indivíduos que se unam num ambiente de paz e amizade.

Venha também para o VARAL DO BRASIL!

*O Blog do Varal foi permanentemente desativado. Nós divulgamos livros, eventos culturais e etc. em nossos espaços no Facebook.

Para divulgar conosco, envie para análise ao nosso e-mail varaldobrasil@gmail.com o material que deseja que seja publicado.

Toda participação na revista VARAL DO BRASIL é gratuita e a revista, que é distribuída por e-mail, redes sociais, sites e blogs é também gratuita.



GOSTOU DESTA EDIÇÃO?

ENTÃO VENHA PARTICIPAR DAS PRÓXIMAS!

- Edição de setembro, com o tema NOSSO PLANETA . Inscrições até 25 de julho, distribuição no final do mês de agosto. Você pode escrever sobre o Planeta Terra, sobre a relação do ser humano com o planeta, sobre proteção ambiental, lixo, reciclagem, formas de preservação da natureza... Você pode falar da natureza, das plantas, das matas, das árvores, dos animais domésticos e/ou selvagens (da proteção animal), dos rios, mares, cascatas, lagos, oceanos... Você pode escrever sobre os desastres ambientais (Mariana - Minas Gerais - e outros tristes exemplos), sobre o clima, as mudanças climáticas, a poluição... Enfim... use sua criatividade para enaltecer nosso planeta Terra, para abrir os olhos das pessoas sobre problemas ambientais e outros, para saudar a natureza!
- Edição especial PÁGINAS DE SANGUE (Vozes

unidas contra a violência), que será distribuída no final de setembro. Inscrições até 30 de julho.

MISTÉRIO, SUSPENSE, CONTOS, CRÔNICAS, HISTÓRIAS POLÍCIAS CRIADAS, VIVIDAS OU NARRADAS...

- Quem nunca leu Agatha Christie, Arthur Conan Doyle, Edgar Allan Poe, entre tantos outros...
- Quem nunca assistiu filmes de Alfred Hitchcock, Martins Scorsese, Quentin Tarantino, entre muitos outros...
- Quem não conhece os famosos personagens de séries policiais/de suspense da televisão como Dexter (Dexter), Tony Soprano (Sopranos), Walter White (Breaking Bad) e outros anti-heróis que conquistaram o público...
- Quem não ouviu falar dos grandes crimes da história mundial contra indivíduos ou contra sociedades inteiras...
- Quem não conhece as notícias atuais que nos falam de terrorismo, ataques cruéis contra mulheres, homossexuais, assassinatos brutais e tantas desgraças mais...
- Quem não sabe das guerras que continuam a massacrar o planeta?

Realidade ou ficção, traga o seu talento!



**VOLTAREMOS EM
AGOSTO COM A EDIÇÃO
ESPECIAL Nº 43
FALANDO DO
NOSSO PLANETA!**

www.varaldobrasil.com

varaldobrasil@gmail.com

